

Universidade Federal Fluminense  
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia  
Departamento de História  
Programa de Pós-graduação em História

Coisa de pele: relações de gênero, literatura e mestiçagem feminina  
(Rio de Janeiro, 1880-1910)

Giovana Xavier da Conceição Côrtes

Niterói  
2005

Giovana Xavier da Conceição Côrtes

Coisa de pele: relações de gênero, literatura e mestiçagem feminina  
(Rio de Janeiro, 1880-1910)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em História.  
Orientador: Prof.<sup>a</sup> Dra. Rachel Soihet

Niterói  
2005

Giovana Xavier da Conceição Côrtes

Coisa de pele: relações de gênero, literatura e mestiçagem feminina  
(Rio de Janeiro, 1880-1910)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-graduação em  
História Social da Universidade Federal Fluminense, como parte dos  
requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em História.  
Orientador: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Rachel Soihet

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Rachel Soihet (Orientadora)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Martha Campos Abreu

---

Prof. Dr. Flávio dos Santos Gomes

Niterói

2005

Ficha catalográfica

*A minha mãe, Sonia Regina  
Xavier da Conceição por  
me ensinar a driblar os  
obstáculos dessa longa  
caminhada com a coragem  
e sabedoria herdadas de  
nossas ancestrais.*

Giovana Xavier da Conceição Côrtes

Coisa de pele: relações de gênero, literatura e mestiçagem feminina  
(Rio de Janeiro, 1880-1910)

### RESUMO

O objetivo deste trabalho é investigar os diversos sentidos atribuídos à mestiçagem feminina na literatura brasileira entre 1880 e 1910. Através do romance *A viúva Simões* de Júlia Lopes de Almeida tento reconstituir a figura de Ernestina à luz das estereotípias que conduzem o seu processo de construção imagética. Dessa forma, os debates e projetos em torno da formação da nação na virada do século são o pano de fundo da pesquisa.

Menos do que ver o estereótipo como categoria estática, procura-se resgatar seu caráter dinâmico, pois seus significados são alterados por variantes sociais tais como a classe. Observando a trajetória da personagem, uma viúva morena e rica nota-se que sua imagem extrapola o modelo estático da “mulata sensual” ou da “morena provocante”. Sua figura vincula-se à construção de papéis sociais marcados pelas tensões e conflitos oriundos do processo histórico de racialização do gênero feminino.

## SUMÁRIO

<b>Agradecimentos.....</b>	<b>8</b>
<b>Introdução .....</b>	<b>10</b>
I Uma “ego-história”.....	10
II Mulheres negras: histórias, trajetórias e pensamento acadêmico.....	12
III O diálogo colorido entre história e literatura .....	16
IV Apresentação dos capítulos .....	19
<b>Capítulo 1: Gênero e feminegridade .....</b>	<b>23</b>
1.1 Sexo e raça no paraíso tropical esquecido por Deus.....	23
1.2 “Do lar” à Academia: apontamentos sobre o feminismo clássico nos centros de saber.....	26
1.3 A “mancha negra”: considerações sobre os estudos de gênero e raça no Brasil .....	31
1.4 A atualidade de Lélia Gonzalez.....	34
1.5 Feminegridade e branquidade.....	48
<b>Capítulo 2: “Lugar de mulher é em casa” .....</b>	<b>53</b>
2.1 Nação, mulher e família.....	53
2.2 Discursos burgueses sobre o feminino na virada do século.....	55
2.3 Pensando “entre quatro paredes”: Júlia Lopes de Almeida, a mãe-esposa- intelectual.....	59
<b>Capítulo 3: Até a coisa de pele .....</b>	<b>67</b>
3.1 O “defeito de fábrica” de Ernestina: mulher burguesa, <i>porém</i> mestiça.....	67
3.2 De honrada à “bacante” .....	73
3.3 “Luz” x “Fogo” .....	89
3.4 Racializando Ernestina .....	103
3.5 Outras feminegridades .....	106
3.6 Coisa de pele.....	117
Referências bibliográficas.....	123

## **Agradecimentos**

Agradeço especialmente aos membros da Banca Examinadora de Qualificação: a minha querida orientadora Rachel Soihet por aceitar essa empreitada e ter ajudado a conduzi-la sempre disposta a ouvir, adentrar por perigosas trilhas e construir novos caminhos ao meu lado, a Flávio Gomes que desde os tempos da graduação me ajuda a entender coisas que antes pareciam sem significado, à Martha Abreu pelas contribuições associadas a sua espontaneidade e seu bom humor. Constituir uma Banca de Defesa que não essa, seria interromper algo que construímos juntos.

Não haveria papel suficiente para nomear as mãos que ajudaram a compor esse trabalho das mais diversas formas: minha avó Leonor Xavier da Conceição por seu amor incondicional, meu saudoso avô Julberto da Conceição, Elenir Xavier das Dôres e Márcio Pereira da Silva, grande parceiro nos momentos de alegria e nos de angústia suscitados pelas dúvidas e incertezas inerentes à arte de fazer história. Magali Gouveia Engel e Maria Lúcia Mott de Barros que -- em diferentes momentos -- fizeram-me despertar para importantes questões da pesquisa. Amauri Pereira Mendes e Rosana Heringer, coordenadores do Grupo de Estudos Ações Afirmativas e Políticas Públicas do Centro de Estudos Afro-Brasileiros, parte do projeto Afro-Rio Século XXI: modernidade, agenda afro-descendente e anti-racista no Rio de Janeiro, financiado pelo CNPq assim como os (as) demais amigos que compõem essa valorosa iniciativa. O amigo Marc Herztman, o mais original dos cariocas, Maika Lois Carocha e William Martins pela nossa gigantesca amizade. Anna Carolina Oliveira Meirelles da Costa e Débora Paiva Monteiro por sempre terem uma palavra florida para oferecer. Aqueles (as) que se aventuraram a conhecer e ensinar nas manhãs e tardes de sábado um pouco da nossa história “no outro lado do



Atlântico”: José Ribamar Duarte, Ricardo Martins, Luiz Fernandes de Oliveira, Luiz Carlos Barreto, Felipe e Edson Borges. Alyxandra Gomes, Anete Paes, Inácia Stella, Fernanda Felisberto, Magali Mendes, Sonia Feirosa, Sílvia Maria Fernandes, companheiras no doce desafio de sermos mulheres negras. Mariana Blanco Rincon, que me ensinou a ver que “as mulheres correm com os lobos”. A mais que amiga Bianca da Cunha Vega. As amefricanas Elizabeth Viana e Raquel Andrade, pois sem nossos eternos desabafos esse trabalho teria outro contorno. Marquinhos de Oswaldo Cruz e Denise Barata pela amizade sincera e por compartilharem comigo um amor incondicional ao universo do samba. A querida Schuma Schumacher, por seu carinho e confiança e as amigas Maria da Guia Oliveira Félix, Kátia Costa, Marlúcia da Silva e Márcia Lemos. Douglas Átila, Fernanda Castro, Sérgio Henrique e professor Carlos Fico, Adriano Macedo Garcia, grande amigo e companheiro de pesquisa quando tudo começou, sua mãe, tia Creusa e a amiga de sempre Gilciane Araújo. Amilcar Pereira da Silva e Beth por sempre se lembrarem de mim. Nozimar do Couto pela cumplicidade de longa data. Marisa Schincariol, Gabriela Buscaio, Kelly Amaral e Érika Arantes, amigas dentro e fora da universidade. Aleusis, Tarcísio, Tadzio, Ian e Vicente pelos momentos de alegria. Os amigos Igor Lazari, Karla da Silva, Marcelo, Leonardo Bertolossi, Inês, Raquel, Carlos, Luiz Carlos, Normanda Freitas, Elen, Vanda e Franci Cytrin por acreditarem na tal educação transformadora que anda um pouco esquecida. Mário Branco, Stella Guerreiro, Juceli Santos, David Santos e Andréia Cardoso pela gentileza com que sempre atenderam às minhas solicitações perante a Secretaria do Programa. Finalmente, agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por ter concedido 22 meses de bolsa, sem a qual este trabalho não seria o mesmo.

## **Introdução**

### **I Uma “ego-história”**

Foi na adolescência que li *O Cortiço* pela primeira vez. Além de bastante perverso, achei algo muito distante da minha realidade. Não fiz muitas retenções dessa leitura inicial, pois não fora fruto de interesse pessoal e sim de uma imposição do professor de Literatura Brasileira do primeiro ano do ensino médio.

Retomaria a leitura em dois outros momentos. Primeiro, em 1998, como estudante de graduação em Letras na Universidade Federal Fluminense. Minha preocupação, na ocasião, era analisar a escola literária da qual fazia parte Alúcio de Azevedo. Por outros motivos, ficaria novamente impedida de me deixar tocar, de sentir, de humanizar a leitura e de aproximá-la das minhas experiências cotidianas.

Quando da leitura mais uma vez (e não a última) já cursava a graduação em História na Universidade Federal do Rio de Janeiro. A troca do curso de Letras por aquele de História talvez tenha aí uma explicação. Comecei a me aproximar e me apaixonar cada vez mais por História Social e mais especificamente pelas possibilidades de diálogo entre História e Literatura.

Daí para frente, o interesse pelo Rio de Janeiro imperial e republicano fez-me concluir que minha área de investigação teria que estar diretamente relacionada ao universo urbano do século XIX e precisamente com as relações de gênero e as identidades nacionais construídas a partir delas.

Hoje, posso dizer que a terceira leitura do romance foi um marco, pois abriu grandes janelas para o desenvolvimento de perspectivas pessoais e acadêmicas vinculadas à universidade e ao meu papel dentro e fora dela como mulher negra. Se na adolescência não fui sensibilizada pela narrativa de Alúcio de Azevedo, aos vinte e seis anos, percebo o

quanto carrego internamente Bertoleza e Rita Baiana. Não se trata de crise existencial com herança juvenil. Para reconstituir esse processo de internalização penso nas perspectivas de Le Goff sobre a “ego-história”<sup>1</sup> que trazem à tona as interseções entre temas, objetivos, justificativas e escolhas intelectuais que consideram vida social e contextos envolventes.

Posso explicar melhor. As imagens construídas em torno das duas personagens desde a infância sempre estiveram comigo. Quando ainda no ensino fundamental era apelidada dos nomes mais ignóbeis pelos colegas de turma devido à cor escura de minha pele. Compreendo inclusive o processo histórico da minha não sensibilização inicial com a leitura do referido romance e seus significados.

A perversidade que detectei no primeiro contato com o romance também estava presente nas brincadeiras de pátio e nas piadas em sala de aula. Frequentemente fui identificada como a **escrava** presente nos livros didáticos. A saber, era a escrava Anastácia com seus olhos azuis tão próximos, mas completamente distintos de meus olhos negros. Apesar de nunca ter sido resignada e subserviente, eu percebo que, naquele momento, Bertoleza de alguma forma se confundia comigo apropriando-se da minha alma ao fazer com que eu me encolhesse no canto da sala torcendo para que a professora Gilsa não pedisse aos alunos que abrissem o livro nas páginas com imagens da escravidão, canonizadas em figuras caricatas de pai João, Anastácia e Zumbi dos Palmares.

Mais ou menos a partir dos dezoito anos, Bertoleza foi se diluindo, ou melhor, transmutando-se na figura de Rita Baiana, que, daí em diante, passou a tomar conta de minha alma que, mesmo assim, era permanentemente revisitada por Bertoleza. Continuei sendo apelidada por meus companheiros de classe e agora também pelos das mesas dos bares. Porém, ao invés de rirem, seus olhares recaíam sob mim com manifestações

---

<sup>1</sup> LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1996.

explícitas de cobiça e desejo, pois deixei de ser a “crioula suja” e alterei, ou melhor, alteraram o meu *status* para o de “demônio”. Descobria – em meio à angústia e à inquietação - que muitos deles disputavam o feitiço da negra bela e exótica que outrora tinha sido o “chimpanzé” da turma.

Dentro desse contexto envolvente, a combinação entre gênero e raça suscitou-me uma série de questões oriundas de uma contemporaneidade onde ser negro é estar em evidência desde que para atender os interesses da classe hegemônica (e suas representações) e reproduzir ainda mais as idéias de identidades sociais e práticas negras ligadas intimamente ao erotismo, à sexualidade e aos essencialismos culturais latentes.

A naturalização das Ritas à frente das baterias de escolas de samba devido aos “seus mágicos movimentos de cobra amaldiçoada”<sup>2</sup> assim como a das Bertolezas penduradas nas janelas dos “arranha céus” limpando vidraças, varrendo o chão de museus, escolas e restaurantes e, ao final do dia, disputando um banco no trem para descansar seu corpo exausto me fazem entender porque ainda com dezesseis anos eu conseguia enxergar a perversidade presente nas linhas de *O Cortiço* e até hoje a sinto presente na minha história.

## **II Mulheres negras: histórias, trajetórias e pensamento acadêmico**

Venho de uma família na qual as mulheres há pelo menos quatro gerações desempenham papéis protagonistas e por vezes solitário na administração e no provento da casa. De fato, a ausência de uma figura masculina na estrutura familiar não é peculiaridade dos grupos descendentes de africanos, contudo não se pode ignorar que ela se repete nas sucessivas gerações negras por motivos praticamente invariáveis: falta de recursos para saúde e educação, abandono paterno durante a gravidez, violência doméstica contra a mulher, alcoolismo, envolvimento com o tráfico de drogas, prisão, etc.

---

<sup>2</sup> AZEVEDO, Aluísio de. *O cortiço*. Rio de Janeiro: Click, 1998, p. 63.

Essa tônica é uma das marcas produzidas por um processo pós-emancipatório que não se preocupou em construir oportunidades para os herdeiros infortunados da escravidão. Ainda hoje, os reflexos da inexistência de políticas públicas ligadas ao trabalho, à saúde e à educação para ex-escravos e escravas podem ser observados na composição populacional dos presídios, no perfil dos trabalhadores do tráfico de drogas, das empregadas domésticas, que são “praticamente da família”, dos ambulantes e daqueles que trabalham em outros postos de baixa remuneração ocupados pelas classes subalternas da sociedade brasileira.

Considerando as peculiaridades de cada processo histórico, ao contrário das reivindicações das feministas brancas, a luta das mulheres negras não se focaliza na necessidade de transgredir a lógica da família burguesa e a educação voltada para o lar. Nossa luta – historicamente observada – tem sido para reconstituir e resgatar valores ligados à estabilidade e à harmonia familiares, que mesmo atacados durante mais de três séculos de escravidão, nunca se destruíram por completo embora renomados pensadores tenham insistido no caráter de promiscuidade das senzalas e na incapacidade negra para constituição de estruturas familiares sólidas. Processo doloroso e triste esse que deixa para gerações como a minha marcas indeléveis de um passado histórico que insistia em nos tratar como coisas...

Lembro dos relatos de minha avó Leonor, que passava noites e mais noites na máquina de costura para garantir a educação e a saúde de seus três filhos após ter perdido o primeiro marido, vítima de tuberculose. Também recordo que quando criança pouco via Sonia, minha querida mãe, porque paradoxalmente ela trabalhava integralmente educando outras crianças para me garantir uma educação de qualidade. Sendo assim, me sinto na obrigação de perguntar como posso desconsiderar essas e outras lembranças

desvincilhando-as da prática acadêmica, e mais, por quê deveria fazer isso? Qual seria o sentido?

Para além de um desabafo, o trabalho que desenvolvo diz respeito a trajetórias como a das mulheres da família Xavier que juntas forneceram aos filhos, filhas, netas e netos subsídios para que pudéssemos trilhar caminhos que rompam com a lógica da solidão, do abandono e do preconceito racial que no caso das mulheres negras tem se colocado de maneira especificamente cruel.

A história da diáspora africana mostra que as marcas e falas desse percurso têm sobressaído como canal de condução para o pensamento de intelectuais negras que através da academia procuram realizar um trabalho de desconstrução das lógicas machistas e sexistas vinculadas ao estereótipo da sexualidade exacerbada de mulheres negras, construído pelas elites brancas. De acordo com bell hooks:

É o conceito ocidental sexista/racista de quem e o quê é um intelectual que elimina a possibilidade de nos lembrarmos de negras como representativas de uma vocação intelectual. Na verdade, dentro do patriarcado capitalista com supremacia branca, toda a cultura atua para negar às mulheres a oportunidade de seguir uma vida da mente, torna o domínio intelectual um lugar “interdicto”. Como nossas ancestrais do século XIX, só através da resistência ativa exigimos nosso direito de afirmar uma presença intelectual. O sexismo e o racismo, atuando juntos, perpetuam uma iconografia de representação da negra que imprime na consciência cultural coletiva a idéia de que ela está neste planeta principalmente para servir aos outros. Desde a escravidão até hoje, o corpo da negra tem sido visto pelos ocidentais como o símbolo quintessencial de uma presença feminina “natural”, orgânica, mais próxima da natureza, animalística e primitiva.<sup>3</sup>

Diante disso, situamos este trabalho dentro das fronteiras transnacionais do “atlântico negro” onde bell hooks tem muito a dizer sobre intelectualidade e feminino negros e vice-versa. Nesses termos, a lúdica idéia do “atlântico negro” diz respeito aos diálogos e canais de comunicação estabelecidos entre as Américas e o mundo na formação de comunidades, identidades e processos sociais conduzidos pelos movimentos históricos

---

<sup>3</sup> hooks, bell. Intelectuais negras. *Estuãos Feministas/ Dossiê Mulheres Negras*, Rio de Janeiro: IFCS/ UFRJ, v. 3, n. 2, p. 464-478, 1995, p. 468.

da diáspora e da escravidão africanas. Nesse sentido, ao invés de partir de essencialismos raciais ou de uma África estática, concordo com Gilroy quando ele enfatiza a necessidade de considerar o caráter de mutabilidade das identidades afro-diaspóricas, permanentemente alteradas pelos agentes e por suas experiências históricas.<sup>4</sup>

No interior do longo processo histórico de diáspora das populações africanas e das identidades recriadas por seus descendentes aqui na América Negra, demarco o interesse em trabalhar com história e literatura para descortinar as relações entre gênero e raça como produtoras de desigualdades sociais, estigmas, estereótipos e imagens de mulheres negras – morenas, mulatas e mestiças - cristalizados na nossa contemporaneidade.

A principal motivação é tentar reconstituir os processos históricos, seus significados e suas narrativas referentes à produção das imagens sobre as mulheres negras entre 1880 e 1920 no Rio de Janeiro. O crescimento urbano, as fronteiras abertas do mercado de trabalho nas cidades, as mudanças sociais, o aumento da população negra, não só escrava; constituem cenários providenciais para a gestação de imagens e representações - não somente discursivas, mas envolvidas nas experiências históricas concretas - sobre mulher, mulher mestiça e mulata, trabalho feminino, maternidade, práticas sexuais, casamento, virgindade, pudor, honra etc.

Como num caleidoscópio é possível descortinar através de fragmentos de narrativas, reunidos na literatura e articulados com a lógica do historiador representações sobre corpos, mentes, cotidiano e práticas sociais de mulheres negras. A construção dessas imagens deve ser decodificada e interpretada no interior de discursos cruzados produzidos tanto por

---

<sup>4</sup> GILROY, Paul. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

literatos, políticos e higienistas, como no interior das experiências de agentes históricos de várias cores e identidades sociais.

### III O diálogo colorido entre história e literatura

O trabalho de pesquisa histórica a partir da literatura é uma tarefa muito instigante. Longe de se restringir à narrativa meramente ficcional, os romances caracterizam-se pela descrição detalhada de cenários, personagens, relações sociais e contextos, todos esses - sem dúvida - históricos. Assim sendo, cabe ressaltar que o intercâmbio entre produção do texto histórico e literatura tem ocupado lugar de destaque na historiografia contemporânea.<sup>5</sup>

O uso da literatura como fonte consolida o reconhecimento da importância da linguagem, dos textos e das estruturas descritivas que tentam apreender as realidades históricas. Nesses termos, os romances fornecem a possibilidade de tentar captar o conceito dos processos sociais através da reconstituição cenários e agentes inseridos num dado contexto.

A lógica de produção dos romances não é explicada somente por um caráter ficcional, mas por aquele da produção informada pela realidade. Desta forma, detalhes como escolhas temáticas de quem escreve se convertem em indícios sobre o contexto histórico da época. Assim, considero que os romances se configuram num importante material histórico no estudo das relações raciais e de gênero. Por seu intermédio observo a visão a respeito das populações femininas negras numa sociedade dominada politicamente pelos padrões comportamentais burgueses.

---

<sup>5</sup> CHALHOUB, Sidney & PEREIRA, Leonardo Afonso (Orgs.). *A História contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988; CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis, Historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003; CHIAPPINI, Ligia (Org.). *Literatura e história na América Latina*. São Paulo: Edusp, Centro Angel Rama, 2001.



Como as relações entre brancos e negros são apresentadas na literatura brasileira?<sup>6</sup> Antes de responder, é necessário olhar atentamente para os detalhes do plano real presentes na narrativa destas produções porque elas nos informam sobre aspectos da situação racial brasileira, conflitos e solidariedades interracialis, discriminação, denúncia da crueldade da escravidão, religiosidade, etc, contribuindo decisivamente para a luta historiográfica de conferir às comunidades negras o papel de agentes políticos condutores de processos históricos variados.

De fato, a presença negra na literatura da época é inegável. Criadas, amantes, cocheiros, cozinheiras, lavadeiras, escravos ao ganho, esta presença é sentida em toda parte, por isso, como sugere Cavendish "é fundamental captar laços entre seres ficcionais e a realidade histórico-social de seu contexto"<sup>7</sup> dentro do "movimento dialógico de percepção-recepção"<sup>8</sup> entre escritor (a) e público leitor. Entretanto, cabe destacar que como qualquer fonte histórica, a literatura também apresenta especificidades e limites que a aproximam e separam-na da história. Segundo Edgard de Decca:

Apesar das afinidades, a história se distingue do romance pois ela caracteriza-se como conhecimento preocupado em descobrir a trama de constituição do real e para isso não basta apenas esforço de narratividade. Ela está completamente ancorada em um método de investigação e presa a uma base empírica, que são os documentos, ou pistas, ou as ruínas do passado. Ela é uma representação do real, pois o passado, ou o real vivido não se oferece diretamente aos olhos do historiador, ela é um conhecimento configuracional.<sup>9</sup>

Nesses termos, Collingwood define três regras fundamentais que distinguem história e literatura:

---

<sup>6</sup> Dentre outros romances, esses destacam vários aspectos da personalidade e do comportamento dos personagens negros ASSIS, Machado de. *Iaiá Garcia*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1969; AZEVEDO, Aluísio de. *O mulato*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1969; GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1969; MORAES, Nascimento. *Vencidos e degenerados*. São Luis: Centro Cultural Nascimento de Moraes, 2000.

<sup>7</sup> CAVENDISH, Márcia Wanderlei. *A voz embargada: imagem da mulher em romances ingleses e brasileiros do século XIX*. São Paulo: Edusp, 1996, p. 27.

<sup>8</sup> *Ibidem*, p. 10.

<sup>9</sup> DECCA, Edgard Salvadori de, op. cit., p. 16.

(1) o historiador trabalha, obrigatoriamente, com espaço e tempo definidos, e é sobre essa determinação que o tema analisado deve ser entendido; (2) existe apenas uma historicidade, isto é, característica que garante contexto ao tema; (3) a imaginação histórica não é completamente livre e necessariamente tem que se remeter à questão da evidência.<sup>10</sup>

Entramos numa importante marca: a do compromisso de historiadores e historiadoras em informar sujeitos sobre uma dada realidade histórica. Partindo dessa premissa, usar a literatura não significa sua mera conversão à realidade, mas sim problematizar discursos e destrinchar entrelinhas de documentos produzidos por agentes em certos contextos envolventes.

Trata-se de efetuar uma “história social da literatura”<sup>11</sup> através da historicização das obras literárias considerando que a ficção é informada por interpretações e significados da história num dado momento. É preciso enfatizar o agora – momento de produção do texto - enquanto tempo histórico para compreender as intenções, os conflitos e as ideologias embutidas nas expressões literárias.

O processo de historicizar os romances consiste em tratar a literatura como algo vivo e dinâmico, delineado a partir do movimento da sociedade que lhe confere seu *pedigree* de testemunho histórico. Como qualquer outra fonte histórica, eles devem ser interrogados à luz das suas particularidades e da “lógica social do texto”.<sup>12</sup> A necessidade de observar as relações entre história e literatura está diretamente ligada à investigação dos processos sociais. Conforme mencionado, a própria motivação para se escrever provém das interações humanas entre múltiplos agentes. Dentro deste pressuposto da historicidade, a literatura proporciona a observação mais detalhada do intercruzamento entre as hierarquias de raça e de gênero no processo de construção da identidade nacional.

---

<sup>10</sup> Apud CHIAPPINI, Lígia (Org.). *Literatura e história na América Latina*. São Paulo: Edusp, Centro Angel Rama, 2001, p. 153.

<sup>11</sup> CHALHOUB, Sidney & PEREIRA, Leonardo Afonso (Orgs.). *A História contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

<sup>12</sup> *Ibidem*, p. 8.

Pensando na vasta produção literária do Brasil de fins do século XIX e começo do XX torna-se possível decodificar importantes códigos sociais esboçados nos discursos das elites intelectuais. Nesse momento, a literatura adquire *status* de voz nacional à medida que seus textos preocupam-se em construir – através da linguagem ficcional – modelos para a nação e seus cidadãos que abarquem os processos da escravidão, emancipação e consolidação da República. Inúmeros romances encarnam o projeto nacional propondo caminhos para alcançar o ideal europeu e denunciando conflitos e tensões oriundos de uma sociedade majoritariamente negra e mestiça que se quer branca.

Levando-se em consideração todos esses pressupostos, a história enquanto construção só pode ser levada a cabo mediante provas e indícios que brotam no vasto terreno da investigação. A história é a disciplina das possibilidades onde por intermédio do trabalho de reconstituição dos processos sociais e dos sujeitos nele envolvidos nada é anulado ou desconsiderado, mas problematizado e interrogado enquanto possíveis interpretações do real.

A interdisciplinaridade entre história e literatura não se resume ao estabelecimento de fronteiras rígidas entre os planos real e ficcional. É preciso ir além considerando as interseções entre essas duas narrativas na produção de mitos e ideologias. Entendendo a narrativa literária como arena de conflitos entre projetos contrastantes, figuras como Júlia Lopes de Almeida e Aluísio de Azevedo, Rita Baiana e Ernestina tornam-se simultaneamente agentes e personagens de um processo histórico determinado.

#### **IV Apresentação dos capítulos**

O objetivo deste trabalho é analisar a produção imagética de mulheres negras – morenas, mulatas e mestiças, na literatura brasileira entre 1880 e 1910 no Rio de Janeiro

através do romance *A viúva Simões* (1897) de Júlia Lopes de Almeida (1862-1934). Assim, a principal porta de entrada é a literatura como fonte histórica.

Sem ter a pretensão de solucionar a complexidade do sistema de classificações raciais no Brasil, considero que as mulheres morenas, mulatas e mestiças fazem parte – de diversas formas - do universo sócio-racial das mulheres negras. Contudo, aqui a mestiçagem é um elemento central no entendimento dos significados sociais atribuídos às múltiplas cores femininas.<sup>13</sup>

Desta forma, respeitando a terminologia das obras literárias, trabalho com as categorias raciais “morena”, “mulata” e “mestiça”, menos preocupada em empreender critérios sistemáticos de distinções raciais entre as mesmas do que em interrogar os sentidos assumidos pelos matizes da pele escura feminina. O que interessa é destrinchar as nuances da combinação entre cor e gênero no contexto da virada do século XIX para o XX.

Através do diálogo entre História e Literatura procura-se estabelecer uma via para a reconstituição das relações entre raça e gênero interpretadas pelas elites intelectuais a partir dos preconceitos oriundos da escravidão e de suas recriações nos cenários do pós-emancipação e da República.

No primeiro capítulo, faço uma contextualização histórica das relações interracialias nos trópicos e de seus efeitos para as mulheres negras. Ancorada em importantes estudos de gênero, enfatizo que a condição feminina não pode ser pensada abstratamente, como algo isolado do movimento da história, e sim por intermédio do cruzamento de variantes como raça, classe, religião, nação, etc. ou do contrário comete-se o equívoco de considerar a mulher como categoria universal.

---

<sup>13</sup> Sobre o processo histórico da mestiçagem no Brasil ver LIMA, Ivana Stolze. *Cores, marcas e falas: sentidos da mestiçagem no Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003.

Feito isso, percorro a história dos estudos sobre gênero e mulheres na academia tendo como marco a década de 1980, momento em que a agenda feminista começa a ser repensada a partir da crítica feita pelas mulheres negras ao chamado “feminismo branco”, que conferia ao gênero o *status* de marcador de diferenças prioritário.

Para considerar o (s) lugar (es) das mulheres negras no âmbito de gênero, utilizo como referencial parte do pensamento de Lélia Gonzalez, uma das precursoras em incluir esta discussão (de gênero) no Movimento Negro Unificado. Baseada nos “Estudos Críticos de Branquidade” desenvolvo as categorias de “sexualização” e feminegridade” para pensar as particularidades históricas que envolvem tais agentes.

No segundo capítulo, mapeio temas centrais do projeto higienista reservado à família e ao casamento pelo discurso burguês em fins do oitocentos. Apresento ainda alguns aspectos ligados à imagem e ao pensamento de Júlia Lopes de Almeida que ocupam relevância na pesquisa. Ressalto o conflito entre “público” e “privado” na construção da sua figura de renomada literata, primorosa dona de casa, mãe perfeita e esposa exemplar simultaneamente.

Esta compatibilidade entre casa e rua coloca Júlia numa posição excepcional em relação à maioria de seus pares femininos, as mulheres ricas. Imbuídos pelo ideário burguês de feminilidade, os textos da escritora aparecem permeados por aspectos que corroboram visões preconceituosas acerca da conduta das classes subalternas e especificamente das mulheres mestiças e mulatas.

No terceiro capítulo, parto para análise das fontes. Através de *A viúva Simões*, folhetim de 1897, publicado como romance em 1902, reconstituo a trajetória de Ernestina, protagonista da história e tento demonstrar que mesmo sendo uma mulher burguesa, que atende ao padrão feminino universal daquele momento (mãe exemplar, esposa dedicada,

viúva recatada, dona de casa eficiente, etc), a “morenice” da sua pele se sobrepõe à boa conduta fazendo com que seu comportamento desajustado em relação aos códigos burgueses se justifique pela classificação fenotípica morena. Percorro assim os sutis caminhos trilhados por Júlia para a racialização de Ernestina.

Junta-se à Ernestina, Bertoleza, a escrava “suja” e Rita Baiana, a mais consagrada das mulatas na literatura brasileira. Por intermédio de alguns apontamentos sobre suas imagens, procuro apresentar outras apropriações da feminegridade no discurso literário. Através dos atributos físicos e do comportamento social das célebres personagens de *O cortiço* penso na produção de uma espécie de “fenótipo comportamental” que marca os discursos intelectuais acerca dessas mulheres e de suas condutas.

Nesse sentido, as personagens de *A viúva Simões* (1902) e *O cortiço* (1890) são uma lente para interpretação dos sentidos da mestiçagem feminina. Suas imagens são produzidas e articuladas com questões centrais ao fim do XIX e início do XX: construção de uma identidade nacional racializada, intervenção do Estado nos comportamentos femininos através da Justiça e da Medicina, políticas higienistas, discursos intelectuais, teorias raciais, papéis sociais e sexuais de homens e mulheres, dentre outras.

africanas no Novo Mundo, a sexualidade ganha papel cada vez mais relevante na condução das relações entre índios, europeus e agora africanos.

Ao longo do processo de colonização, a visão européia - ancorada na superioridade racial e na doutrina cristã - coexistiu com um forte paradoxo entre o moralismo e a exploração da sensualidade<sup>3</sup>, consolidando a liberdade corporal observada no Brasil como uma espécie de “estranhamento”. No interior desse processo, a mistura das três raças pode ser revisitada sob outros prismas que não apenas aquele da brasilidade mestiça como símbolo nacional. Torna-se necessário (re) pensar outras interações entre miscigenação e sexualidade.

De fato, estas categorias ocupam lugar destacado na formação do mito de origem da sociedade brasileira. Contudo esta associação se intensificou e se recria até os dias de hoje devido – dentre outros - ao caráter sexual exacerbado, tenazmente atribuído às escravas africanas e, mais tarde, às mulatas e mestiças, como um traço inerente à raça negra. Nesses termos, não é demais enfatizar que o rótulo do Brasil como produto da mestiçagem carrega dois componentes inatos: a luta sexual de mulheres negras no Novo Mundo e a apropriação etnocêntrica de seus corpos e imagens como “puro sexo”.

Nesses termos, construo e utilizo a categoria “sexualização” para análise das representações sexuais das mulheres negras. A sexualização se refere à supervalorização dos seus traços físicos como textos que expressam restritamente e de maneira exacerbada o erotismo, à sensualidade e à sedução. Dessa maneira, tais sujeitos ocupam um lugar particular nas hierarquias de gênero e raça: aquele do puro corpo fornecedor de prazeres carnavais. Na contrapartida, as representações em torno das mulheres brancas são definidas –

---

<sup>3</sup> SOIHET, Rachel. A sensualidade em festa: algumas representações dos corpos femininos nas festas populares no Rio de Janeiro – séculos XIX e XX. *Diálogos Latinoamericanos*, Dinamarca: CLAS – Centro de Estudos Latinoamericanos, Universidade de Aarhus, v. 2, p. 92-114, 2000, p. 92.

grosso modo - a partir de uma sexualidade ligada a códigos estéticos e comportamentais, oriundos da suposta moralidade inscrita na pele clara. Nesses termos, menos do que manifestação ou orientação sexual – como sugere sexualidade - sexualização faz menção à situação particular vivenciada pelas negras nas Américas. Ela diz respeito a papéis sexualizados por intermédio da conjugação do adjetivo negro no feminino, ao contrário da experiência das mulheres brancas, interpretadas como protótipos das mães e esposas.

Bastante ilustrativo dessa sexualização são os relatos dos viajantes europeus no século XIX. Em 1845, o Conde de Suzannet mostrava grande preocupação com a substituição das esposas brancas pelas escravas fornecendo indícios sobre o intercruzamento de sexo e raça nos trópicos.

As mulheres brasileiras gozam de menos privilégios do que as do oriente. Relegadas, na maioria das vezes, ao convívio das escravas, elas levam uma vida inteiramente material. Casam-se cedo e logo se deformam pelos primeiros partos, perdendo assim os poucos atrativos que podem ter tido. Os maridos apressam-se em substituí-las por escravas negras ou mulatas. O casamento é apenas um jogo de interesses. Causa espanto ver-se uma moça ainda jovem rodeada de oito ou dez crianças: uma ou duas apenas são delas, as outras são do marido, os filhos naturais são em grande número e recebem a mesma educação dos legítimos. A imoralidade dos brasileiros é favorecida pela escravidão e o casamento é repellido pela maioria, como um laço incômodo e um encargo inútil.<sup>4</sup>

Está interação física - pautada na violência e na dominação na maioria dos casos - entre senhores e escravas foi a responsável inicial pela miscigenação no Brasil, vista hoje como nosso principal símbolo de identidade nacional e calorosamente enfatizada por alguns autores como a “justificativa para o caráter sexual da vida brasileira” devido ao contexto em que foi produzida.<sup>5</sup>

No entanto, o que foi convenientemente chamado de “preferência” dos homens brancos pelas mulheres negras e, em especial, mulatas e mestiças como amantes é resultado

---

<sup>4</sup> SUZZANNET, Conde de. *O Brasil em 1845: semelhanças e diferenças após um século*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1954, p. 46.

<sup>5</sup> PARKER, Richard. *Corpos, prazeres e paixões. A cultura sexual no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Best Seller, 1991, p. 49.



de um processo que encontra bases históricas na longa experiência da escravidão africana. O pano de fundo desta predileção sexual (uma das múltiplas faces da sociedade escravista) trás consigo marcas e imagens recriadas no pós-emancipação e ainda presentes na nossa contemporaneidade. Muitos são os fatores que têm contribuído para esta recriação das estereotípias de mulheres mulatas e mestiças.

Um exemplo contemporâneo desta interpretação pode ser observado nos shows de mulatas promovidos por Osvaldo Sargentelli na década de 1980 para atender especialmente ao público estrangeiro ávido por conhecer as mercadorias nacionais. Com fama internacional, o show “Oba, Oba” viajou pelo mundo inteiro durante a década de 1980, mas suas exibições rotineiras foram no Scalla e no Plataforma, casas de show famosas, localizadas na zona sul do Rio de Janeiro, forte pólo turístico. As exibições consistiam na apresentação de belas mulatas passistas de samba que devido à ginga e à beleza singulares ficaram conhecidas como “tipo exportação”. Assim, é fundamental atribuir um caráter histórico às experiências vivenciadas pelas mulheres negras assim como às interpretações – presentes no nosso cotidiano - que permanecem reeditando estereótipos que nutrem a sexualização dos seus corpos.<sup>6</sup>

### **1.2 “Do lar”<sup>7</sup> à Academia: apontamentos sobre o feminismo clássico nos centros de saber**

A historiografia mais recente tem se preocupado em analisar as chamadas vozes dissonantes da história. Se antes da década de 1970 – período da “virada historiográfica” aqui no Brasil – não havia espaço para produções historiográficas que olhassem para a

---

<sup>6</sup> FILHO, Antônio Jonas Dias. *As mulatas que não estão no mapa. Gênero e raça nos trópicos – leituras a a partir do Brasil*. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp, s/d. CD-ROM.

<sup>7</sup> Atualmente “do lar” tem um cunho extremamente pejorativo demonstrando que, embora os avanços na discussão de gênero sejam inegáveis, as tentativas de hierarquização entre feminino e masculino permanecem na nossa contemporaneidade. “Do lar” é o termo atribuído às mulheres que executam apenas tarefas domésticas. A expressão pode ser empregada não apenas para diaristas e assalariadas, mas para esposas que trabalham na administração da casa.

“gente comum da história”<sup>8</sup>, atualmente chama atenção a pluralidade de temáticas e sujeitos constituintes da narrativa histórica.

É dentro deste contexto que os estudos sobre gênero e história das mulheres estão inseridos. É possível afirmar que estes estudos percorreram um caminho inverso até a sua consolidação no espaço acadêmico. Este caminho “às avessas” começa via movimento social, representado pela organização de mulheres através de grupos, entidades e demais movimentos condutores das teorias feministas na década de 1960 para posteriormente ser incorporado aos departamentos e programas de pesquisa acadêmicos. Conforme ressaltado

a partir da constatação de negação e de esquecimento, a história das mulheres toma seu impulso em 1970, apoiada à explosão do feminismo e articulada ao crescimento da antropologia e da história das mentalidades, incorporando as contribuições da história social e dos aportes sobre as novas pesquisas sobre memória popular. Esse foi o período chave dessa produção intelectual: as militantes dos movimentos feministas fazem a história das mulheres antes mesmo que as próprias historiadoras as façam. Com esse impulso, as universidades abrem-se aos grupos de pesquisas, reconhecendo seu valor, encorajando trabalhos e temas. Dois pólos de reflexão estruturam esta efervescência intelectual: um faz surgir mulheres no seio de uma história pouco preocupada com a diferenciação sexual; outro demonstra a opressão, a exploração e a dominação.<sup>9</sup>

Não pretendemos fazer uma história desses estudos, contudo alguns marcos devem ser enfatizados, pois até bem pouco tempo, a mulher era vista e concebida nas pesquisas históricas apenas como um ser marcado pelo seu “sexo frágil”, sua “vocaçao materna” e sua “predestinação” às tarefas restritas à esfera privada do lar. Não é preciso buscar reflexões profundas para se ter certeza de que a realidade da maioria das mulheres não se enquadrou (a) nessa visão universalista pautada na concepção de mundo da classe hegemônica.

É inegável que muitos avanços foram alcançados e isso pode ser evidenciado pela quantidade de trabalhos que voltam seu foco de atenção para as mulheres enquanto agentes

---

<sup>8</sup> HOBBSBAWN, E. J. *Sobre história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

<sup>9</sup> FARGE, Arlette; LAGRAVE, Rose-Marie; PERROT, Michelle et alii. *A história das mulheres. Cultura e poder das mulheres: ensaio de historiografia*. Tradução de Rachel Soihet, Rosana Soares e Suely Costa. *Gênero: Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero*, Niterói: EdUFF, v.2, n.1, p. 5-30, 2 sem. 2000, p. 8.

históricas com interesses próprios, redes de relação e percepções diferenciadas acerca de suas realidades.<sup>10</sup> Contudo, “gênero” e “história das mulheres” não são sinônimos ao contrário do que muitas vezes se sugere.

O gênero enquanto conceito transcende o reducionismo biológico e interpreta as relações entre homens e mulheres como produto das interações sociais e de seus significados. Sendo assim, “feminino” e “masculino” – marcadores do gênero – são muito menos fatos biológicos do que relações sociais. Já a “história das mulheres”, refere-se a um campo de estudos situado no âmbito das relações de gênero. É preciso avançar nesta direção demonstrando que escrever a história das mulheres como um acréscimo à história geral não é a mesma coisa que escrever a história dos gêneros, importante instrumento de denúncia das reproduções de hierarquias sociais para homens e mulheres.

Outro elemento crucial para a observação das mulheres como agentes políticas é analisar o privado conforme um espaço de embate e resistência, pois a esfera doméstica não é definida pela passividade feminina. Nela “as mulheres têm também poderes, delegados ou não, de que tiram partido onde enraízam sua influência, a ponto de provar desprazer ou desconfiança com a intrusão dos homens na cozinha ou na arrumação”.<sup>11</sup>

Para Joan Scott, o estudo do gênero como relação social deve ser encarado como a principal ferramenta para essa compreensão da mulher como sujeito envolvido nas lutas do seu tempo, pois “o uso de gênero enfatiza todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas não é diretamente determinado pelo sexo, nem determina diretamente, a

---

<sup>10</sup> Ver dentre outros trabalhos com essa perspectiva DUBY, Georges; PERROT, Michelle. (Org.). *História das mulheres no ocidente. O século XX*. Porto: Afrontamento; São Paulo: EBRADIL, 1994.

<sup>11</sup> FARGE, Arlete et alii, op. cit, p. 21.

sexualidade”.<sup>12</sup> Extrapolar os limites patriarcais, historicamente impostos à mulher, como por exemplo, o confinamento ao lar e a dedicação exclusiva à família é uma das possibilidades de se perceber a necessária aplicabilidade do conceito de gênero.

Muito além da organização familiar, é preciso refletir sobre as relações sociais de produção dentro da sociedade de classes na qual a divisão social do trabalho tem como forte alicerce a divisão sexual do trabalho. Encarar o gênero como forma de falar sobre sistemas de relações sociais ou sexuais ancorados na desigualdade entre homens e mulheres não resume a utilização do conceito. Para Scott

(1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder. As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre a mudanças nas representações de poder, mas a mudança não é unidirecional.<sup>13</sup>

Analisar contextos e significados e olhar para a representação “binária de gênero”<sup>14</sup> são passos importantes para a retirada das mulheres “das margens”<sup>15</sup> da história e para sua realocação nos centros de poder político socialmente definidos de acordo com códigos culturais próprios de cada época.

O conceito de “agency”<sup>16</sup> também ajuda a avançar mais e pensar na idéia de variadas agências femininas. Sendo assim, abre-se espaço para a formação de uma dupla

<sup>12</sup> SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise. *Educação e Realidade: Gênero e Educação*, Porto Alegre, v.15, n.2, p. 71-99, jul/dez. 1990, p. 76.

<sup>13</sup> Ibidem, p. 86.

<sup>14</sup> Ibidem, p. 87.

<sup>15</sup> DAVIS, Natalie Zamon Davis. *Nas margens: a história de três mulheres do século XVIII*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1997.

<sup>16</sup> A “agência humana” seria a tradução pouco apropriada da noção inglesa de “agency” desenvolvida pelo historiador Edward Thompson. Esta “agência humana” seria o reconhecimento do papel dos homens e das mulheres enquanto agentes condutores dos múltiplos processos históricos. O conceito atribui a homens e mulheres a capacidade humana de movimentar processos históricos complexos e diferenciados de acordo com o contexto histórico inerente a cada época. Nesse sentido, as experiências seriam o ponto de partida para a formação da consciência de classe dos sujeitos históricos. Sobre estas formulações ver NEGRO, A. L. & SILVA, Sérgio (Org.). *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 2001; THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987; THOMPSON, E. P. *Miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981; \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Lucha de classes sin classes, mimeo, p. 39-60.

consciência ancorada nos seguintes pressupostos: (1) embora durante séculos isto lhes tenha sido negado, as mulheres são agentes históricas capazes de empreenderem transformações sociais assim como os homens e (2) a mulher, enquanto agente histórica, jamais deve ser entendida ou concebida no singular, pois o seu grupo é bastante heterogêneo e também se delimita através de marcadores sociais tais como classe social, raça, trabalho, cultura, religião, etc. Devemos então falar e pensar em mulher (es).

Procurei situar de forma breve algumas das principais questões relacionadas ao percurso dos estudos clássicos de gênero e da sua trajetória na academia enfatizando: (1) os avanços historiográficos - motivados inicialmente pelos movimentos sociais feministas – naquilo que se refere à compreensão do gênero como uma categoria sócio-histórica, (2) o não entendimento deste conceito como categoria socialmente construída desembocando na sua associação direta apenas ao estudo das mulheres como setor socialmente isolado e (3) a importância de se observar contextos e cenários para auxiliar na decodificação das representações que circundam esta categoria analítica.

O fundamental é que pesquisadores (as) comprometidos com a centralidade do gênero abarquem na sua esfera de preocupações o entendimento de que a produção de uma história que reconstitua as agências femininas deve ser efetuada como um “trabalho de garimpagem” nos documentos que fazem menção às variadas participações femininas, muitas vezes mediadas nesses materiais por papéis normativos.<sup>17</sup>

Os estudos de gênero – atualmente com espaço institucional reconhecido – ilustram agora uma nova problemática: abarcar a “membrana plural” que envolve a categoria mulher. Torna-se necessário captar a dimensão feminina dentro de uma perspectiva

---

<sup>17</sup> PEDRO, Joana Maria. PEDRO, Joana Maria. *Mulheres honestas, mulheres faladas: uma questão de classe*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1994, p. 116.

múltipla e não como *constructo* homogêneo, desprovido de múltiplos significados e percepções. É através deste olhar para as mulheres como agentes plurais, considerando seus contextos, classes sociais e códigos culturais que focalizo as abordagens em torno das mulheres negras.

### 1.3 A “mancha negra”: considerações sobre os estudos de gênero e raça no Brasil

Nesse momento, cabe percorrer os estudos historiográficos que privilegiam a articulação das categorias gênero e raça nas suas abordagens. Parte considerável dos trabalhos que enfatizam este inter cruzamento são originários das reflexões de feministas negras norte-americanas.<sup>18</sup> De forma geral, o perfil desses estudos consistiu em observar, denunciar e criticar sistematicamente a situação de desvantagens imposta às mulheres negras e as suas imagens desde os tempos da escravidão até a atualidade. De acordo com Angela Davis “o enorme espaço que o trabalho ocupa hoje na vida das mulheres negras segue um padrão estabelecido nos primeiros dias da escravidão. Como escravas, o trabalho compulsório obscurecia todos os outros aspectos da existência das mulheres (...) o ponto de partida para uma investigação da vida das negras seria uma avaliação de seus papéis como trabalhadoras”.<sup>19</sup>

Influenciada por esses trabalhos, a proposta inicial consistia em fazer um balanço sobre a produção estadunidense acerca da temática. No entanto, ao desenrolar da pesquisa, percebi que aplicar restritamente esse caminho seria uma opção reducionista e equivocada,

---

<sup>18</sup> Destacam-se dentre outros os seguintes trabalhos: hooks, bell. *Intelectuais negras*. *Revista de Estudos Feministas/ Dossiê Mulheres Negras*, Rio de Janeiro: IFCS/ UFRJ, v. 3, n. 2, p. 464-478, 1995; CHILDERS, Mary & hooks, bell. A conversation about race and class. In: HIRSCH, Marianne & KELLER, Evelyn Fox (Ed.). *Conflicts in feminism*. Nova York: Routledge, 1990; GILLIAM, Angela. A black feminist perspective on the sexual commodification of women in the new global culture. In: MCCLAURIN, I. (Org.). *Black feminist anthropology. Theory, proxis, politics and poetics*. New Brunswick: Rutgers University Press, 2001; HIRSCH, Marianne & KELLER, Evelyn Fox (Ed.). *Conflicts in feminism*. Nova York: Routledge, 1990; COLLINS, Patricia Hill. *Black feminist thought. Knowledge, consciousness, and the politics of empowerment*. Nova York: Routledge, 1991.

<sup>19</sup> DAVIS, Angela. *Women, race and class*. New York: Random House, 1989.

pois o dinâmico campo de estudos das relações raciais no Brasil, embora ainda apresente grandes lacunas, tem produzido interessantes análises sobre as mulheres negras. Assim, as fortes palavras de Angela Davis, possivelmente a mais importante ativista no movimento pelos direitos civis nos EUA, são aqui entendidas como parte do movimento afro-diaspórico que relata processos e marcas produzidos pelas experiências históricas das mulheres negras nas Américas.

Como sugere Luiza Bairros “um negro é antes de tudo um negro, com todas as conotações de subordinação que isto implica, em qualquer parte do chamado Novo Mundo”.<sup>20</sup> Dessa forma, a idéia de um “atlântico negro”<sup>21</sup> ganha corpo e se estende para as experiências gestadas transnacionalmente pelo intercruzamento do gênero e da raça enquanto categorias sociais dinâmicas. Historicamente, a articulação desses marcadores tem produzido sentidos bastante particulares para as mulheres negras em escala global.

Considerando esse intercâmbio entre experiências transnacionais femininas e negras, observo alguns aspectos do feminismo negro no Brasil. Para tal, convém mapear alguns pontos diferenciadores das trajetórias feministas de negras e brancas. No caso das mulheres negras, a luta contra a dominação não se focaliza na ruptura com o patriarcado. É preciso considerar as particularidades delineadoras de suas experiências. Mesmo antes da travessia para as Américas, as africanas tiveram trajetórias vinculadas ao domínio público. Data do século XVIII a fundação de duas sociedades femininas na África: a Ialodê, “senhora encarregada dos negócios públicos” e a Gueledé que realizava rituais de fecundidade e fertilidade. Como lembra Bernardo as duas associações vinculavam-se “mais

---

<sup>20</sup> BAIROS, Luiza. Orfeu e poder: uma perspectiva afro-americana sobre a política racial no Brasil. *Afro-Ásia*, Salvador: EDUFBA, n.17, p. 173-186, 1996, p. 173.

<sup>21</sup> GILROY, Paul. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

precisamente a mulher do mercado, a mediadora da troca, tanto de bens materiais quanto de bens simbólicos”.<sup>22</sup>

Quando da chegada ao Novo Mundo, o trabalho nas ruas como doceiras, quitandeiras, lavadeiras, cozinheiras, prostitutas fez com que seus códigos se mantivessem vinculados ao universo das ruas. Dentro das brechas produzidas no interior da sociedade escravista, as africanas e suas descendentes criaram inúmeras estratégias de sobrevivência por intermédio da recriação do protagonismo feminino na condução das trocas culturais. Diante disso, singularidades precisam migrar da margem para o centro das pesquisas e abordagens.

Alguns debates e reflexões produzidos dentro do Movimento Negro Unificado auxiliam na compreensão dessas peculiaridades. Importantes eixos foram definidos ao longo das décadas de 1970 e 1980. Primeiramente, as mulheres negras ofereciam grande recusa em se proclamarem como feministas porque percebiam uma nítida separação entre a sua agenda reivindicatória e a das feministas brancas. Esta recusa em se identificar como tais também se justificava pelos sentidos pejorativos conferidos às feministas: “mal-amadas,” “feias”, “mal resolvidas”, “frustradas”, etc. que de certa forma permanecem alimentados pelo senso comum.<sup>23</sup>

Dois episódios ocorridos em 1983 serão o grande divisor de águas para as militantes negras: a passeata do 8 de março organizada pelo movimento feminista onde uma mulher branca pintada de negra carregava um cartaz com o seguinte dizer “três vezes discriminada: mulher, negra e favelada” e a ausência de um enfoque de gênero no Encontro de Entidades

---

<sup>22</sup> BERNARDO, Therezinha. *Negras, mulheres e mães: lembranças de Olga de Ala Ketu*. São Paulo: EDUC, Rio de Janeiro: Pallas, 2003, p. 34.

<sup>23</sup> A respeito dos preconceitos contra feministas ver SOIHET, Rachel. O corpo feminino como lugar de violência. Projeto História, São Paulo: EDPUC, n. 25, p. 269-289, dez. 2002; \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Sutileza, ironia e zombaria. Instrumentos no descrédito das lutas das mulheres pela emancipação. *Saúde Sexo e Educação*, Rio de Janeiro, v. 25, p. 24-34, 2001.



do Movimento Negro. Lélia Gonzalez será uma figura central nesse processo de construção do protagonismo feminino negro nos movimentos sociais.

#### 1.4 A atualidade de Lélia Gonzalez

Na contemporaneidade, Lélia Gonzalez permanece reverenciada nos movimentos sociais negros – em especial os feministas - pela originalidade com que seu pensamento coloca a questão da mulher negra: um horizonte imprescindível para superação do racismo. Diante de sua importância para as sucessivas gerações negras torna-se essencial uma apresentação de alguns aspectos de seu pensamento e trajetória.

Negligenciadas pela produção acadêmica hegemônica, suas reflexões representam um testemunho vivo da difícil viagem das mulheres negras rumo à superação do racismo e da lógica machista.<sup>24</sup> Cabe ressaltar que não se trata de uma biografia, mas de utilizar o seu papel de personagem e agente para historicizar contextos dinamizados pela condição de sujeito feminino negro.<sup>25</sup> Dessa maneira, detenho-me em parte das suas valiosas contribuições para análise dos preconceitos de gênero e raça no Brasil.

Lélia Almeida Gonzalez (1935-1994) nasceu em Minas Gerais e foi a penúltima de dezoito irmãos. Filha de um operário negro e de uma descendente de indígenas analfabeta, Gonzalez e sua família chegam ao Rio de Janeiro em 1942 com a ajuda do irmão, Jaime de Almeida, à época, jogador de futebol do Flamengo.

Com uma experiência completamente excepcional em relação à maioria da população negra naquele momento, ela chega à universidade e em 1958 gradua-se em História e Geografia. Quatro anos mais tarde, se forma em Filosofia na Universidade do

---

<sup>24</sup> Uma abordagem rica e original acerca do pensamento de Lélia Gonzalez está no recente trabalho de BARRETO, Raquel Andrade. *Enegrecendo o Feminismo ou Feminizando a Raça: narrativas de Libertação em Angela Davis e Lélia Gonzalez*. Rio de Janeiro, 2005. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

<sup>25</sup> Agradeço à Raquel Andrade e à Elizabeth Vianna a oportunidade de compartilharem comigo importantes informações sobre a trajetória de Lélia Gonzalez.

Estado da Guanabara, hoje Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Daí pra frente trabalhou como professora em escolas e universidades e nos anos 1990, foi diretora do Departamento de Sociologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Lélia foi uma mulher que soube utilizar a academia em prol da valorização negra numa sociedade conduzida pela lógica ocidental branca. A sua afirmação da negritude foi resultado do processo “de vir a ser”, marcado por tensões, barreiras e conflitos. De acordo com Neuza Souza,

ser negro é tomar consciência do processo ideológico, que através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de desconhecimento que o aprisiona numa imagem alienada, na qual se reconhece. Ser negro é tomar posse desta consciência e criar uma nova consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração. Assim, ser negro, não é uma condição dada, a priori. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro.<sup>26</sup>

Assim como a maioria dos negros no Brasil, teve uma origem humilde. Nesse aspecto, é interessante notar como a questão intrageracional que se coloca no interior da família de Lélia é similar àquela vivenciada pelas famílias negras de baixa renda. A educação é pensada – por conta das necessidades imediatas – como algo rápido e passageiro, geralmente restrito aos que ainda não se encontram em idade de trabalhar.

Ainda hoje, o perfil da juventude negra pobre é marcado por uma trajetória educacional curta. É comum que, mesmo na infância, logo após a alfabetização, a escola seja substituída pelo mercado de trabalho da informalidade e do subemprego. A necessidade prática de sustentar a família prevalece e num curto espaço de tempo a educação formal é substituída por uma intensa jornada de trabalho e por baixíssima remuneração.

Sendo praticamente a filha caçula, a singularidade do processo educacional de Lélia é explicada pelos sentidos sociais atribuídos às gerações no seio das famílias numerosas.

---

<sup>26</sup> SOUZA, Neuza Santos. *Tornar-se negro*. Rio de Janeiro: Graal, 1990, p.77.

Como ela própria destaca, o fato de ter sido a penúltima filha de dezoito irmãos foi o que tornou possível dar continuidade aos seus estudos. Todos trabalhavam para garantir o sustento da família e devido à grande diferença de idade em relação aos irmãos foi criada como neta pelos pais.

Acontece que nessa família todos trabalhavam, ninguém passava da escola primária, mesmo porque o esquema ideológico internalizado pela família era esse: estudava-se até a escola primária e, depois, todo mundo ia à batalha em termos de trabalho para ajudar a sustentar o resto da família. Mas no meu caso o que aconteceu foi que, como uma das últimas, a penúltima da família, já tendo como companheiros de infância meus próprios sobrinhos, quer dizer, a visão de meus pais com relação a mim já foi uma visão de neta, praticamente.<sup>27</sup>

No Brasil, é muito comum que nas famílias grandes e pobres alguém seja escolhido (geralmente os mais novos) para ter um “futuro diferente” dos demais “quando a situação melhora”. Nesse caso, grosso modo, o investimento coletivo da família recai na educação, interpretada não como direito de todos, mas privilégio de poucos. Foi o que aconteceu com Lélia. Durante a sua infância e juventude todos trabalhavam fora. Como a despesa da casa era dividida entre seus pais e irmãos que a viam como a caçula, ela não precisou trabalhar e teve a chance de se dedicar aos estudos.

Desse modo, é na sua formação que pairam as atenções familiares. Embora a mãe fosse analfabeta e os irmãos tivessem concluído apenas o curso primário, a educação era por eles traduzida como uma “válvula de escape”, ou seja, a possibilidade concreta de reverter um passado de miséria. No interior desse contrato intrageracional, Lélia havia sido eleita para essa missão. No entanto, o falecimento do pai acarretará uma mudança nesse caminho, pois ela passa a trabalhar como babá, mas continua estudando, agora ajudada pelos patrões italianos da mãe, empregada doméstica.

---

<sup>27</sup> HOMENAGEM à Lélia Gonzalez. Lélia fala de Lélia. *Estudos Feministas*, Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, v. 2, n. 2, p. 383-386, 1994, p. 383.

O fato de resolverem custear a educação da jovem menina evidencia os laços de apadrinhamento construídos em torno da relação entre patrões e empregados. Desde os tempos coloniais, era comum que senhores fossem escolhidos para batizar crianças escravas ou apadrinhar casamentos escravos. Durante todo o período escravista, o apadrinhamento foi constantemente utilizado como estratégia para equilibrar os antagonismos entre senhores e escravos.<sup>28</sup> Nesse sentido, a decisão de financiar a educação de Lélia não se restringe a uma benesse por si só, ela remonta a nuances mais complexas que merecem ser destacadas.

Distanciando-me de uma análise maniqueísta ou de qualquer juízo de valor, não considero que a situação vivenciada por Gonzalez apenas reproduza de forma idêntica a ordem escravocrata. Todavia, é necessário acompanhar o movimento da história e historicizar o investimento educacional branco na filha negra da empregada como uma das múltiplas faces de um complexo processo histórico de intercruzamento entre trabalho e personalidade, marca da escravidão brasileira.

Nesse contexto, o grau de parentesco “quase/praticamente da família” forjado pela classe hegemônica para encaixar as escravas e mais tarde as trabalhadoras domésticas sem alterar o seu *status* de família branca mantém-se hoje como uma recriação das sociabilidades e hierarquias vivenciadas na casa-grande.

Inserida num modelo educacional branco desde a infância, Lélia percorreu um longo caminho até que se entendesse como negra.

Fiz escola primária e passei por aquele processo que eu chamo de lavagem cerebral dado pelo discurso pedagógico brasileiro, porque na medida em que eu aprofundava meus conhecimentos, eu rejeitava cada vez mais a minha condição de negra. E, claro, passei pelo ginásio, científico,

---

<sup>28</sup> Sobre as dúbias relações de compadrio entre senhores e escravos ver, dentre outros, SLENES, Robert. Senhores e subalternos no oeste paulista. In: ALENCASTRO, Luiz Felipe de; NOVAES, Fernando. *História da vida privada no Brasil. Império: a corte e a modernidade nacional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 233-290.

esses baratos todos. Na faculdade eu já era uma pessoa de cuca já perfeitamente embranquecida, dentro do sistema.<sup>29</sup>

Esse processo de embranquecimento que Lélia chamou “lavagem cerebral” enfatiza a ausência de referenciais negros positivos na escola, na universidade e na mídia. Desde crianças meninos e meninas afro-descendentes são treinados para rejeitarem tudo aquilo que é associado ao negro. No seu lugar, os currículos escolares difundem os valores estéticos, religiosos e familiares etnocêntricos como símbolos exclusivos de civilidade e progresso. Ressalta-se ainda como agravante o fato da presença negra nos variados canais de comunicação cumprindo papéis que recriam o modelo de dominação escravista.<sup>30</sup>

Quais os lugares têm sido reservados para homens e mulheres negras na literatura, nos livros didáticos, filmes ou novelas? Aquele da mulata faceira, do negro “bem dotado” sexualmente, da trabalhadora doméstica que inicia a vida sexual do filho do patrão, dos negros que não querem ser negros, da juventude negra no mundo do crime... Nesse caso, o que precisa ser considerado menos do que quantidade de papéis destinados aos negros é como essa presença é narrada, trabalhada e apresentada para leitores e espectadores.

O que ocorre em produções dessa natureza é um processo de desnaturalização da participação negra nas esferas sociais ligadas à suposta racionalidade humana, historicamente construída como inerente à pele branca. Desta forma, ser negro é definido como sinônimo de emoção e de irracionalidade, dois estereótipos que permanecem vitoriosos no imaginário da nossa sociedade.

A “lavagem cerebral” vivida por Lélia sintetiza parte das contradições oriundas do ser negro num Brasil que constrói códigos sociais através do padrão branco. Após a tomada

---

<sup>29</sup> HOMENAGEM À..., loc. cit.

<sup>30</sup> Acerca das imagens do negro na mídia ver especialmente ARAÚJO, Joel Zito. *A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira*. São Paulo: Senac, 2000.

de consciência da negritude, ela vai assumir grande papel Movimento Negro Unificado<sup>31</sup> - chegando a ocupar o cargo de membro da Comissão Executiva Nacional do movimento entre 1978 e 1982.

Como militante Lélia foi responsável por trazer para o interior do Movimento Negro um espaço de reflexão para as mulheres negras. Em 1983, a mineira funda junto com Jurema Batista, Geralda Alcântara, Helena Maria de Souza e outras companheiras do Movimento Negro, das associações de moradores e dos movimentos de favelas, o *Nzinga* – Coletivo de Mulheres Negras do Rio de Janeiro – onde se discutiam questões circunscritas à discriminação racial, sexualidade, mercado de trabalho, imagem, etc. Conforme destaca Rosália Lemos, esse “projeto de interferência” liderado por Lélia (incluir a questão de gênero nas discussões da organização) culminou no enfoque cada vez maior para as demandas femininas negras.<sup>32</sup>

Em 1988, ano crucial para a mobilização racial negra devido ao centenário da abolição, acontece o I Congresso de Mulheres Negras em Valença, município do Rio de Janeiro.<sup>33</sup> Considerado marco na criação de bandeiras políticas particularizadas e de

---

<sup>31</sup> Diante do preconceito cada vez mais hostil contra a população negra é criado, em 1978, o Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial em São Paulo. Inicialmente, o MUCDR propunha a luta contra todas as discriminações raciais, contudo as dificuldades concretas de agregar múltiplos grupos num só movimento fizeram com que fosse posteriormente rebatizado como Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial. Após a realização de seu primeiro congresso – em 1979 – a organização passou a se chamar Movimento Negro Unificado, nome que se mantém até hoje. Ver NASCIMENTO, Abdias; NASCIMENTO, Elisa Larkin. Reflexões sobre o Movimento Negro no Brasil, 1938-1997. In: GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo & HUNTLEY, Lynn. (Org.). *Tirando a Máscara: ensaios sobre o racismo no Brasil*. São Paulo: Paz e Terra/SEF, 2000, p. 203-236; PINHO, Osmundo de Araújo. “O sol da liberdade”: movimento negro e a crítica das representações raciais. Disponível em: <http://www.comciencia.br/reportagens/negros/15.shtml> Acesso em 10/01/04.

<sup>32</sup> LEMOS, Rosália de Oliveira. *Feminismo negro em construção: a organização do movimento de mulheres negras no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 1997. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, p.156.

<sup>33</sup> O 13 de maio de 1888 tem sido utilizado por diversos atores sociais dos movimentos negros como data denunciativa da “farsa da abolição”. A assinatura da lei Áurea e o caráter do processo de emancipação da escravidão são assim denunciados como os grandes responsáveis por intensificar o processo de marginalização econômica da população afro-descendente. A esse respeito ver HANCHARD, Michael

estratégias de mobilização para o resgate histórico do protagonismo das negras na formação do Brasil, o congresso contou com mais de quatrocentas mulheres de dezessete estados brasileiros, mas foi alvo de ferrenhas críticas por parte do movimento feminista e de setores do Movimento Negro Unificado, que consideravam a realização do encontro desnecessária por acreditarem que a questão de gênero era um problema menor.

A participação de Lélia nesse fórum pontuou a crítica ao feminismo branco, que nas suas palavras desvirtuava a batalha das mulheres negras para uma “luta da fêmea oprimida *versus* o macho opressor”<sup>34</sup> sem considerar as particularidades de seu processo histórico. Conforme destaca Luiza Bairros, durante o congresso, ela

criticou duramente a proeminência, no Encontro, de posturas que considerava identificadas com um tipo de *feminismo ocidental-branco* (...) segundo ela, tal postura, equivocadamente chamada de radical, tende, por um lado, a fechar as possibilidades para o debate político, assumindo implicitamente que política é coisa de homem e explicitamente confundido a questão política com opções partidárias.<sup>35</sup>

Dentre outras contribuições, Lélia denuncia o racismo como um traço inerente à sociedade brasileira que produz efeitos perversos para as mulheres negras. Para ela, o racismo se constitui como “sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira”, e ao interagir com o sexismo, produz efeitos de violência especialmente simbolizados pelas três imagens clássicas da mulher negra: mulata, doméstica e mãe preta.<sup>36</sup>

Esse pensamento formulado na década de 1980 evidencia ainda hoje o contraponto entre o real – marcado pelo machismo fusionado ao racismo - e o ideal das elites no qual o Brasil aparece como um exemplo de democracia racial produzida através de relações

---

George. *Orfeu e o poder: o movimento negro no Rio de Janeiro e São Paulo (1945-1988)*. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

<sup>34</sup> GONZALEZ, Lélia. A importância da mulher negra no processo de transformação social. *Raça e Classe*, Brasília, v.2, n.5, nov./dez. 1988

<sup>35</sup> BAIRROS, Luiza. Lembrando Lélia Gonzalez. In: WERNECK, Jurema et alii. *O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe*. Rio de Janeiro, Criola/Pallas, 2000, p. 42-61, p. 57.

<sup>36</sup> GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: SILVA, Luiz Antônio et alii. *Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos*. Brasília: ANPOCS, 1983, p. 223-244, p. 224.

sexuais aprazíveis e de contatos afetivos harmoniosos entre brancos e negros. Esta argumentação permanece como principal pilar de sustentação da suposta singularidade brasileira em relação a países como Estados Unidos e África do Sul que carregam em suas histórias regimes segregacionistas sangrentos ancorados em critérios raciais. Esse ideário da democracia racial é severamente criticado por Lélia: “o efeito maior desse mito é a crença de que o racismo é inexistente em nosso país, graças ao processo de miscigenação”.<sup>37</sup>

Lélia considera ainda que a manipulação das categorias de gênero e raça conferiu às mulheres negras os mais baixos indicadores sociais no Brasil. Ao longo do processo pós-emancipação, seu nível de educação permaneceu precário, sendo o analfabetismo predominante. No mercado de trabalho, participou infimamente dos setores industrial e agrícola, pois sua presença concentrou-se no trabalho doméstico como demonstra o Censo de 1950.

A intelectual enfatiza que o crescimento urbano e o desenvolvimento da indústria impulsionaram o processo de seleção racial que marginalizou a mulher negra. Ela se viu impedida de penetrar nos setores de prestação de serviços por conta do rótulo da “boa aparência” – que trás consigo a noção de brancura – e por não ter os níveis de escolaridade exigidos.<sup>38</sup> Ao analisar a “boa aparência” como sinônimo de exclusão social, Caetana Damasceno observa a

pertinência da associação entre “cor” (branca), a “aparência” (boa) e certas qualidades físicas e morais – “bons dentes”, “asseio”, “respeito”, “boa saúde”, “conduta”, “de confiança”, “sossegada”, “alegre” e “carinhosa” – requeridas pelos empregadores. No pólo oposto, para os

---

<sup>37</sup> Idem. O papel da mulher negra na sociedade brasileira: uma abordagem político econômica. In: SPRING SYMPOSIUM THE POLITICAL ECONOMY OF THE BLACK WORLD, 1979, Los Angeles, mimeo, p. 3.

<sup>38</sup> Idem. Cultura, etnicidade e trabalho: efeitos políticos e lingüísticos da exploração da mulher. In: ENCONTRO NACIONAL DA LATIN AMERICAN STUDIES ASSOCIATION, 1979, Pittsburgh, USA, mimeo, p. 11.



lugares superiores da hierarquia ocupacional, exige-se, porém, que (a) candidato (a) seja “ativo”, “inteligente”, “instruído”, “enérgico”, “educado”, “ambicioso” e “bem-relacionado”.<sup>39</sup>

A mulher negra foi então empurrada para área dos serviços pessoais. Nesse contexto, Lélia ressalta que

a empregada doméstica tem sofrido um processo de reforço quanto à internalização da diferença, de “inferioridade”, da subordinação. No entanto, foi ela quem possibilitou e ainda possibilita a emancipação econômica e cultural da patroa, de acordo com o sistema da dupla jornada.<sup>40</sup>

A denúncia da marginalização no mercado de trabalho remete ao fato de que as funções destinadas às negras durante a escravidão se mantiveram depois da emancipação e que a tão citada dupla jornada de trabalho sempre fez parte das suas vidas fazendo com que se “desdobrassem nos trabalhos dentro e fora de sua casa e ainda assumissem todas as responsabilidades para com seus filhos/as”.<sup>41</sup>

Além disso, demarca um ponto crucial de separação entre as experiências vivenciadas por militantes brancas e negras, que recusaram as categorias propostas pelo feminismo clássico para pensar a dominação homem/mulher. Isso porque, nesse discurso, a subordinação feminina foi pensada exclusivamente do ponto de vista patriarcal, ignorando a discriminação racial como produtora de desvantagens para a população feminina negra. De acordo com Gonzalez,

o que se observa é um racismo cultural que leva, tanto algozes como vítimas, a considerarem natural o fato de a mulher em geral e a mulher negra em particular desempenharem papéis sociais desvalorizados em termos de população economicamente ativa. No que se refere à discriminação da mulher, que se observe por exemplo as diferenças salariais no exercício de uma função junto ao homem, e a aceitação de que “vai tudo bem”. Quanto à mulher negra, sua falta de perspectiva quanto à possibilidade de novas alternativas, faz com que ela se volte para a prestação de serviços domésticos, o que a coloca numa situação de sujeição, de dependência das famílias de classe média branca.<sup>42</sup>

<sup>39</sup> DAMASCENO, Caetana Maria. Em casa de enforcado não se fala em corda: notas sobre a construção social da “boa” aparência no Brasil. In: GUIMARÃES, Antônio Sérgio & HUNTLEY, Lynn (Org.). *Tirando a máscara: ensaios sobre o racismo no Brasil*. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p. 191.

<sup>40</sup> GONZALEZ, Lélia. Cultura, etnicidade e trabalho..., p. 12

<sup>41</sup> BARRETO, Raquel Andrade, op. cit., p. 42.

<sup>42</sup> GONZALEZ, Lélia. Cultura, etnicidade e trabalho..., p. 12.

Nos anos 1980, Lélia foi uma das principais responsáveis por levar as reivindicações das mulheres negras para o movimento feminista. Mas, suas colocações consideradas “inapropriadas” pelas feministas brancas acabaram por rotulá-la como a “criadora de caso”. Conforme ela ressalta

no interior do movimento havia um discurso estabelecido com relação às mulheres negras, um estereótipo. As mulheres negras são agressivas, são criadoras de caso, não dá para dialogar com elas, etc. E eu me enquadrei legal nessa perspectiva aí, porque para elas a mulher negra tinha que ser, antes de tudo, uma feminista de quatro costados, preocupadas com as questões que elas estavam colocando.<sup>43</sup>

Gonzalez considerava que a ação do mito da democracia racial e das teorias de branqueamento impediu o feminismo clássico de perceber como necessária ou legítima a inclusão da opressão racial e as especificidades da luta das mulheres negras. Analisando o contexto da época, Bairros comenta que “se falava na necessidade de a mulher pensar no próprio prazer, conhecer o corpo, mas reserva-se à mulher pobre, negra em sua maioria, apenas o direito de pensar na reivindicação da bica d’água.”<sup>44</sup>

Lélia considerava de primeira ordem a organização das mulheres negras no Movimento Negro e não no feminismo, pois este último desconsiderava o protagonismo feminino negro exercido na África e recriado no Novo Mundo. Dentro do feminismo, a intelectual foi portadora de uma fala denunciativa, equivocadamente interpretada por muitas militantes como um revanchismo: “aqui também se percebe a necessidade de tirar de cena a questão crucial: a liberação da mulher branca se tem feito às custas da exploração da mulher negra”.<sup>45</sup>

---

<sup>43</sup> Idem. Entrevista. *Jornal do Movimento Negro Unificado*, n.19, maio a julho, 1991, p.8-9

<sup>44</sup> RIBEIRO, Matilde. Mulheres negras brasileiras: de Bertioiga a Beijing. *Estudos Feministas/Dossiê Mulheres Negras*, n.2, v.3, Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 1995.

<sup>45</sup> GONZALEZ, Lélia. Cultura, etnicidade, trabalho: efeitos lingüísticos e políticos da exploração da mulher, p. 20.

Mais uma questão insistentemente tratada por Lélia é a da liderança da mulher negra nos cultos afro-brasileiros, nas escolas de samba e no movimento negro. Conforme observa Andrade, Gonzalez demonstra que, ao mesmo tempo em que na sociedade capitalista-patriarcal as mulheres negras encontram-se destituídas do poder, nas suas comunidades ocupam posições de imenso prestígio social e político, fato este diretamente ligado “ao papel da mulher negra como mantenedora da comunidade no pós-emancipação”.<sup>46</sup>

Conforme já mencionado, o pensamento de Lélia Gonzalez oferece uma das contribuições mais originais à construção do feminismo negro. Quando do acesso a sua produção percebe-se grande refinamento teórico e esforço intelectual para construir categorias analíticas que dêem conta da problemática das mulheres negras. O seu artigo mais conhecido<sup>47</sup> compromete-se a analisar o lugar social das negras na dita cultura nacional. Nele, Lélia tenta decodificar os significados sociais das imagens impostas às mulheres negras, em especial a mãe preta e a mulata.

A mãe preta não foi entendida por Lélia apenas como uma escrava bondosa e prestativa, totalmente sujeita às vontades senhoriais. Ela teria sido a condutora do processo de africanização do Brasil por intermédio da transmissão oral dos saberes e códigos africanos. Assim, muito do processo de construção da afro-brasilidade se deve à atuação dessas mulheres na educação dos sinhozinhos e sinhazinhas, seja através dos contos, das canções de ninar ou do vocabulário rotineiro.

Ao ressignificar a interpretação usual da mãe-preta, a autora sugere que ao invés de português pensemos no “pretoguês” como a língua brasileira: “no meu pretoguês eu afirmo: ela passou uma rasteira no pessoal (...), todo mundo pensa que ela foi boazinha, (...) ao

---

<sup>46</sup> BARRETO, Raquel Andrade, op. cit., p. 44.

<sup>47</sup> GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: SILVA, Luiz Antônio Machado et alii. *Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos*. Brasília: ANPOCS, 1983, p. 223-244, p.228.

contrário, sua influência foi de importância capital para a formação de nossa cultura”.<sup>48</sup> De acordo com Gilberto Freyre as histórias portuguesas sofreram no Brasil consideráveis modificações pela boca das negras, nossas grandes contadoras de histórias<sup>49</sup>. Para ele

a ama negra fez muitas vezes com as palavras o mesmo que com a comida: machucou-as, tirou-lhes as espinhas, os ossos, as durezas, só deixando para a boca do menino branco as sílabas moles (...) a linguagem infantil brasileira, e mesmo a portuguesa, tem um sabor quase africano: *cacá, pipi, bumbum, tentem, neném, tatá, papá, papato* (...) amolecimento que se deu em grande parte pela ação da ama negra junto à criança, do escravo preto junto ao filho do senhor branco (...) os nomes brancos foram os que mais se amaciaram dissolvendo-se deliciosamente na boca dos escravos. As Antonias ficaram Dondons, Toninhas, Totonhas; as Teresas, Tetés, os Manuéis, Nezinhos, Mandus, Manés (...).<sup>50</sup>

Embora as ressignificações de ambos se aproximem, cabe ressaltar - conforme destacado por Andrade - que Freyre via esse papel da mãe-preta como resultado positivo da miscigenação brasileira, ao passo que Lélia o considerava produto do processo de africanização do Brasil.<sup>51</sup>

Outro ponto importante nas suas reflexões é a crítica árdua à noção de “latinidade”. Segundo seu pensamento, a “América Latina” seria uma representação eurocêntrica do continente americano comprometida com um projeto inibidor da expressividade índia e africana na formação das Américas. Por isso, Lélia recusa a idéia de latinidade das Américas. Ao invés disso, reconstitui a América a partir de seus elementos ameríndios e africanos.<sup>52</sup> Em contraposição à idéia de América Latina, ela sugere - embasada pelas ideologias de libertação africanas - pensar as comunidades negras diaspóricas e suas experiências nas Américas a partir da “amefricanidade”.

Para além do seu caráter puramente geográfico, a categoria amefricanidade incorpora todo um processo histórico de intensa dinâmica cultural (adaptação, resistência, reinterpretação e criação

<sup>48</sup> Idem. Alocução. *Afro-Asiático*, Rio de Janeiro: UCAM, n. 6-7, 1982, p. 268.

<sup>49</sup> FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala*. São Paulo: Global, 2003, p.413.

<sup>50</sup> Ibidem, p. 414.

<sup>51</sup> BARRETO, Raquel Andrade, op. cit., p. 46.

<sup>52</sup> BAIRROS, Luiza, Lembrando Lélia Gonzalez..., p. 47.

de novas formas) que é afrocentrada, isto é, referenciada em modelos como: a Jamaica e o akan, seu modelo dominante; o Brasil e seus modelos yorubá, banto e ewe-fon.<sup>53</sup>

De acordo com Bairros, Lélia enfatiza que a contribuição teórica da “amefricanidade” se situa “no fato de resgatar uma unidade específica, historicamente forjada no interior de diferentes sociedades que se formaram numa determinada parte do mundo”.<sup>54</sup> A categoria sugere que a travessia do Atlântico representa o início de um processo de construção de novos significados para os códigos sociais africanos.

O entendimento de “cultura” como palco de conflitos torna-se útil para pensar o papel da agência afro-descendente como forjadora de identidades nas Américas. De acordo com Mintz e Price, “tratar a cultura como um rol de traços, objetos ou palavras é perder de vista a maneira como as relações sociais são conduzidas através dela – e, portanto, é ignorar a maneira mais importante pela qual ela pode modificar ou ser modificada”.<sup>55</sup>

Lélia propõe que as trocas culturais sejam pensadas não a partir da África, mas das Américas. Absolutamente conectada com o conceito de diáspora – tão em voga nos recentes estudos sobre relações raciais – a amefricanidade procura enfatizar as experiências negras no Novo Mundo como “marcas que evidenciam a construção cultural do continente americano”.<sup>56</sup> É interessante observar como o pensamento de Lélia encontra-se sintonizado com perspectivas apresentadas por importantes trabalhos – como o de Mintz e Price - que têm embasado as abordagens históricas acerca da história dos africanos no Novo Mundo.

Os africanos de qualquer colônia do Novo Mundo só se transformaram de fato numa “comunidade” e começaram a compartilhar uma “cultura” na medida e na velocidade que eles mesmos as criaram [...] o que os escravos compartilhavam no começo, inegavelmente, era sua escravização, todo – ou quase todo – o resto teve que ser criado por eles. Para que as comunidades de escravos ganhassem forma tiveram que ser criados padrões normativos de

<sup>53</sup> GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural da amefricanidade. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro: Editora Global, n. 9, p. 69-82, jan/jun de 1988, p. 76.

<sup>54</sup> BAIRROS, op. cit., p. 7

<sup>55</sup> MINTZ, Sidney & PRICE, Richard. *O nascimento da cultura afro-americana: uma perspectiva antropológica*. Rio de Janeiro: Pallas: Universidade Cândido Mendes, 2003, p. 41.

<sup>56</sup> *Ibidem*, p.71.

conduta, e tais padrões só podiam ser criados com base em determinadas formas de interação social.<sup>57</sup>

Também está presente na fala de Gonzalez a crítica à visão da África como um continente estático e mítico. Para ela

a África é um barato muito diferente do que a gente imagina, diferente, principalmente, do que os negros americanos imaginam. Uma das coisas que eu chegava dando porrada em cima deles é isso: a África de vocês é sonho, não existe. Nós aqui, no Brasil, temos uma África conosco, no nosso cotidiano. Nos nossos sambas, na estrutura de candomblé, da macumba.<sup>58</sup>

Considerando essa dinamização dos agentes, contextos e cenários, ela ressalta o importante papel desempenhado pelo Brasil no processo afro-diaspórico.

Agora, me parece, pelo que eu vi da África, pelo que eu vi dos EUA, pela transação que eu tive com o pessoal do Caribe... me parece que o Brasil tem um papel assim, importantíssimo, nessa síntese, de uma visão africana e de uma visão da diáspora. Porque, veja, nós internalizamos discursos diferentes do índio e do branco. Não há dúvida que internalizamos. E a coisa que vai sair é uma outra coisa. Porque você não pode negar essa dinâmica dos contatos culturais, das trocas, etc. e tal. Parece-me que nós poderemos levar inclusive para a África um tipo de resposta que os africanos ainda não encontraram. Esta resistência cultural que o negro apresenta onde quer que ele esteja, a gente só vai entender com um conhecimento muito profundo, muito sério, das instituições das diferentes culturas africanas.<sup>59</sup>

O aspecto mais instigante dos textos de Gonzalez é o da força e atualidade de suas palavras. Militante, intelectual, pesquisadora. Em 1994, Lélia se despede, mas seu compromisso com um projeto de transformação social que envolva o tripé gênero, raça e classe se mantém vivo pelas herdeiras e herdeiros que continuam aprendendo com ela a “enegrecer o feminismo”<sup>60</sup> afirmando sem medo que o pessoal é acadêmico. A declaração de Raquel Andrade sintetiza a importância do legado de Lélia:

Aprendi com você que não sou apenas negra, mas amefricana, descendente de Nanny, Aqaltune, Dandara e Luiza Mahin. Estudando sobre a sua vida, pude perceber que a nossa luta

<sup>57</sup> Ibidem, p.33-38 passim.

<sup>58</sup> HOMENAGEM À ..., p. 386.

<sup>59</sup> Ibidem, loc. cit.

<sup>60</sup> Esta expressão foi cunhada pela filósofa Sueli Carneiro e diz respeito à necessidade de considerar as trajetórias de mulheres negras dentro do movimento feminista. Ver CARNEIRO, Sueli. A mulher negra na sociedade brasileira: o papel do movimento feminista na luta anti-racista. In: *História do negro no Brasil*. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2004, mimeo.

é muitas vezes solitária. Mas, ao mesmo tempo, somos muitas porque carregamos dentro de nós as nossas ancestrais e as esperanças de outras mulheres negras.<sup>61</sup>

### 1.5 Feminidade e branquidade

Aqui novamente enfatiza-se que esse trabalho não se vincula à busca de critérios científicos que classifiquem as mulheres negras como tais. Sob uma ótica miscigenatória, é importante conferir às taxionomias raciais à idéia de movimento. Os processos de recriação e transformação cultural entre os múltiplos agentes surgem como elementos desestabilizadores de marcadores raciais supostamente científicos.

Categorias como “negra”, “mestiça”, “mulata”, “parda” e “morena” representam, ao invés de sistematizações raciais rígidas, a subjetividade fenotípica de um Brasil construído através de ideologias racializadas presentes nas diversas narrativas sobre a nação e seus sujeitos. Desse modo, as variações físicas são consideradas reflexo da pluralidade em que se conjuga o ser negro no Brasil.<sup>62</sup>

Nesse contexto, ressalta-se que a dupla condição mulher e negra carrega consigo um forte viés psicologizante constituído em torno das relações sociais brasileiras pautadas na branquidade e no masculino como símbolos hegemônicos. Assim, torna-se importante observar os efeitos que a negritude na cor e o feminino no sexo produzem simultaneamente para sujeitos femininos negros.

Para tal, pensamos a “feminidade” como categoria social que possa auxiliar na análise dos contextos específicos vivenciados por essas mulheres. Ela diz respeito a

---

<sup>61</sup> ANDRADE, Raquel Barreto. Uma carta para ti Lélia Gonzáles, saudades de quem não te conheceu. Rio de Janeiro, 2004. Disponível em <http://www.afirma.org.br> Acessado em 15/9/04.

<sup>62</sup> O vasto sistema de classificações raciais no Brasil permanece como um problema sem solução desde os tempos imperiais. Assim sendo, as terminologias raciais menos do que marcadores rígidos dizem respeito a sentidos sociais construídos de acordo com agentes e contextos de variados processos históricos. A respeito dos significados da mestiçagem e da cor no Brasil ver LIMA, Ivana Stolze. *Cores, marcas e falas: sentidos da mestiçagem no Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003, MATTOS, Hebe Maria. *Das cores do silêncio: os significados de liberdade no sudeste escravista*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

sentidos sociais impostos às negras que a categoria feminilidade – construída em torno do ideário da branca – não pode dar conta. A feminegridade seria então a manifestação e o aprisionamento do feminino negro numa sociedade em que o negro é tomado como símbolo negativo e o branco como norma. Sua formulação se refere diretamente a experiências diferenciadas de negras e brancas desde a infância.

Via de regra, a escola não é lembrada como um espaço em que o negro e seu padrão estético são vistos de maneira positiva, assim, não soa como novidade afirmar que desde os primeiros anos do processo educacional, a menina negra é condicionada a rejeitar seu corpo e tudo aquilo que é associado ao negro e à cor escura, em especial o cabelo e a pele.<sup>63</sup>

Um bom exemplo do lugar destinado à infância negra está na revista infantil *Tico-Tico*. Circulando entre 1928 e 1937, ela trazia como protagonista de diversas tiras a personagem mirim Lamparina, uma “negrinha” sem parentes e dona de um comportamento estabonado. Em uma das tiras, após quebrar um objeto, a menina chora tanto que as lágrimas desbotam-lhe a pele. Sua cor escura fica retida na parede e ela se transforma na criança ideal, aquela “lamparinamente” branca.<sup>64</sup>

Menos do que um parêntese, Lamparina representa o estágio inicial do processo de estereotipização das imagens negras. Porém, conforme já ressaltado, nesse momento, meu interesse pauta-se na apreensão dos sentidos da mestiçagem feminina e isso só pode ser feito se analisarmos historicamente o processo social de sexualização construído em torno das imagens das mulheres negras.

---

<sup>63</sup> GOMES, Nilma L. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos e/ou ressignificação cultural? Trabalho apresentado na XXV Reunião da ANPED. Caxambu, Minas Gerais, 2000. Mimeo.

<sup>64</sup> Parte dos quadrinhos que trazem Lamparina como personagem estão em CAVALCANTI, Ionaldo A. *O mundo dos quadrinhos*. São Paulo: Edições Símbolo, 1977.



O trabalho *Mulher negra homem branco: um breve estudo do feminino negro*<sup>65</sup> abre janelas para esse propósito. Analisando as histórias narradas por Lila Santos, uma brasileira negra que vivia na Inglaterra, Gislene Santos investiga o que está por trás da relação mulher negra/homem branco quando desejo e discriminação racial interagem entre si. Seu livro nos insere num rico universo que trás à tona sentimentos, aspirações e inquietações de mulheres negras que lutam por sua inserção na sociedade como iguais.

As reflexões desencadeadas por seu trabalho possibilitam falar e pensar as mulheres negras para além da denúncia dos estereótipos como algo imutável. Acredito que a denúncia do processo de sexualização é um caminho essencial, todavia, precisamos adentrar - através de outras trilhas - nesse complexo terreno do gênero racializado com o fim de reconstituir as múltiplas faces do longo processo de discriminação que atinge essas agentes. Não se trata de desconsiderar a historicidade da exploração sexual, mas sim estabelecer um outro tipo de referencial que investigue os graus de não aceitação – nos seus mais variados fenótipos - numa sociedade miscigenada.

No Brasil, para muitos (as), afirmar essa não aceitação do feminino negro no cotidiano soa como algo insustentável ou como virou moda nos tempos atuais um “racismo às avessas”. Aos que compartilham dessa interpretação (os contrários também), seria interessante olhar atentamente para o que se tornou conhecido no Brasil como “Estudos Críticos da Branquidade”.<sup>66</sup> Em termos brasileiros, a branquidade é pensada – dentre

---

<sup>65</sup> SANTOS, Gislene Aparecida dos. *Mulher negra homem branco: um breve estudo do feminino negro*. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

<sup>66</sup> Originária das discussões norte-americanas e inglesas, o *critical whiteness studies* busca analisar a formação dos sujeitos raciais nas diferentes escalas da supremacia branca. Nesses termos, estudar a branquidade significa racializar a classificação branca ao invés de toma-la como padrão ou norma. Há um deslocamento de foco à medida que a brancura e suas representações, ao invés de padrão universal, tornam-se alvo das interrogações. Ver a respeito ROEDIGER, David R. *The Wages of Whiteness: Race and the Making of the American Working Class*. Nova Iorque: Verso, 1991. Um bom mapeamento das discussões

outras leituras – como conceito que marca a impossibilidade de pesquisar os negros sem considerar os brancos; uma categoria que esvazia o clássico “problema do negro” e reverte a discussão para o questionamento das relações sociais dos brancos.

Nas palavras de Bento, a noção de branquidade representa os “traços da identidade racial do branco brasileiro a partir das idéias sobre branqueamento”.<sup>67</sup> E é justamente nessas “idéias sobre branqueamento”, que carregam a supervalorização do branco nas suas entrelinhas, que a não aceitação do corpo feminino negro para além do “puro sexo” se constrói. Nesse sentido, torna-se inviável refletir sobre a construção das identidades femininas negras sem pensar na hegemonia da brancura como ideal estético. De acordo com Santos

vemos em nossa cultura, cotidianamente a mulher negra ser descaracterizada de modo a sentir-se sem apoio interno e insegura: insegura no tocante a sua beleza, feminilidade, inteligência. Desde pequenas, são levadas à construção de uma imagem negativa de si mesmas reforçadas pelos mesmos contos de fada nos quais desfilam, em livrinhos coloridos, princesinhas brancas e louras com seus príncipes encantados.<sup>68</sup>

A autora propõe que a situação da mulher negra na sociedade permeada pela branquidade seja pensada a partir de dois contos: Gata Borracheira ou Cinderela e O patinho feio. Diz ela “a luta da Borracheira seria pela sua aceitação social dentro de uma cultura e sociedade que, inicialmente, [antes do príncipe branco a escolher], relegava a ela os piores lugares, os piores papéis, as piores funções”.<sup>69</sup> Já em O patinho feio, a luta da mulher negra coloca-se sob prisma diferenciado, num outro estágio de consciência: “a mulher negra

---

internacionais sobre o assunto encontra-se em WRARE, Vron. (Org.). *Branquidade: identidade branca e multiculturalismo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

<sup>67</sup> CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (Org.). *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquidade e branqueamento no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2002, p.25. Ver ainda BENTO, Maria Aparecida. Institucionalização da luta anti-racismo e branquidade. In: HERINGER, Rosana. *A cor da desigualdade: desigualdades raciais no mercado de trabalho e ações afirmativas no Brasil*. Rio de Janeiro: Ierê/IFCS-UFRJ, 1999; FRANKENBERG, Ruth. A miragem de uma branquidade não-marcada, p. 307-338; SOVIK, Liv. Aqui ninguém é branco: hegemonia branca e *media* no Brasil, p. 363-386. In: WARE, Vron. (Org.). *Branquidade: identidade branca e multiculturalismo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

<sup>68</sup> SANTOS, Gislene Aparecida dos, op. cit, p. 41.

<sup>69</sup> *Ibidem*, p. 42.

“patinho feio” [aquele que se descobre cisne ao ver sua imagem refletida no lago] é aceita por descobrir nela própria, tal como ela é [sem ter que lavar os borralhos, ou ser escolhida pelo príncipe], suas belezas sem que nada seja negado, sem que nada seja retirado, sem nenhuma mutilação”.<sup>70</sup>

Ao invés de um restrito balanço historiográfico sobre as estereotípias das mulheres negras na sociedade brasileira, tentei demonstrar como a articulação entre gênero e raça tem sido pensada pelas Ciências Humanas. Dessa forma, volto a enfatizar que menos do que algo imutável, os estereótipos femininos negros são aqui tratados como elementos dinâmicos, produtos da ação humana de diferentes atores sociais em variados contextos. Assim, as noções de branquidade, feminegridade e sexualização serão cruciais para reconstituição dos diversos sentidos assumidos pela mestiçagem feminina dentro do processo de normatização dos gêneros e da racialização das relações na virada do século XIX para o XX.

---

<sup>70</sup> Ibidem, p. 63.

## Capítulo 2: “Lugar de mulher é em casa”

### 2.1 Nação, mulher e família

O Rio de Janeiro surge como um cenário privilegiado. O declínio do setor agro-exportador e a decadência do sistema escravista, a partir da segunda metade do XIX, vão contribuir diretamente para consolidação da economia urbana, que passa a receber fortes investimentos da burguesia comercial. Nas últimas décadas oitocentistas, os processos de emancipação da escravidão, imigração européia e industrialização vão sinalizar as mudanças vivenciadas pela ex-colônia portuguesa.

A inauguração da Avenida Central em 15 de novembro de 1905 e do Theatro Municipal em 14 de julho de 1909 anunciavam a nova configuração sócio-espacial da agora capital republicana. Símbolos das grandes mudanças arquitetônicas e urbanísticas introduzidas pelo prefeito do Distrito Federal, o engenheiro Francisco Pereira Passos, ambas as construções representaram a diluição da paisagem colonial e a montagem dos primeiros contornos da cidade *à francesa*, meta do projeto de higienização do espaço urbano.

Esses primórdios republicanos foram marcados pela inexistência de um sentimento de nacionalidade compartilhado pelo povo brasileiro. Entretanto, o Brasil precisava construir uma identidade nacional<sup>1</sup> e inúmeros projetos das elites tentaram dar conta deste anseio<sup>2</sup> que encontrou no modelo da família nuclear burguesa seu grande sustentáculo.

---

<sup>1</sup> Utiliza-se o conceito de “identidade” reconhecendo a necessidade de problematizá-lo. Ao invés de generalizações, é preciso observar a sua eficácia sócio histórica que homogeneiza e diferencia cenários e contextos de forma simultânea. A mesma observação se estende para a idéia de “nacional”. Uma boa discussão acerca da identidade nacional está em VERDERY, Katherine. Para onde vão a nação e o nacionalismo. In: BALAKRISHNAN, G. (Org.). *Um mapa da questão nacional*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000. p. 239-247.

<sup>2</sup> Ver a este respeito CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados. O Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987; HOCHMANN, Gilberto & LIMA, Nísia Trindade. Condenado pela raça, absolvido pela medicina: O Brasil descoberto pelo movimento sanitarista da Primeira República. In:

A família harmoniosa torna-se então a metáfora da República civilizada e caberia à mulher garantir esta harmonia. Conforme lembra Constância Duarte, no final do século XIX, começam a surgir personagens literárias como a “mãe republicana”, “a filha dedicada”, “o anjo do lar”, etc.<sup>3</sup> Todavia, seja no papel de mãe, filha ou anjo esta atuação feminina se manteve limitada ao espaço da casa.

Nesse processo de construção do nacional vinculado ao lar as imagens femininas são recriadas. Nos tempos coloniais, a medicina buscou entender as mulheres através da procriação como assunto divino. Como uma “espécie de agente institucional da Igreja e do estado, as mães interferiam diretamente nas mentalidades e eram responsáveis pela transmissão de valores às gerações seguintes”.<sup>4</sup>

Com o advento da República, a mulher vivencia nova situação, sem contudo abandonar por completo a anterior. O que se observa é o reordenamento do espaço urbano sob a tutela da medicina social, voltada para família, infância e casamento higiênicos. Tendo a mulher como figura central, esse processo de higienização moral fará com que o “patriarcalismo ortodoxo”<sup>5</sup> perca terreno para novas representações de feminilidade. Todavia, a aproximação entre a medicina e o catolicismo não desaparece por completo, ao contrário, torna-se por vezes complementar.<sup>6</sup>

---

MAIO, Marcos Chor & SANTOS, Ricardo Ventura. *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/CCBB, 1996. p. 23-40, ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1994, dentre outros.

<sup>3</sup> DUARTE, Constância Lima. O cânone literário e a autoria feminina. In: *Gênero e Ciências Humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997, p. 85-94.

<sup>4</sup> DEL PRIORE, Mary. *Ao Sul do Corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia*. Brasília: Rio de Janeiro: Edunb, J. Olympio, 1993, p. 310.

<sup>5</sup> FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e Senzala: formação da família brasileira sobre o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Global, 2003, p. 140.

<sup>6</sup> Ver a este respeito ENGEL, Magali. *Meretrizes e doutores: o saber médico e a prostituição na cidade do Rio de Janeiro, 1845-1890*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

As mulheres continuam estritamente idealizadas como mães e esposas, incapazes de exercerem algum tipo de autonomia no domínio público, contudo a medicina social busca racionalizar os costumes femininos. O que acontece de fato é o desenvolvimento de um papel doméstico representativo, essencial para a manutenção do lar higiênico, interpretado pelas narrativas médicas e juristas como padrão feminino universal.

Nesse novo contexto republicano, a cidadania das mulheres permanece negada sob a alegação de que suas qualidades não lhes conferiam vontade própria e discernimento para votar. Em suma, ao mesmo tempo em que eram vistas como as principais responsáveis pela organização familiar, condição *sine qua non* para o sucesso republicano, deveriam habitar um mundo próprio, o universo privado do amor familiar.<sup>7</sup>

## 2.2 Discursos burgueses sobre o feminino na virada do século

De acordo com Adriana Reis, a criação do ensino médico na Bahia (1808) e no Rio de Janeiro (1815) acarretará o crescimento da intervenção médica nos comportamentos sociais. Nesse momento, as teses médicas - tornadas obrigatórias - serão as grandes promotoras das idéias higienistas vinculadas à civilização e ao progresso.<sup>8</sup> O importante papel desses discursos na construção da nação brasileira e, especialmente, sua intervenção na edificação de um padrão comportamental feminino relativo à maternidade e ao casamento só podem ser entendidos dentro do processo de institucionalização da saúde.

Como sugerem Hochmann e Lima, o início do século XX difundirá “ações centralizadas, nacionais e tecnicamente autônomas, que legitimariam o crescimento do

---

<sup>7</sup> Ver ABREU, Martha Campos. *Meninas perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989; RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar, Brasil, 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985; REIS, Adriana Dantas. *Cora: lições de comportamento feminino na Bahia do século XIX*. Salvador: FCJA; Centro de Estudos Baianos da UFBA, 2000; STEIN, Ingrid. *As figuras femininas nos romances de Machado de Assis*. Bonn, 1983. Tese (Doutorado), entre outros.

<sup>8</sup> REIS, Adriana Dantas. *Cora: lições de comportamento feminino na Bahia do século XIX*, p.113.

papel do Estado brasileiro no campo da saúde pública”.<sup>9</sup> O discurso médico-higienista focaliza o debate na necessidade de redimir o país através do saneamento e da higienização, tarefas governamentais obrigatórias. Desse modo, a saúde conquista lugar de agente institucional na construção da pátria brasileira, sendo os médicos os principais agentes dessa missão.

Esta atuação médica institucional foi ilustrada pelas políticas higienistas que ocuparam papel preponderante na construção de padrões normativos da conduta das mulheres. Se no mundo colonial, o profissional contribuiu de maneira direta para a determinação do padrão feminino, no contexto republicano, coube ao médico de família assumir esse papel. De acordo com Freyre,

a supremacia do médico sobre o confessor, na vida da família brasileira [...] veio marcar fase nova na situação da mulher [...] a mulher de sobrado foi encontrando no doutor uma figura prestigiosa de homem em que repousar da do marido e da do padre, a confissão de doenças, de dores, de intimidades do corpo oferecendo-lhe um meio agradável de desafogar-se da opressão patriarcal e da clerical.<sup>10</sup>

A dicotomia casa x rua é reapropriada pelas narrativas médicas através de dois grandes eixos: o público e privado. Assim, o reordenamento do espaço urbano e a salubridade (fundamentais para combater os vícios das “classes perigosas”<sup>11</sup>) identificavam-se com a saúde pública, ao passo que a saúde da mulher, da família e da criança agrupavam-se no âmbito da saúde privada.<sup>12</sup>

Desse modo, a política higienista procurava disciplinar o comportamento da mulher através da especialização do seu corpo naquele de mãe. A mulher higienizada, sinônimo de

<sup>9</sup> HOCHMANN, Gilberto & LIMA, Nísia Trindade. *Condenado pela raça, absolvido pela medicina...*, p.23.

<sup>10</sup> FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. Rio de Janeiro: Record, 2000, p.152 et seq.

<sup>11</sup> CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

<sup>12</sup> REIS, Adriana Dantas, loc. cit.

boa conduta, seria aquela apta a desempenhar as funções sociais/papéis sexuais de mulher-mãe e mulher-esposa, cruciais para formação da sociedade brasileira.

Esse controle médico (higienista) sobre a sexualidade inaugurou um “modo de regulação política da vida dos indivíduos, e, através da tutela terapêutica, o corpo, o sexo e as relações afetivas entre os membros da família passaram a ser usados, de modo sistemático e calculado, como meio de manutenção e reprodução da ordem social burguesa”.<sup>13</sup>

Nesse contexto, não se pode deixar de enfatizar a coexistência conflituosa entre os discursos médicos, costumes europeus e as sociabilidades femininas burguesas nos trópicos. As vestimentas, bailes, teatros e leituras foram fundamentais para dar novos sentidos ao ser mulher. Ao mesmo tempo, essas práticas trazidas da Europa foram alvo das preocupações médicas desde a metade do século XIX, pois o excesso de divertimentos mundanos era considerado a causa das doenças morais e físicas da mulher.

Em 1851, uma *Dissertação sobre a histeria* propunha a “boa educação física e moral para a mulher, diminuindo a sensibilidade e a imaginação”. Ela era aconselhada a “não ler assiduamente romances, não assistir certos espetáculos, moderar certos gostos pela música” e recomendava o exercício “até a fadiga”, os trabalhos manuais, o estudo das ciências naturais, o levantar-se logo que despertasse, e o deitar-se só quando o sono fosse necessário, “para impedir os sonhos da imaginação e o vício torpe da masturbação”. A ninfomania tinha as mesmas causas: “as leituras romanescas, os bailes, os teatros, as conversas indecentes, a cultura das belas-artes, o estudo de certas músicas melodiosas e

---

<sup>13</sup> COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1979, p.116.



ternas, a má educação, a puberdade, a fraqueza sexual dos esposos, a viuvez precoce e súbita".<sup>14</sup>

Os padrões de conduta feminina, forjados também pelos discursos jurídicos de advogados, promotores e juízes, demonstravam que valores como honestidade, honra e pudor foram essenciais para a construção desta mulher higienizada. Um olhar mais atento para estes textos ajuda a descortinar o processo de metamorfoses sofrido pelo significado do feminino.

Da subjetividade dos lares a normatização através do Estado, corporificado na Justiça e na Medicina, a mulher burguesa torna-se símbolo do modelo feminino. Por intermédio da análise dos processos criminais de atentado ao pudor, estupro e rapto no Rio de Janeiro entre 1900 e 1913, Martha Abreu observa que

nos crimes de amor, as ofendidas se tornavam, mais que os acusados, o centro de análise dos julgamentos. Os juristas avaliavam se mereciam, ou não, sofrer o crime; se os comportamentos e os atos facilitavam e justificavam a ocorrência de uma agressão. A transformação da ofendida em possível culpada correspondia à posição da mulher como principal alvo da política sexual: sua conduta tornou-se objeto de conhecimento científico (médico e jurídico) e construíram-se verdades universais em relação a ela.<sup>15</sup>

Os processos criminais são bastante ilustrativos do “dissecamento” da mulher pelo conhecimento científico. Seu comportamento foi alvo de políticas educacionais severas. Esta disciplinarização dos seus corpos era interpretada como garantia da harmonia entre sexo, amor e casamento: “relações sexuais, sim, mas com uma condição: dentro do casamento, lugar privilegiado para o amor. O ato sexual sem essa condição era considerado leviano e doentio”.<sup>16</sup>

---

<sup>14</sup> CASTRO, Dinnorah d' Araújo Berbert de. *A mulher submissa: teses da Faculdade de Medicina da Bahia no século XIX*. Salvador: Press Color, 1996, p. 186.

<sup>15</sup> ABREU, Martha Campos. *Meninas Perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989, p. 41.

<sup>16</sup> Idem, p. 54.

A nova ordem republicana colocava a mulher como agente central, contudo as supostas inferioridade e infantilização em relação aos homens permanecem entendidas como decorrência de razões naturais. Ao mapear as teorias médicas européias produzidas no final do XIX sobre a mulher, Soihet observa que

no tocante à sexualidade, sem levar em consideração os condicionamentos seculares de que a mulher tinha sido vítima, especialmente nesse âmbito, [os médicos] acentuavam a menor sensibilidade sexual da mulher. Alegavam que a maior frigidez e passividade feminina no coito seriam comuns a todas as fêmeas do mundo zoológico.<sup>17</sup>

A mulher e seu comportamento continuavam ocupando o lugar-comum da passividade, inferioridade física e intelectual, submissão e fraqueza em relação aos homens demonstrando que as teorias de Lombroso e outros médicos equacionam um conjunto de preconceitos, pois trataram a mulher como categoria universal. Ainda de acordo com a medicina, as que ousavam fugir “à frigidez sexual, à dependência, à submissão, mediocridade intelectual, apatia, eram degeneradas, masculinas, criminosas de alta periculosidade”.<sup>18</sup>

### **2.3 Pensando “entre quatro paredes”: Júlia Lopes de Almeida, a mãe-esposa-intelectual**

Não é meu objetivo fazer uma biografia de Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), entretanto observá-la como sujeito histórico ajuda a refletir acerca dos papéis sociais e sexuais destinados às mulheres burguesas no projeto republicano. Completamente influenciada pelos ideais republicanos, a literata acreditava que a educação feminina tinha

---

<sup>17</sup> SOIHET, Rachel. *Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana, 1890-1920*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1985, p. 83.

<sup>18</sup> SOIHET, Rachel. *Condição feminina e formas de violência...*, p. 108.

que se ligar diretamente ao bem-estar da família, pois dessa forma a República ficaria salvaguardada.<sup>19</sup>

No começo do século XX, coube à imprensa feminina publicizar a intimidade da esfera privada. Para Kátia Carvalho, os periódicos femininos foram resultantes do desenvolvimento cultural da mulher burguesa e da ampliação de sua participação na sociedade por intermédio do lar. É dentro desse contexto que se insere Júlia.<sup>20</sup>

A vastidão da produção literária de Júlia, expressa por seus romances, crônicas, livros de gramática, peças teatrais, dentre outras ilustra seu enorme prestígio público e denuncia uma escrita absolutamente comprometida com o projeto republicano. Nas palavras de Peggy Sharpe

Almeida retrata as contradições enfrentadas pelas mulheres educadas sob os códigos da sensibilidade romântica que representavam uma ameaça ao sucesso da nova sociedade civil, devido ao seu despreparo para a seriedade da missão de esposas e mães dos futuros cidadãos dessa nova arena pública.<sup>21</sup>

Durante a Primeira República, D. Júlia – como era conhecida – desenvolveu papel transformador no que se refere à ação da mulher burguesa dentro da família. No entanto, esse cunho progressista é marcado por contradições. Ao mesmo tempo em que defendia a necessidade de ampliar a participação feminina, foi arduamente contrária ao direito do divórcio para as mulheres. Na crônica “Nessa mesma tarde”, publicada no jornal *O País*, Júlia afirma que a viuvez é o único estado que confere independência à mulher.<sup>22</sup>

---

<sup>19</sup> Importantes aspectos do pensamento da literata sobre as mulheres estão em MOREIRA, Nadilza M. B. *A condição feminina em Júlia Lopes de Almeida e Kate Chopin*. São José do Rio Preto. Tese (Doutorado em Letras) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, 1998.

<sup>20</sup> CARVALHO, Kátia de. *A imprensa no Rio de Janeiro, anos 20: um sistema de informação cultural*. Ciência da Informação, v. 24, n. 1, mimeo, 1995.

<sup>21</sup> SHARPE, Peggy. O caminho crítico d'a Viúva Simões. In: ALMEIDA, Júlia Lopes de. *A viúva Simões*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1999, p. 9-32, p. 20.

<sup>22</sup> ALMEIDA, Júlia Lopes de. Eles e elas. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1910. (Coletânea de crônicas publicadas em *O País* nas colunas “Reflexões de um marido”, Reflexões de uma esposa” e “Reflexões de uma viúva”, de 1907 a 1909), p. 177.

No oitavo ano de aniversário da República (1897), a literata demonstra seu pensamento sobre o voto feminino em *A mensageira*, “revista de estudos literários dedicados à mulher brasileira”.

Nem a mulher que vota, nem a mulher que mata! (...) Parece que é mais lituosa do que risonha a data que hoje se comemora. Ainda se não conta um decênio da proclamação da República e dir-se-ia que um século transcorreu já, tão cruciantes agonias constringem a alma nacional (...) em menos de dez anos de novo regime, o coração das brasileiras patriotas se tem compungido, ante as cenas da mais requintada barbaria! (...) Não quero aqui resvalar para o terreno escorregadio e integrado da política... Detesto a mulher que vota, como a mulher que mata (...)<sup>23</sup>

Passados onze anos (1908), Júlia expressa nova opinião sobre o assunto na crônica “Um pouco de feminsmo”, publicada no mesmo jornal. Ela critica aqueles contrários ao voto feminino, todavia – mantendo a coerência com seus ideais femininos restritos ao lar – ressalta que as mulheres devem votar “nos homens do seu país”.<sup>24</sup>

Outras mulheres como Emília Moncorvo Filho, a “Carmem Dolores” demonstravam pensamento diferenciado. A respeito do divórcio feminino, a cronista dava seu apoio incondicional desde que não “diminua o sentimento da família, nem seja a moral pública degradada”.<sup>25</sup> Ao contrário de Júlia, Carmem defendia a independência da mulher pelo trabalho, colocando-se contra a educação feminina exclusiva para o casamento.

Cumpre, acho eu, que na educação para o casamento, que é toda de avassalamento ao marido, se enxerte prudentemente o corretivo de um preparo completo para qualquer eventualidade futura. Conte a mulher sentimentalmente com o homem, já que não pode prescindir do amor – e na nossa raça o amor é o casamento; mas conte praticamente consigo mesma para o que possa advir de anormal.<sup>26</sup>

Como lembra Rachel Soihet, Carmem, “demonstrando lucidez e consciência quanto às aptidões e papéis de cada gênero”, expressa em suas crônicas o inconformismo com a

<sup>23</sup> ALMEIDA, Júlia Lopes de. Crônica publicada em *A mensageira*, 15 de novembro de 1897.

<sup>24</sup> Apud SOIHET, Rachel. Comparando escritos: Júlia Lopes de Almeida e Carmen Dolores. In: *Caderno Espaço Feminino. Revista do Núcleo de Estudos de Gênero e Pesquisa sobre a mulher*, v. 9, n. 10/11, Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, mimeo, 2001/2002, p. 4 et. seq.

<sup>25</sup> DOLORES, Carmem. *Ao esvoaçar da idéia*. Porto: Livraria Chardon, 1910.

<sup>26</sup> *Ibidem*.

concepção da maternidade como destino da mulher. Para ela, somente outro modelo de educação feminina seria capaz de combater tal concepção.<sup>27</sup>

Nas obras e na vida de Júlia, os valores burgueses de lar, família e matrimônio estão arraigados, contudo permeados por tensões e críticas sutis. Sua figura no meio literário fora descrita como a da conciliadora, aquela “que harmonizara companheirismo e organização, rebeldia e luta – com o papel de mãe e esposa”.<sup>28</sup> Foi essa imagem que lhe conferiu o prestígio social num espaço majoritariamente masculino onde as mulheres que ousavam adentrar faziam-no por de trás de pseudônimos, caso contrário eram rotuladas como criminosas natas.

Indubitavelmente, Júlia transpôs barreiras ocupando o campo da produção literária destacadamente. Embora não tenha sido a única mulher da época a conquistar este mérito, sua singularidade pauta-se no fato de não ter tido seu comportamento considerado como destoante do modelo feminino, ao invés de degenerada, foi vista como exemplo de mulher em uma sociedade que ainda enxergava com desconfiança a atuação feminina fora do espaço privado.

A tensão provocada pelo acúmulo das funções de esposa, mãe e escritora deve ser observada mais atentamente. Quando perguntada por João do Rio sobre a dedicação à leitura, ela responde: "sou de muito pouca leitura, era capaz de passar a vida lendo, mas uma dona de casa não pode perder tanto tempo".<sup>29</sup> Esta fala é emblemática de sua preocupação em resguardar a imagem de dona de casa como um bem inalienável. Ainda na mesma entrevista, ao ser questionada sobre como escreve seus romances, eis a sua resposta:

---

<sup>27</sup> SOIHET, Rachel. Comparando escritos: Júlia Lopes de Almeida e Carmem Dolores. *Caderno Espaço Feminino. Revista do Núcleo de Estudos de Gênero e Pesquisa sobre a mulher*, Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, v. 9, n. 10/11, p. 85-107, 2001/2002.

<sup>28</sup> *Ibidem*.

<sup>29</sup> RIO, João do. (Paulo Barreto). Um lar de artistas. In: \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *Momento literário*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1994, p. 34.

Já não escrevo para os jornais porque é impossível fazer crônicas, trabalhos de começar e acabar. Idealizo o romance, faço o *canevas* dos primeiros capítulos, tiro uma lista dos personagens principais, e depois, hoje algumas linhas, amanhã outras, sempre consigo acabá-lo. Há uma certa hora do dia em que as coisas ficam mais tranqüilas. É há essa hora que escrevo, em geral depois do almoço. Digo as meninas: - Fiquem a brincar com os bonecos que eu vou brincar um pouco com os meus. Fecho-me aqui, nesta sala, e escrevo. Mas não há meio de esquecer a casa. Ora entra uma criada a fazer perguntas, ora é uma das crianças que chora. Às vezes não posso absolutamente sentar-me cinco minutos, e é nestes dias que sinto uma imperiosa, uma irresistível vontade de escrever.<sup>30</sup>

As declarações da “dona de casa” que “não pode perder tempo” não coadunam com sua formação literária ampla: Maupassant, Zola, Flaubert.<sup>31</sup> Seu conhecimento literário vasto indica que precisava dedicar-se ao exercício da leitura com afinco. Então, como desempenhava as tarefas do lar tão exemplarmente?

O cumprimento com êxito de suas funções materna, conjugal e literária a transformam numa personagem quase mítica, pois seu heroísmo se pauta na conciliação do inconciliável para a maioria das mulheres burguesas: trânsito livre no domínio público e no privado. De que maneira realizava tão bem três atribuições intensas? Para Constância Duarte, tudo leva a crer que Júlia viva um conflito entre seus dois mundos: “o do seu lar, onde foi a esposa admirável, a inspiradora e a companheira, e o das artes, o das letras, e parecia sempre querer vestir o seu lado “demônio” em pele de “anjo”.”<sup>32</sup>

Esta trajetória de brilhante escritora, esposa ideal e mãe exemplar fora marcada pela contradição. Mirella Fontes também ressalta a improbabilidade de alguém que publicou tantas obras, escreveu peças, colaborou com jornais e viajou pelo mundo inteiro conseguir se manter como o “tipo ideal” de mãe propagado pelo discurso higienista.<sup>33</sup> Um caminho importante é observar esse discurso da mulher higienizada como uma estratégia edificada por Júlia para se manter na posição de destaque sem contudo ter sua figura maculada ou

---

<sup>30</sup> Ibidem, p. 35.

<sup>31</sup> Ibidem, loc. cit.

<sup>32</sup> DUARTE, Constância Lima. O cânone literário e a autoria feminina, p. 90.

<sup>33</sup> FONTES, Mirella de Abreu. Júlia Lopes de Almeida: representações de uma mulher/escritora. Comunicação apresentada no X Encontro Regional de História da ANPUH. Rio de Janeiro, UERJ, 2002, p. 5.

associada ao comportamento criminoso de transgredir a natureza feminina. Assim, o seu trabalho de literata teria a função de contribuir para a instrução das mulheres republicanas, reiterando a missão educativa feminina dentro do lar.

Sua grande atuação lhe rendeu a cogitação de um possível assento na Academia Brasileira de Letras, que por conta dos preconceitos da época acabou sendo gentilmente cedido ao seu marido, Filinto Muller. A fala do poeta português, sobre o merecimento da esposa em ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, posto nacional de consagração máxima, acentua a dimensão de popularidade alcançada por Júlia, ao mesmo tempo em que, o coloca numa posição isolada em relação ao conjunto dos homens burgueses.

Em visita à casa da literata, João do Rio ressalta o fato de Júlia ser por muitos considerada “o primeiro romancista brasileiro”. A fala do jornalista conjugada no masculino marca nitidamente a divisão dos papéis sociais entre homens e mulheres. Afinal de contas, escrever e pensar eram coisas para homens.

Nesse momento da entrevista, Júlia não estava presente, ausentou-se por alguns instantes para dar atenção ao seu filho: “vou ver o Albano, coitadinho... Já não o vejo há muito tempo”. A sós com João do Rio, Filinto “tem um movimento de alegria” e assume sem nenhum constrangimento que ela deveria estar na Academia no lugar que ele ocupa: “nunca disse isso a ninguém, mas há muito que o penso. Não era eu quem devia estar na Academia, era ela”.<sup>34</sup> Não se pode saber se o marido realmente manifestou a solidariedade e o reconhecimento pelo sucesso literário da esposa desta maneira, porém é fato notório que seu assento na Academia deveria ser dela, não fosse a ABL um espaço exclusivo de homens naquele momento.

---

<sup>34</sup> RIO, João do. (Paulo Barreto), op. cit, p. 33.

O pai, ao lado do marido foi o maior incentivador da produção de D. Júlia. A descoberta dos seus primeiros versos pelo pai é assim rememorada por ela:

Meu pai, muito sério descansou o Jornal. Ah! Deus do céu, que emoção a minha! Tinha uma grande vontade de chorar, de pedir perdão, de que nunca mais faria essas coisas feias, e ao mesmo tempo um vago desejo que o pai sorrisse e achasse bom. Ele, entretanto, severamente lia. Na sua face calma não havia traço de cólera ou de aprovação.<sup>35</sup>

Como destaca Fontes, o fato da escritora enfatizar que começara a escrever escondido, mostrando uma grande preocupação em ser descoberta, foi discurso lugar comum entre todas as mulheres que iniciavam sua carreira e tinham consigo o medo de escreverem à sombra de grandes homens (seus pais, irmãos, maridos) e serem sufocadas por estas sombras<sup>36</sup>.

A brilhante trajetória intelectual de Júlia deve ser entendida dentro das especificidades de seu contexto. A literata provinha de uma família de artistas, sua mãe fora concertista e o pai jornalista. Antes de se casar, ela já conhecia a Europa, além de ter tido acesso a clássicos da literatura estrangeira. Depois se casa com Filinto que continua a incentivar seu investimento na produção literária. Assim, essa enaltecida singularidade da intelectual foi sobretudo proveniente de sua pertença a um “lar de artistas”.

A clássica entrevista ao cronista João do Rio também descortina a importância das teorias higienistas para a interpretação da esfera familiar.

Uma criança loira, de uma beleza de narciso aparece à porta. É a Margarida. As suas longas mãos no ar, chamando-a mãe, são tão finas e rosadas que recordam as pétalas dos crisântemos. D. Júlia levanta-se.  
Vou ver Albano, coitadinho... Já não o vejo há muito tempo.<sup>37</sup>

Desconsiderando os excessos da narrativa, percebe-se que as impressões iniciais sobre Júlia captadas pelo entrevistador são aquelas da mulher higienizada, ciente do seu

---

<sup>35</sup> Ibidem, p. 27.

<sup>36</sup> FONTES, Mirella Abreu, op. cit, p. 4.

<sup>37</sup> RIO, João do. (Paulo Barreto), op. cit, p. 33.



compromisso de manter a harmonia familiar. Margarida, “uma criança loira de beleza de Narciso”, representa a criança desejada pela República: branca e por isso bela.

Além de Margarida, uma flor de menina, o pequeno Albano precisa da atenção da mãe que não o vê há muito tempo. Temos aqui a mãe exemplar, que adia a entrevista por instantes para dedicar um tempinho ao seu filho. Nada seria mais importante que sua família...

Júlia Lopes de Almeida, uma das mais importantes escritoras brasileiras, pode ser encarada como um espelho vivo das contradições e ambigüidades que cercavam as mulheres. Ernestina, protagonista de *A Viúva Simões* (1902) – personagem deste trabalho – não pode ser entendida sem que tais conflitos e ambigüidades sejam levados em conta.

### Capítulo 3: Até a coisa de pele

*Esse corpo moreno  
Cheiroso e gostoso  
Que você tem  
É um corpo delgado  
Da cor do pecado  
Que faz tão bem*

(Bororó, *Da cor do pecado*, 1939)

#### 3.1 O “defeito de fábrica”<sup>1</sup> de Ernestina: mulher burguesa, *porém* mestiça

O romance *A Viúva Simões* de Júlia Lopes de Almeida narra a estória de Ernestina, uma mulher mestiça que, após certa desilusão amorosa, casa-se com Simões, o comendador “filho de uma senhora alemã e de um negociante português”.<sup>2</sup> Mulher de origem pobre, Ernestina tornou-se órfã de mãe cedo, tendo sido criada pelo pai.

Seu prestígio social, adquirido na condição de esposa do rico Simões, descortina o matrimônio como mecanismo de ascensão social feminina naquele momento.<sup>3</sup> Tornar-se esposa seria um pré-requisito básico para a “mulher honrada”. Distantes do mercado de trabalho, “era o casamento na época que deveria garantir ao sexo feminino reconhecimento e posição social”.<sup>4</sup> De fato, Ernestina casou-se com Simões menos por vontade que por conveniência.

O tempo e a convivência foram capazes de desvanecer o desamor da esposa [...] O nascimento de Sara acabou de solidificar a afeição de Ernestina pelo marido. O pensamento de ambos convergia para a pequenita; tinham ambos o mesmo cuidado; encontravam-se ao mesmo tempo a beijar a beijar o mesmo rosto ou a embalar o mesmo berço... As suas conversações mais intimamente doces eram a respeito da Sarinha, vendo-a brincar dos joelhos de um para os joelhos do outro, a dizer com igual ternura: Papai... ou mamãe!<sup>5</sup>

<sup>1</sup> Estou chamando de “defeito de fábrica” a singularidade de Ernestina no seio das personagens literárias burguesas. Apesar de ser rica e educada pelos preceitos da moralidade burguesa, a mestiçagem determina o seu comportamento “climatizado” e erotizado. O defeito situa-se na adversatividade mulher burguesa, **porém** mestiça que marca o conflito entre dois códigos morais: a honra e a erotização.

<sup>2</sup> ALMEIDA, Júlia Lopes de. *A viúva Simões*. Florianópolis: Edunisc, 1999, p. 41.

<sup>3</sup> SOIHET, Rachel. *Condição feminina e formas de violência...*, p. 121.

<sup>4</sup> *Ibidem*, loc. cit.

<sup>5</sup> ALMEIDA, Júlia Lopes de, op. cit, p. 52.

A felicidade compartilhada pelo casal com a chegada de sua “pequenita” mostra a importância da associação entre maternidade e casamento estável. Dentro do projeto republicano, a família Simões era “exemplo a ser seguido”. Representante nata do projeto familiar burguês, os papéis sociais e sexuais encontravam-se perfeitamente divididos: o homem, chefe e provedor da família; a mulher, mãe e esposa; a filha, alegria do lar.

Note-se que o sentimento unificador de Ernestina com o comendador seria o amor pela filha. O casamento aparece menos como fruto do amor do casal do que da conveniência, pois o modelo burguês tratava sexo, casamento e maternidade como interdependentes. Assim, a relação de “afeto” entre o comendador e Ernestina não seria possível sem a presença de Sara.

Entretanto, o comendador Simões morre depois de uma “congestão”. Ernestina, agora viúva passa a dedicar sua existência a Sara. O zelo excessivo pela filha reflete a penetração das preocupações em torno da criança e da necessidade de preservação da família burguesa.

Desde a morte do marido que procurava estiolar, ressequir o seu coração de moça, o seu egoísmo maternal absorvia-a toda, não se daria a ninguém, não roubaria à filha nenhum dos seus afagos, nem um único dos seus pensamentos e dos seus cuidados. Pela sua idolatrada Sara deixaria queimar o seu corpo, cegar os seus olhos e despedaçar o seu coração. Perecesse tudo sobre a terra, se só a custa desse aniquilamento pudesse o sorriso iluminar os lábios frescos da filha!<sup>6</sup>

Sara era a única preocupação da viúva. Na ausência do marido, sua presença só era justificável se fosse para a proteger. Era tarefa exclusiva de Ernestina garantir - com seu “egoísmo materno” - que tudo desse certo na vida da jovem.

Ela tinha consciência disso tudo, gozara a seu modo, conforme as exigências da sua educação burguesa. Se não tivesse tido a filha, talvez que a própria comodidade em que vivia imersa a tivesse feito procurar os gozos efêmeros da sociedade, mas a sua pequenina Sara prendia-lhe aos deveres da casa, preocupando-a muito.<sup>7</sup>

---

<sup>6</sup> Ibidem, p. 44.

<sup>7</sup> Ibidem, p. 51.

Ernestina é a encarnação da mulher higienizada: na condição de esposa, mãe carinhosa e companheira fiel; no papel de viúva, mãe superprotetora e mulher resignada. Frequentemente levada a agir por sentimentos da sua “natureza feminina”, isto só não acontecia porque o instinto materno por Sara a impedia de exercer plenamente seu comportamento passivo e desprovido da racionalidade. Mostrando a sintonia entre a literatura e a medicina, a maternidade é tratada no romance como foco da organização biológica e psicológica da mulher.

A viuvez apagou os seus papéis sociais e sexuais de esposa, contudo precisava permanecer administrando o lar.

Apesar de moça e rica, a viúva Simões raras vezes saía, dedicava-se absolutamente à sua casa, um bonito *chalet* em Santa Tereza. Vivia sempre ali, inquirindo, analisando tudo num exame fixo, demorado, paciente, que exasperava os seus cinco criados (...) A viúva, modesta, e um pouco indolente para os deveres exteriores, consumia ali, dentro das suas paredes, toda a sua atividade.<sup>8</sup>

Sua indolência para os deveres externos à casa ressalta a construção do papel feminino burguês no âmbito do domínio privado reforçando a oposição casa x rua observada por Sandra Graham.<sup>9</sup> No contexto republicano, o patriarcalismo colonial é recriado. Analisando a “mulher patriarcal”, Freyre afirma que

da mulher-esposa, quando vivo ou ativo o marido, não se queria ouvir a voz na sala, entre conversas de homem, a não ser pedindo vestido novo, cantando modinha, rezando pelos homens, quase nunca aconselhando ou sugerindo o que quer que fosse de menos doméstico, de menos gracioso, de menos gentil; quase nunca metendo-se em assuntos de homem.<sup>10</sup>

A mulher republicana ainda se misturava com aquela colonial. Como destaquei no capítulo anterior, por mais que se reconheçam as transformações da jovem nação, assim como as releituras sobre feminilidade empreendidas pela intelectualidade na Primeira República, é preciso observar as permanências coloniais recriadas sob novos alicerces.

---

<sup>8</sup> *Ibidem*, p. 35.

<sup>9</sup> GRAHAM, Sandra. *Proteção e obediência: criadas e seus patrões no Rio de Janeiro (1860-1910)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

<sup>10</sup> FREYRE, Gilberto, *op. cit.*

A educação feminina burguesa encarregou-se de modernizar a mulher, mas dentro dos limites domésticos. Dentro desse contexto, Ernestina “adquirira fama de *menagère* [doméstica] exemplar; e então levava o escrúpulo a um ponto elevadíssimo, para não desmerecer nunca do conceito de boa dona de casa”.<sup>11</sup> Como afirma Martha Abreu, no início do século XX, a rua permanece como espaço não recomendado para a mulher higienizada, mesmo depois da construção da avenida Central, “onde poderiam ter uma passarela para suas compras e desfiles de elegância, quando surgiam mais motivos para sair, as mulheres vistas como honestas tinham que se preocupar com quem, aonde e a que horas ir”.<sup>12</sup>

Apesar de sua honra aparentemente intacta, a imagem de Ernestina apresenta múltiplas faces. Mapear sua trajetória ajuda a reconstituir um processo histórico bastante complexo e pouco estudado pela historiografia: os sentidos em torno da mestiçagem feminina. A inclusão de Ernestina neste trabalho deve-se ao fato da particularidade da sua construção imagética em relação a outras personagens literárias: mulher burguesa e mestiça.

Seu caminho é permeado por conflitos sociais expressos pela suposta contradição entre burguesia e mistura racial. O significado da mestiçagem sobrepõe-se ao prestígio econômico e o matiz da pele acaba por determinar a sua erotização e incompetência.

O seu temperamento [de Ernestina] aparentemente frio, dava-lhe por vezes, momentaneamente, um ar de rija autoridade, muito em contradição com o seu tipo moreno, de brasileira. No trato comum era calma, e tinha sempre o cuidado de não trair as suas horas de desfalecimento, em que lhe passavam pela mente desejos e idílios irrealizáveis.<sup>13</sup>

---

<sup>11</sup> ALMEIDA, Júlia Lopes de, op, cit, p. 36.

<sup>12</sup> ABREU, Martha Campos. *Meninas perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, p. 43.

<sup>13</sup> ALMEIDA, Júlia Lopes de, op, cit, p. 37.

Mulher honesta, mas, ao mesmo tempo, “sem autoridade” devido a sua “morenice” e inferioridade biológica do feminino. As explicações para a incapacidade de desenvolver um temperamento frio e racional como o do homem são explicadas pela sua suposta natureza impulsiva, egoísta e infantil e por seus traços físicos genuinamente brasileiros, que aparecem como uma espécie de barreira genética para o exercício da sensatez e da racionalidade necessárias a uma mulher mãe e viúva. Sendo assim, a contradição entre “autoridade” e “tipo moreno, de brasileira” é providencial para descortinarmos a construção das estereotípias de Ernestina e para vislumbrarmos o que Ivana Lima denomina “intensa polissemia da mestiçagem”.<sup>14</sup>

Além da condição feminina, a “morenice” demonstra que o biótipo brasileiro e à influência nefasta do calor tropical impediam a viúva de agir racionalmente. Freyre observa que a climatização, embora não isoladamente, foi um dos principais argumentos justificadores de comportamentos vistos pela elite intelectual como promíscuos, pecaminosos e libertinos. Para ele, seria “impossível negar-se a ação do clima sobre a moral sexual das sociedades”.<sup>15</sup>

De acordo com os discursos médicos, esta influência do país tropical recaía sobre os corpos femininos através de manifestações físicas de “moleza” e “cansaço”. No caso de Ernestina,

a sua carne já não tinha a rizeza do pomo verde, que resiste à dentada, e caía sobre ela toda um ar de moleza, de doce cansaço, que lhe quebrantava a voz e o gesto. Vinha dela um encanto esquisito e delicado, que ninguém afirmaria ser da pureza das suas linhas ou da maneira que tinha de andar, de sorrir ou de dizer as coisas.<sup>16</sup>

---

<sup>14</sup> LIMA, Ivana Stolze. *Cores, marcas e falas: sentidos da mestiçagem no Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003, p. 17.

<sup>15</sup> FREYRE, Gilberto, op. cit, p. 403.

<sup>16</sup> ALMEIDA, Júlia Lopes de, op. cit, p. 37.

O fato de ser mulher e mestiça é motivo suficiente para a contestação de sua honra. A autoridade real e concreta da sua figura aparece como algo excepcional e fácil de ser diluído nas águas tropicais. Mesmo que, aos olhos da sociedade, fosse uma mulher honrada, as dimensões obscuras de sua estrutura mental eram contaminadas por “desejos e idílios irrealizáveis”<sup>17</sup>, pois abrigavam pensamentos inaceitáveis para uma mulher burguesa. Ernestina era diferente dos seus pares femininos porque a mestiçagem determinava o seu papel de pecadora por excelência.

Imbuídas pelos ideais das teorias racistas européias, as elites procuraram eliminar a brasilidade mestiça tentando convertê-la através de um projeto nacional embranquecedor. Contudo, a realidade de três séculos de escravidão africana e de presença indígena inviabilizava a concretização do projeto eugênico burguês. Assim, os intelectuais do pensamento racial brasileiro incumbiram-se da tarefa de formular uma identidade nacional condizente com a mestiçagem.

As teorias raciais são adotadas de forma seletiva e parcial: se ajudam a explicar a seleção natural e o desaparecimento dos mais fracos, são, porém, descartadas quando se trata de pensar na “perfectibilidade” dos “bons mestiços”, ou na homogeneização das raças, conclusões incompatíveis com o modelo poligenista.<sup>18</sup>

Dentro desta estrutura dos degraus raciais, as mulheres mestiças como Ernestina ocuparam lugar específico, pois seus traços de feminegridade foram atrelados ao pecado e à imoralidade. Assim, “o tipo moreno” da viúva deve ser lido como um marcador social corpóreo vinculado ao de gênero como formalizador das desigualdades.

A tonalidade “morena” sobrepõe-se ao comportamento virtuoso de mulher viúva e mãe exemplar. Dona de uma beleza atormentadora, Ernestina “era alta e esbelta e tinha um

---

<sup>17</sup> Ibidem, loc. cit.

<sup>18</sup> SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil. (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

par de olhos pretos belíssimos e uma pele morena delicadamente penujenta e macia”.<sup>19</sup> A tipificação do olhar é aspecto constante na representação das mestiças. O pretume enfeitiçador de seus olhos já aparece na “moura encantada” estudada por Gilberto Freyre.

Os pelos curtos e macios, representados pela penugem, a maciez e a delicadeza da pele potencializam ainda mais o conjunto estético “tentador” da viúva. As marcas físicas de Ernestina situavam-se no pólo oposto do ideal estético da mulher higienizada, dona de um corpo completamente voltado para a procriação. A expressividade dos olhos e a “morenice” são características também representadas na iconografia produzida pelos viajantes europeus. Os traços exóticos, sensuais e exuberantes da feminegridade são bastante explorados nestas imagens.<sup>20</sup>

Este olhar marcante e misterioso de Ernestina pode ser pensado como metáfora representativa do medo das elites brancas em relação ao futuro da jovem nação mestiça. As classificações raciais assumem feições cada vez mais complexas no cenário brasileiro. Entender Ernestina a partir de uma perspectiva racializada ajuda a desvendar os sentidos da mestiçagem feminina.

### 3.2 De honrada à “bacante”\*

O paradoxo que atormenta a vida pacata e rotineira de nossa personagem começa a se delinear com o regresso da Europa de Luciano Dias, responsável pela desilusão amorosa que a fez optar pelo casamento com o comendador Simões na sua mocidade. O mundinho sem emoções, “longe dos gozos e dos triunfos mundanos”, de Ernestina começava a mudar.

<sup>19</sup> ALMEIDA, Júlia Lopes de, op. cit, p. 37.

<sup>20</sup> Sobre o assunto ver dentre outros LEITE, Miriam L. Moreira (et alii). *A mulher no Rio de Janeiro no século XIX: um índice de referências em livros de viajantes estrangeiros*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1982; SOIHET, Rachel. A sensualidade em festa: algumas representações dos corpos femininos nas festas populares no Rio de Janeiro – séculos XIX e XX. *Diálogos Latinoamericanos*, Dinamarca: CLAS – Centro de Estudo Latinoamericanos, Universidade de Aarhus, v. 2, p. 92-114, 2000.

\* Bacante: mulher dissoluta, devassa e libertina. HOLANDA, Aurélio Buarque de. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 215.



Os seus olhos percorriam superficialmente todo o jornal, quando de súbito estacaram num ponto. Por muito tempo não se despregaram de quatro linhas banais, lendo-as e relendo-as até que o jornal, levado por um dos seus gestos lânguidos, caiu aberto sobre os joelhos. Voltada para o sonho, ela continuou imóvel, com os membros lassos estendidos sob as roupagens longas e negras do seu ainda rigoroso luto de viuvez, e pôs-se a seguir com o olhar, que o pensamento erradio tornava ora abstrato, ora pensativo, uma barquinha de velas pandas que deslizava lá embaixo, isolada e pequenina, na solidão das águas.<sup>21</sup>

A chegada de Luciano da Europa reacendeu nela antigos sentimentos.

Luciano tinha sido o primeiro e mais duradouro amor da viúva; cartas, promessas, frases aquecidas na mais ardente paixão, haviam partido de um para outro nos bons tempos da juventude. Ela era ainda muito criança, ele também... como se amaram! Entretanto, ela o havia esquecido: só uma ou outra vez, por qualquer acaso, se recordava dele. Supunha mesmo que nunca mais o tornasse a ver, e que, se porventura isso se viesse a dar, ela não experimentaria a mais leve emoção; e ei-la agora alarmada, só porque lera na *Gazeta* a notícia da sua chegada da Europa! Havia dois dias já que ele estava no Rio, debaixo do mesmo céu, respirando o mesmo ar que ela!<sup>22</sup>

Completamente pega de surpresa por sua volta, Ernestina

desejava vê-lo. Uma revoada de saudades trouxe-lhe à alma todo o perfume daquele amor passado. Parecia-lhe que estivera todo aquele tempo à sua espera, como uma noiva extremosa e fiel... Sim, desejava vê-lo, mas tinha receio. Receio... nem sabia de quê, mas tinha-o. Afinal não houvera amado nunca outro homem como amara aquele!<sup>23</sup>

A chama da paixão voltava a queimar o pacato coração da viúva. Desde a sua descoberta da volta de Luciano, ela passa a se interrogar sobre a opção pelo casamento com o comendador Simões. Definitivamente, não tinha casado por amor, apenas por conveniência para os padrões da época. “Dezenove anos tinham decorrido depois de tudo isso!” e os “seus formosos olhos lânguidos e pretos”<sup>24</sup> só conseguiam enxergar a figura de Luciano. Um cartão de visitas, entregue por Augusto, seu empregado mudaria tudo.

Ela leu-o e ficou-se pensativa. O sangue afluiu-lhe ao rosto, apertou com força nos dedos finos e nervosos o bilhete, indecisa, com o olhar chamejante e o lábio inferior apertado entre os dentes.

A resposta? perguntou por fim o criado.

Manda entrar.

É extraordinário! Murmurou a viúva Simões; nunca mais pensei nele... hoje penso... e ele chega! Aquela coincidência afigurava-se ao seu espírito mal educado, como que um aviso sobrenatural. Já nem se recordava de que a sua memória fora despertada pela notícia da *Gazeta*.<sup>25</sup>

<sup>21</sup> ALMEIDA, Júlia Lopes de, op. cit, p. 38.

<sup>22</sup> Ibidem, p. 42.

<sup>23</sup> Ibidem, p. 43.

<sup>24</sup> Ibidem, loc. cit.

<sup>25</sup> Ibidem, p. 45.

Os instantes anteriores ao encontro foram longos para a viúva, até que:

Ela voltou-se com um sorriso desbotado e viu destacar-se, no fundo bronzeado do reposteiro, a figura correta e elegante de Luciano Dias... Ele avançou, e curvando-se diante dela:

- Minha senhora...

A viúva Simões estendeu-lhe a mão que a comoção gelava e ele galantemente beijou a mão que se lhe oferecia.<sup>26</sup>

Após o reencontro, sua mente passa a ser controlada pela absoluta passividade. Será que “seu espírito mal educado”<sup>27</sup>, observado pelos intelectuais da ciência como tipicamente feminino, seria capaz de refrear os impulsos de uma mulher apaixonada? No discurso médico, as mulheres entregues à paixão seriam seres de alta periculosidade porque “atuam a partir de seu caráter arrebatado, ou seja, a partir da forte intensidade de suas paixões”.<sup>28</sup>

Chegamos aqui ao ponto nevrálgico do romance. Está colocado o grande conflito vivenciado por Ernestina: entregar-se de corpo e alma a Luciano ou manter o comportamento de recato e discrição canonizado pelo projeto republicano como ideal para uma mulher honesta, sobretudo, viúva e mãe de família?

O comportamento de Luciano por sua vez é ilustrativo da suposta natureza masculina. Na “construção binária do gênero”<sup>29</sup>, ele aparece como um conquistador nato em busca dos prazeres mundanos.

Não era positivamente como marido que ele queria beijar a boca pequena e rubra da viúva Simões! O corpo esbelto e ondeante da moça, o negro azulado do seu cabelo farto, a doçura dos seus olhos rasgados e úmidos, o moreno quente da sua pele rosada, acendiam-lhe no coração, não o amor puro e casto que o homem deve dedicar à companheira eterna, mas o fogo sensual de uma paixão violenta e transitória. Ele amava-a, amava-a, sim; tinha ciúmes do passado, era sincero na sua cólera, odiava o Simões e a filha do Simões, porém à sua imaginação o vulto de Ernestina aparecia, teimosamente, engrinaldado de pâmpanos e de taça em punho, como uma bacante!<sup>30</sup>

De honrada à “bacante”. Luciano não via Ernestina como uma mulher recatada.

“Não era positivamente como marido que ele queria beijar a boca pequena e rubra da viúva

<sup>26</sup> Ibidem, p. 46.

<sup>27</sup> Ibidem, loc. cit.

<sup>28</sup> SOIHET, Rachel. *Condição feminina e formas de violência...*, p. 82.

<sup>29</sup> SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise...*

<sup>30</sup> ALMEIDA, Júlia Lopes de, op. cit, p. 118.

Simões!”. Concebida como uma devassa, sua idealização sobre a viúva impedia que nutrisse por ela sentimentos ligados ao matrimônio. Na sua imaginação, a mestiçagem da morena preponderava sobre a honra mesmo que ela não desse motivo para isto.

A não ser como amante, lasciva e ardente, ele só podia conceber Ernestina casar-se com um príncipe poderoso ou um desses homens fantásticos, das lendas, que a vestisse de roupas suntuosíssimas e a fizesse servir em baixela de ouro. Era a mulher destinada pela sua formosidade emocionadora, ao luxo, à grandeza e ao amor!<sup>31</sup>

Para Luciano, o destino não teria reservado à Ernestina a condição de esposa senão a de amante. A ornamentação com que desejava vê-la vestida está muito próxima ao que Magali Engel denominou “retrato corporal da prostituta”.<sup>32</sup> A feminegridade transformava a viúva na amante ideal, capaz de realizar as mais ardentes fantasias sexuais. Dentro desta lógica, os debates em torno da mestiçagem devem ser observados nas suas múltiplas dimensões. A afirmação de Ivana Stolze sobre a mestiçagem no período imperial estende-se para o contexto republicano.

O tema tão presente das cores dos cidadãos deve ser entendido não só como atributo físico; o sentido político do “cidadão de cor”, do “brasileiro pardo” é muito mais rico e complexo do que a cor da pele [...] isso é que contribuiu para o que se denominou anteriormente de historicidade das percepções e classificações raciais.<sup>33</sup>

A complexidade desta mestiçagem é expressa pelo fato de que mesmo pertencendo à classe burguesa, sua imagem não se desvencilha da sexualização atribuída às mulheres mestiças. Ela provocou em Luciano um misto de feitiço e desejo graças a seus generosos atributos carnavais.

Devido ao vigor físico, sua conduta burguesa torna-se incipiente nos pensamentos de Luciano que a vê como o fruto belo pronto para ser devorado. A carnalização da imagem de Ernestina se concretiza com as peculiaridades de suas vestimentas, que - dignas de seu

---

<sup>31</sup> Ibidem, p. 180.

<sup>32</sup> ENGEL, Magali. Meretrizes e doutores: o saber médico e a prostituição na cidade do Rio de Janeiro, 1845-1890. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 80.

<sup>33</sup> LIMA, Ivana Stolze, op. cit, p. 20.

encanto - teriam que ser “suntuosíssimas”. Não deveria trajar-se como uma mulher recatada, mas como uma “bacante”.

Retomando a idéia de sexualização, é interessante observar que a representação das mulheres mestiças torna-se responsável por uma inversão dos papéis de gênero. O homem, de sujeito ativo e dono de suas próprias vontades, passa a ser a encarnação da passividade, pois não teria como fugir do enfeitiçamento ocasionado pela sedução singular da mestiçagem feminina. Nesse caso, o ser controlado pelas faculdades afetivas passa a ser o homem.

Ao tentar encontrar raízes para a estereotipia das mestiças, volto ao rígido sistema patriarcal da escravidão. Desde os tempos coloniais, a imoralidade das mulheres de cor foi argumentação masculina recorrente para justificar a violência sexual dos senhores e associar características físicas a definições de caráter. Em suma, o discurso da irresistibilidade e amoralidade desses sujeitos foi bastante eficaz, pois justificava “impulsões extraconjugais masculinas, sem maiores riscos morais por parte do conquistador”<sup>34</sup>.

Este discurso patriarcal da promiscuidade das mestiças foi recriado pelo projeto republicano e manifestado nos códigos comportamentais da classe burguesa. Sendo assim, homens como Luciano aparecem menos como “Don-Juans” do que vítimas destas mulheres sexualizadas. A sensualidade nata das Ernestinas não lhes deixa outra opção a não ser se render ao enfeitiçamento, deleitando-se nos prazeres carnavais.

Dentro desta lógica, os marcadores de gênero e raça são realçados, pois misto de mulher e animal, as mestiças seriam responsáveis pela difusão da discórdia e da

---

<sup>34</sup> QUEIROZ JÚNIOR, Teófilo. *Preconceito de cor e a mulata na literatura brasileira*. São Paulo: Ática, 1975, p. 28.

desestabilização dos lares conjugais. Ernestina não era uma bela mulher, mas um “demônio” em forma de mulher. Interpretadas como potenciais destruidoras de lares, Teófilo Júnior lembra que as mestiças são sempre assinaladas pelo

colorido da pele, distribuído por vários tons, expressos por contornos diversos, o bem torneado de braços e pernas, mãos e pés pequenos, a cintura fina, o busto insinuante e bem moldado, a boca sensual de dentes saudáveis, iluminados por sorrisos fáceis, sonoros e comunicativos; os bastos cabelos negros; os olhos grandes e belos, quase sempre negros.<sup>35</sup>

O conjunto físico harmônico de Ernestina (“corpo esbelto e ondeante”, “negro azulado do seu cabelo farto”, “doçura dos seus olhos rasgados e úmidos” e “moreno quente da sua pele rosada”) desloca sua posição feminina de vítima para a de agente, devido à singularidade de seus traços físicos. Assim, a manipulação dos seus marcadores corporais de gênero e raça assume a função de a transformar em “agente erótica”. Além disso, o fato de ser viúva a tornava uma “presa fácil” para Luciano.

Notemos a preponderância da feminegridade em relação à classe. Apesar de sua condição social burguesa, a viúva Simões situava-se na faixa intermediária entre as mulheres mestiças e brancas. Assim, ela representa “uma beleza provocante, de espantar maridos”.<sup>36</sup> A expressão “espantar maridos” traz estas mulheres como protótipos de amantes opostos à tipologia feminina burguesa que, grosso modo, apresenta papéis restritos ao exercício das funções de esposas, donas de casa e mães de família.

De imediato, o interesse de Luciano pela viúva situa-se no âmbito do prazer carnal porque o fato de ser morena era impeditivo da sua idealização como esposa. Enfim, a beleza “colorida” de Ernestina o eximia de qualquer tipo de culpa e ainda legitimava seus pensamentos a seu respeito.

---

<sup>35</sup> Ibidem, p. 30.

<sup>36</sup> ALMEIDA, Júlia Lopes de, op. cit, p. 65.

Dotadas de uma espécie de “beleza sobrenatural”, capaz de enfeitiçar qualquer homem, as Ernestinas são vistas como encarnações do demônio. Longe de exemplos a serem seguidos, são perigosas tentações pois têm a personalidade marcada por características como traição, assanhamento, perversidade e falsidade somadas ao olhar, às formas corpóreas esculturais, ao brilho dos olhos, à beleza dos seios e à fartura dos cabelos. Nas palavras de Almeida,

a beleza de Ernestina era então de uma singularidade atormentadora! [Luciano] vira sempre nela a tentação da carne, chamando-a por isso de: virgem inconscientemente pecaminosa! Nunca lhe ocorrera dar-lhe uma flor. Se pensava em presentear-lhe, vinham lhe à idéia pedrarias caras, engastadas em metais rijos e vistosos (...) Não que seu rosto fosse de linhas puras, nem que as suas palavras denunciasses a volúpia; aquele ardor, aquele domínio, vinham da sua pele, do seu olhar, do seu porte e do seu sorriso. Decorreram anos depois de tudo isso; agora ele sabia-a boa e honesta, a sua vida de casada fora doce, invejável, simples, reta! Inda assim, era sempre a mesma impressão esquisita, meramente sensual que essa mulher produzira nele!<sup>37</sup>

A condição de “pecadora” é inerente à mestiçagem da personagem. A “virgem inconscientemente pecaminosa” estava fadada a despertar em Luciano somente a paixão, jamais o amor. Ernestina não era uma mulher como as outras (brancas). O matiz atormentador da pele definia sua função de amante. Em oposição à flor, símbolo da fragilidade feminina, ela merecia ser presenteadada com “pedrarias caras engastadas em metais rijos e vistosos”.

Idealizada por Luciano como a “virgem inconscientemente pecaminosa”, sob a égide do discurso burguês, ela carregava duas marcas genéticas: devassidão e imoralidade. Os desejos de Luciano em agradar sua musa pecaminosa eram sempre manifestados no plano material descortinando, a meu ver, mais um estereótipo.

A ligação excessiva das mulheres mestiças ao espaço terreno (mundo material) endossa sua dicotomia com as mulheres brancas idealizadas como anjos e comparadas com as santas católicas. “Catolicamente” falando, Ernestina estaria bem mais próxima de Eva, a

---

<sup>37</sup> ALMEIDA, Júlia Lopes de, op. cit, p. 180.

pecadora. A erotização de seu corpo caminhou junto com a anulação de sua estrutura mental. Completamente destoante do padrão estético burguês para as mulheres e, justamente por isso, cobiçada sexualmente por Luciano, seu fenótipo a impedia de despertar nele sentimentos ligados à honra e ao respeito.

A retomada do relacionamento do antigo casal aparece permeada por tensões. O incômodo despertado pelo retrato do comendador pendurado na sala reflete o descontentamento de Luciano com o casamento de Ernestina, além de esboçar seu egoísmo. Havia passado dezenove anos na Europa desfrutando da solteirice, mas fazia questão de se mostrar “traído” pelo fato da viúva ter se casado com outro homem que não ele.

A retórica ensaiada de Luciano mexe com Ernestina que considerava até então que “a sua partida [sem nenhuma despedida] era a significação de um rompimento”. Luciano se mantém como vítima: “você entendeu mal... [não tive] coragem de lhe dizer adeus (...) quis pôr em prova seu afeto”.<sup>38</sup> Investida de culpa e demonstrando sua inércia frente aos pseudo-argumentos do anado, ela,

abaixou a cabeça, subitamente arrependida de ter dado a mão de esposa ao Simões. Lamentava agora em espírito a perda de todo esse tempo, em que poderia ter vivido ao lado de Luciano, na Europa freqüentando palácios de príncipes e fazendo ressaltar, com os atavios parisienses, os seus encantos de brasileira gentil.<sup>39</sup>

O casamento tornou-se motivo de arrependimento. Tinha a sensação de “perda de tempo”, o lar harmônico e a união estável com o Simões simbolizavam agora o fardo responsável pela separação de seu “único e verdadeiro amor” por todos esses anos. Entregue aos sonhos, a mente de Ernestina só conseguia pensar em como tudo poderia ter sido.

---

<sup>38</sup> Ibidem, p. 49.

<sup>39</sup> Ibidem, p. 50.

Passava os dias a pensar nele, nuns idílios de menina de quinze anos. Os criados já não sofriam a mesma fiscalização severa. Os armários ficavam abertos, a chave da dispensa nas mãos da Benedita, para regalo da Simplícia, que apreciava os seus copinhos de licor de cacau.<sup>40</sup>

No papel de vítima, Ernestina mente para Luciano dizendo ter se casado por imposição do pai, todavia, “o pai não interviera, ficou até surpreso quando o negociante lhe pediu a filha”.<sup>41</sup> Aqui sua “maldade” se revela. Afinal, como teria tido coragem de mentir sobre o pai já morto? Em sintonia com a medicina, Ernestina sofria de “uma falta visível da mais abstrata das emoções: o sentimento de justiça que regula a conduta”.<sup>42</sup> O comportamento vingativo dela também se descortina.

Em verdade, ele, o bom Simões, fora requestado pela moça! O plano fora seu; queria casar, ser rico, vingar-se de Luciano, que a perseguia sempre nos bailes, nos teatros, em toda a parte, e que afinal, sem uma explicação, deixava-a para ir para França!<sup>43</sup>

Ernestina “matou dois coelhos com uma só cajadada”: casou-se com um homem rico e ao mesmo tempo se vingou de Luciano. Assim, para a medicina, ela se deixou comandar por seu instinto cruel, sobreposto à piedade: “na crueldade epidêmica, nos motins, revoluções, as mulheres superariam aos homens em ferocidade, e a necessidade de fazer sofrer seria a característica principal da maldade feminina”.<sup>44</sup>

O amor por Luciano potencializava o instinto infantil da viúva ratificando o discurso médico de que “a mulher é na verdade uma grande criança”.

A mulher normal, em resumo, tem muitas características que a aproximam do selvagem e da criança e em conseqüência do criminoso (irascibilidade, vingança, ciúme, vaidade) e outras diametralmente opostas que neutralizam as primeiras, mas que a impedem, entretanto de se comparar ao homem no equilíbrio entre direitos e deveres, o egoísmo e o altruísmo que é o termo supremo da evolução moral<sup>45</sup>

O sentimento por Luciano é apresentado como uma devoção. Para a medicina, a mulher teria esta tendência natural ao endeusamento do homem.

<sup>40</sup> Ibidem, p. 93.

<sup>41</sup> Ibidem, p. 50.

<sup>42</sup> Apud SOIHET, Rachel. *Condição feminina e formas de violência...*, p. 90.

<sup>43</sup> ALMEIDA, Júlia Lopes de, op. cit, p. 50 et. seq.

<sup>44</sup> Apud SOIHET, Rachel. *Condição feminina e formas de violência...*, p. 85.

<sup>45</sup> Ibidem, p. 90 et. seq.



Elas [as mulheres] se colocam ante o homem amado como diante do Deus de sua existência, submissas e se mortificando, baixando a cabeça, resignadas a tudo, quase felizes de sofrer... comparando-se aos animais inferiores como o cão (...) já o homem não seria capaz de amar um ser superior a ele. Nele, o amor estaria ligado com o sentimento de sua superioridade e com o prazer de desenvolver proteção sobre a pessoa amada.<sup>46</sup>

O que determinava as atitudes de Ernestina era a inferioridade de seu senso moral marcada por sofisticados requintes de crueldade, egoísmo, infantilização, injustiça, vaidade, irracionalidade e instinto vingativo. Após ser indagada se havia se arrependido do casamento, Ernestina passa a se culpar por ter mentido, mas:

Conteve o desejo de contar quanto tinha chorado, na manhã do casamento, com a lembrança de Luciano... Ocorreu-lhe também o constrangimento que tinha sentido, no dia seguinte, pelo marido, vendo-o comer com a faca, ao almoço... Vieram-lhe à mente cenas desligadas, que ela repelia, sem atinar com uma resposta.<sup>47</sup>

Conter os desejos era uma necessidade imposta às mulheres honradas e, nesse caso, precisava zelar pela imagem de esposa fiel e viúva exemplar. Dentro do código comportamental burguês, não havia espaço para que confessasse a Luciano seus sentimentos mais sinceros, pois a mulher que revelasse seu amor ao homem era marcada pelo rótulo do despudoramento. Em suma, a franqueza não deveria fazer parte das características femininas.

Mencionei anteriormente a proteção e dedicação que a viúva tinha com Sara, sua única filha. O restabelecimento de contato com Luciano irá fazer com que a relação entre mãe e filha receba novos contornos. Ao saber que Ernestina era mãe, Luciano mostrou grande descontentamento com a “lembrança do outro”.<sup>48</sup> Quando conheceu a menina, sua antipatia foi imediata. Entretanto, o instinto maternal da viúva impossibilita que ele manifeste de forma mais explícita o desagrado com Sara.

---

<sup>46</sup> Ibidem, p. 88.

<sup>47</sup> ALMEIDA, Júlia Lopes de, op. cit, p. 51.

<sup>48</sup> Ibidem, p. 55.

Quando percebe que a viúva não estaria disposta a tomar nenhuma atitude que pudesse prejudicar a filha, Luciano resolve criar uma forma de se ver longe de Sara sem que a amada desconfiasse. Ao mesmo tempo, Ernestina passou a ser atormentada pela culpa, mas não em relação à memória do marido. A sua culpa estava no fato de acreditar não ter tido um comportamento capaz de despertar em Luciano o interesse pela sua figura de mulher honrada.

O caráter de Ernestina ia-se transformando rapidamente. Depois da visita de Luciano, ela passou uns dias muito sombria e ríspida, indignada consigo mesma contra as idéias que lhe iam nascendo como rebentões novos em tronco maduro, diversas em tudo das antigas, que despegavam como folhas secas... Enraivecia-a a lembrança da sua fraqueza e condescendência, deixando Luciano recordar coisas perigosas... Ah! Se pudesse voltar atrás, recomeçar todo o tempo da visita, como se faria impassível, serena e austera!<sup>49</sup>

A obsessão pela (re) conquista do antigo amor faz com que sua reclusão ao lar, imposta pela viuvez desapareça.

Ernestina, que fora sempre inflexível às solicitações da filha para saídas e divertimentos, mudara completamente de parecer depois da visita de Luciano. Agora, ela não sabia mesmo por quê, sentia necessidade de andar, divertir-se num ambiente diverso do seu. Pouco a pouco, com a tardança que Luciano punha em fazer-lhe a segunda visita, esse desejo aumentou, caracterizando-se pela vontade que tinha de o encontrar na rua, num jardim, numa sala, em qualquer parte, como obra do acaso.<sup>50</sup>

Enquanto a viúva se consumia pela vontade de rever Luciano, inclusive driblando os padrões de confinamento impostos ao seu luto, ele procurava descobrir através do amigo Rosas (inimigo do comendador Simões) fatos que pusessem em risco a conduta da viúva.

Agora diga-me: acerca do comportamento de Ernestina nunca se falou?  
Nunca ouvi nada! Gozou sempre de boa reputação. Isso a meu ver não tem valor. Há mulheres tão sonsas!  
Que diabo! Nem um amante, hein?  
Nenhum, que me conste.  
O Simões deixou grande fortuna?  
Não sei... calcula-se nuns quatrocentos contos, talvez.  
Não é má soma... Pois se não fosse o demo da filha, quem sabe? Talvez que eu realmente caísse na asneira de casar.<sup>51</sup>

<sup>49</sup> Ibidem, p. 75.

<sup>50</sup> Ibidem, p. 79.

<sup>51</sup> Ibidem, p. 65.

Este diálogo demonstra as reais intenções de Luciano: torna-la sua amante. Os questionamentos sobre a reputação de Ernestina assim como sobre sua fortuna o revelam como um homem em busca dos “prazeres mundanos”. Além disso, sua implicância com Sara reforçava ainda mais a impossibilidade de pensar em Ernestina como futura esposa.

A continuação da conversa marca também o preconceito de classe.

- Você não quis quando ela era moça, e então agora...
- Quando era moça era pobre... Mas o que me metia mais medo, ainda assim, não era a pobreza, eram os olhos dela!
- Os olhos!
- Receava que viesse a suceder-me o que sucedeu a você. Ernestina tinha uma beleza provocante, de espantar maridos!<sup>52</sup>

As investidas de Luciano na viúva vão se tornando cada vez menos próximas das de um “homem bem intencionado”. Faz questão de ser gentil e galanteador, mas com intuito único de possuí-la sexualmente. Para ele, o casamento com Ernestina era “um mal a ser evitado”. Ao ser alertado pelo amigo da seriedade da viúva ele demonstra suas intenções.

- Se você quer a Simões, case-se com ela.
- Isso não.
- Então não volte a Santa Tereza.
- Eu tenho muita prática... conheço bem as mulheres!<sup>53</sup>

Novamente volta à cena a feminegridade da mestiça. Uma mulher digna “de espantar maridos” demarca nitidamente o papel sexualizado de Ernestina: fornecedora de prazeres carnis. Além disso, a beleza dos olhos é sempre ressaltada nestas personagens como um perigo iminente. Vidinha, protagonista de outro romance é assim apresentada: “Vidinha era uma mulatinha de 18 e 20 anos, de altura regular, ombros largos, peito alteado, cintura fina e pés pequeninos; **tinha os olhos pretos e muito vivos**, os lábios grossos e úmidos, os dentes alvíssimos, a fala era um pouco descansada, doce e afinada”.<sup>54</sup>

<sup>52</sup> Ibidem, loc cit.

<sup>53</sup> Ibidem, p. 70.

<sup>54</sup> ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um Sargento de Milícias*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1969, p. 71.

Vista como entrave para a concretização de seus planos, Luciano tenta convencer Ernestina de que casar Sara seria o único caminho para que os dois pudessem ser felizes. A viúva tentava dissuadi-lo da idéia alegando que ela ainda se encontrava muito ligada à memória do pai. Seria tudo uma questão de tempo, para ela o importante era que a filha não se magoasse, mas para Luciano as coisas teriam que ser resolvidas rapidamente.

Ernestina resolve convidar Rosas, amigo de Luciano, a uma visita em sua casa despertando a fúria de Sara, pois este tinha sido o maior inimigo de seu pai. Por que a mãe fizera aquilo? O comportamento “brutal” de Sara foi a deixa de que Luciano precisava.

O Rosas descreveu-me bem nitidamente a cena... saiu envergonhadíssimo e furioso! Quando eu digo que precisamos arranjar um casamento para sua filha! Ernestina mastigou colérica: um casamento...

Sim! É indispensável para a nossa felicidade. Isto assim não pode continuar, bem vê...

Pode. Eu não quero que minha filha se case. É minha, amo-a; acabou-se! Pensando friamente, Sara fez bem. O Rosas foi um inimigo acérrimo do pai; não devia ter vindo...

Perfeitamente; mas o pai está morto, o Rosas esqueceu as ofensas, veio exatamente para uma reconciliação e não é a ela, menina sentimental e mal educada, a quem compete receber ou despedir este ou aquele indivíduo que entre em casa de sua mãe...

Luciano!

Não senhora! Sara foi brutal. Além de tudo, o Rosas é um velho e ela abusou da sua posição de senhora...

Basta! Isto desgosta-me.<sup>55</sup>

Luciano não fazia a mínima questão de disfarçar o incômodo despertado por Sara enquanto Ernestina, dividida entre a filha e o grande amor, não conseguia tomar uma atitude conciliadora de ambas as partes. Não queria se ver livre de Sara, pois a amava excessivamente, ao mesmo tempo, não estava nos seus planos abrir mão de Luciano, pois já tinha renunciado a ele no passado. Acreditava não haver outra chance dessas.

O que fazer? A viúva sabia que era tarefa difícil harmonizar seus sentimentos pelo homem amado com seu papel de mãe. Paulatinamente, o amor cego por Luciano vai alterando o seu comportamento e seus valores morais. Passa a sair às ruas, freqüentar peças

---

<sup>55</sup> Ibidem, p. 115.

teatrais, festas e óperas na companhia de Sara como pretexto para permanecer próxima a Luciano.

Uma noite em que a saudade e o desejo de ver Luciano apertaram, foram ao teatro. Sara estava contentíssima, mas a mãe arrependeu-se depressa. Levavam uma peça grosseira, que a platéia aplaudia muito. Luciano não aparecia. A Simões não tirava os olhos das portas da entrada, esperando sempre que ele viesse, atraído pelo seu amor. Sentia febre e não prestava atenção ao que se passava em cena. As gargalhadas e os aplausos atormentavam-na. À saída, quando já nada esperava, teve uma surpresa: Luciano conversava num grupo de rapazes, perto do teatro. Ele, destacando-se da roda, foi cumprimenta-la.<sup>56</sup>

Sara por sua vez não entende a mudança repentina da mãe e sente-se magoada por achar que Ernestina tratava a memória de seu pai com absoluto descaso. Tentava compreender o que tinha acontecido! Interrogava-na, mas a viúva sempre se furtando em revelar a verdade para a filha, pois acreditava que esta era uma forma de protegê-la da dor e do sofrimento. Ernestina esperava pela hora certa...

O fato de esconder de todas as formas o seu amor por Luciano justifica-se pela importância de manter a honra intacta e de resguardar sua filha. Então aqui se pode destacar dois elementos: a honra e a maternidade como dois símbolos essenciais para a construção positiva da mulher burguesa. Ernestina só poderia tornar seus sentimentos públicos se estivessem respaldados pelo matrimônio, espaço único para mulheres higienizadas vivenciarem experiências amorosas.

Magali Engel considerou que a atenção mais detalhada para os comportamentos sexuais intensifica-se no final do século XIX.

O discurso sobre o sexo seria basicamente formulado através de duas temáticas centrais e contrapostas: a da *prostituição*, concebida como espaço da sexualidade doente, como lugar das perversões; e a do *casamento*, concebido como instituição higiênica e único espaço da sexualidade sadia reconhecido no discurso. Dessa forma, a sexualidade sadia é definida pela idéia de prazer comedido – nem excessivo, nem ausente –, que garante a reprodução da espécie e não ameaça a integridade do corpo.<sup>57</sup>

---

<sup>56</sup> Ibidem, p. 94.

<sup>57</sup> ENGEL, Magali, op. cit, p. 73.

A institucionalização do casamento como lugar único para o exercício da sexualidade das mulheres honradas impede que Ernestina mantenha com Luciano algum tipo de relação respeitosa aos olhos do discurso burguês e faz com que observemos a preocupação moral em delimitar espaços higienizados para o amor.

Após ser convidado para jantar na casa da viúva, ele se sente ainda mais incomodado com a interferência que Sara representava para a execução de seus planos de possuir Ernestina sexualmente. As lembranças do pai que vinham à cabeça da menina soavam menos como saudades do Simões do que implicância contra a sua presença.

Mas diga-me: que significação tem aquilo de estar sempre, mas sempre, referindo-se ao pai?!  
Amava-o muito.  
Embora, mas isso parece ou não parece proposital?!  
Não!...  
Não! As mães são cegas!  
Coitadinha, é tão inocente, a minha Sara...  
Não sei; mas confesso-lhe que só a sua vista me mortifica!<sup>58</sup>

Na seqüência do diálogo, Ernestina põe à tona todos os seus instintos maternos demonstrando a Luciano o lugar que a filha ocupava em sua vida. A vocação para a maternidade sobrepõe-se ao amor cego por Luciano, contudo o conflito representado por estes dois sentimentos a coloca numa situação delicada: “não lhe posso impor simpatia por minha filha, mas julgo estar no direito que a respeite... ou... Ou que me retire?...” Ernestina calou-se, sufocando na garganta os soluços enquanto Luciano argumentava:

Pois não vê, Ernestina, que se eu odeio à filha, é porque adoro a mãe?! Perdoe as minhas palavras, são filhas do ciúme violento, tenaz, que se apoderou de mim desde que vi Sara! Ela é a continuação do pai, o beijo vivo, ardente, trocado pelas vossas bocas! é essa idéia que me martiriza e que me perde!  
É uma... insensatez...  
Chame como quiser.<sup>59</sup>

A morena estava “entre a cruz e a espada”! O primeiro beijo do casal “ocultado pela cortina de renda preta” reforçava ainda mais o seu amor, entretanto pensava: “ser amante de

<sup>58</sup> ALMEIDA, Júlia Lopes de, op. cit, p. 100.

<sup>59</sup> Ibidem, loc. cit.

Luciano? nunca. Esposa, sim. À proporção que seus sentidos se acalmavam, ela pensava na implacável exigência do amado, de a separar da filha...”<sup>60</sup>

A dicotomia amante x esposa foi canonizada pelos saberes médicos e juristas num discurso universal acerca do padrão feminino. Dentro dos seus códigos, não havia espaço para situações intermediárias desta polarização. Nesse sentido, embora não seja o caso de Ernestina, as mulheres pobres foram reprimidas duplamente: pela pobreza e por não corresponderem à imagem preparada para elas seguirem.<sup>61</sup>

Dentro do discurso médico, a viúva já se encontrava em estágio avançado de contaminação, seu corpo estava doente.

A paixão mais intensa nas mulheres e que freqüentemente as levaria ao delito seria o amor. Estranhas à frieza sexual encontrada na mulher normal, elas amariam com entusiasmo, experimentando verdadeira volúpia, sacrificando-se pelo homem amado, violando por ele os preconceitos, os costumes e as leis sociais.<sup>62</sup>

As interpretações em torno da masculinidade tornam-se novamente visíveis no comportamento de Luciano. Enquanto Ernestina estaria doente, ele somente extravasava os desejos masculinos.

Como dissera ao Rosas, furtava-se ao casamento, procurando no amor da viúva uma dessas páginas de paixão, freqüentes na vida dos homens. Ernestina, porém, sabia defender-se, era muito mais forte do que ele poderia supor; os seus planos de amor fácil iam-se desmoronando e ele revolvía-se desesperado entre o desejo de possuir a mulher e a má vontade de a chamar – esposa.<sup>63</sup>

A beleza da viúva “furtava-o ao casamento”. Entretanto, insistia em encobrir suas verdadeiras intenções não lhe revelando a verdade. Estava obcecado em possuí-la sexualmente, mas o fato de ser homem caracterizava sua obsessão menos na patologia do que na essência masculina.

---

<sup>60</sup> Ibidem, p. 103 et. seq.

<sup>61</sup> Ver dentre outros PEDRO, Joana Maria. *Mulheres honestas, mulheres faladas: uma questão de classe*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1994.

<sup>62</sup> SOIHET, Rachel. *Condição feminina e formas de violência...*, p. 105.

<sup>63</sup> ALMEIDA, Júlia Lopes de, op. cit, p. 117.

Enquanto isso, a viúva procurava solucionar seu grande impasse. Premeditou a viagem de Sara para a casa de “tia Mariana” a fim de buscar – junto com Luciano – uma solução que tornasse possível assumirem seu amor.<sup>64</sup> No entanto, o amado refutava soluções eficazes e a morena não compreendia porque fazia tanta questão de continuar mantendo em segredo o envolvimento de ambos.

A volta de Sara vai mudar os rumos da estória.

Nessa tarde, quando Luciano abriu o portão do jardim, deparou com Sara que ia muito risonha ao seu encontro. Estranhou-a. A moça parecia-lhe agora mais alta e mais elegante. Usava um vestido branco transparente, que mostrava numa sombra tênue a sua carnação de loura, alva e rosada. Aquele traje dava-lhe um ar encantador de alegria e de ingenuidade.<sup>65</sup>

### 3.3 “Luz” x “Fogo”

Ao contrário da mãe, Sara representava o padrão estético da beleza higiênica.

Sara não era alta como a mãe, nem tinha a gentileza do seu porte aristocrático. Tinha a cabeça um pouco grande e forte, a testa arredondada, os olhos castanhos e inteligentes, o cabelo de um louro ardente e luminoso, a boca risonha, os dentes são. O que encantava nela era o bom ar de saúde, de inocência e de alegria que se emanava do seu olhar franco, da sua pele rosada e fresca, e da sua boca simpática.<sup>66</sup>

De “feia” e “mal educada”, a menina transforma-se na encarnação de uma “doce irradiação de poesia e de graça”. Sem se dar conta, Luciano começava a se interessar pela filha de seu grande amor.

Luciano deixava-se ir [por Sara], encantado com aquele acolhimento. Estava num dos seus dias de bom humor, e o passeio a S. Paulo e a ausência de Ernestina, cujo amor o enervava, tinham lhe temperado os pobres nervos doentios. Sentia-se saudável e tranqüilo naquela tarde.<sup>67</sup>

Diferentemente da mãe, a menina despertava sentimentos estáveis de alegria, harmonia, tranqüilidade, etc. devido “a sua carnação de loura, alva e rosada”. O fenótipo de Ernestina a impedia de despertar sentimentos honrosos nos homens. Era uma mestiça! Enquanto isso Sara representa a mulher higienizada, a companheira para o resto da vida,

<sup>64</sup> Ibidem, p. 129.

<sup>65</sup> Ibidem, p. 138.

<sup>66</sup> Ibidem, p. 57.

<sup>67</sup> Ibidem, p. 138 et. seq.



capaz de construir e manter uma união salutar. O que Luciano sentia por Sara era um sereno encantamento, oposto às turbulências da paixão e da obsessão pelo corpo da viúva. A beleza angelical da menina lhe proporcionava calma e estabilidade ao passo que a beleza demoníaca de sua mãe atormentava seus “pobres nervos doentios”.

Observemos que a construção imagética antagônica (mulher mestiça x mulher higienizada) de mãe e filha descortina a sutil racialização do texto de Almeida. Nesse sentido, Sara representaria a vitória do projeto eugênico burguês – uma utopia não alcançada pela classe burguesa. Já Ernestina aparece como representante nata de uma brasilidade repleta de contradições entre o ideal civilizador europeu e a realidade de mistura racial. Os empregados da viúva fornecem um apanhado desta diversidade racial que caracterizava a população da capital republicana.

A Benedita, cozinheira preta, ex-escrava da família; o Augusto, copeiro francês, habituado a servir só gente de luxo; a lavadeira Ana, alemã, de rosto largo e olhos deslavados; o jardineiro João, português, homem já antigo no serviço, e uma mulatinha de quinze anos, cria da casa, a Simplicia, magra, baixa, com um focinho de fuinha e olhos pequenos, perspicazes e terríveis. Não era fácil dirigir pessoal tão diferentes em raças e em educação.<sup>68</sup>

Para Luciano, enquanto “Ernestina era a mulher de fogo que lhe queimava a carne, a filha era a mulher de luz benéfica que lhe iluminava o futuro, e ele amava a ambas, a uma com os sentidos, a outra com o coração”.<sup>69</sup>

A antítese entre luz e fogo demonstra o quão Sara e Ernestina têm comportamentos diferenciados pela branquidade e feminegridade. Nesse sentido, a mãe queimava a carne dos homens, pois a sua mestiçagem a definia como pecadora. Notemos um discurso moral ancorado nos pressupostos católicos, pois de acordo com a Bíblia, os pecadores estariam fadados a “padecerem no fogo do inferno”.

---

<sup>68</sup> Ibidem, p. 35.

<sup>69</sup> Ibidem, p. 161.

A alvura de Sara a coloca na posição de mulher ideal. A sua luminosidade não se manifestava apenas na brancura da pele, mas também no seu caráter digno e honesto. Desse modo, a tonalidade alva demarcava um comportamento “benéfico” e capaz de “iluminar o futuro”. Dentro dos pressupostos da moralidade católico-burguesa, a branquidade aparece como salvação para uma terra contaminada pelo pecado e pela luxúria.<sup>70</sup>

A oposição comportamental de mãe e filha acentua-se cada vez mais. Na noite do baile de máscaras, Ernestina “ia elegante na sua seriedade. O seu desejo era de ter ido decotada, com um traje farfalhante e claro, mas teve medo da crítica e absteve-se, preocupada sempre com a opinião dos outros. Às dez horas entraram no baile”.<sup>71</sup>

Em consonância com a sexualização das mestiças, o “desejo” de Ernestina era ir ao baile com uma fantasia espalhafatosa que explorasse sua sensualidade morena. Contudo, impedida socialmente de concretizar tal desejo, a viúva “trajava um dominó à fantasia, muito unido ao corpo, de seda e rendas pretas, com longa cauda e capuchão seguro ao cabelo por brilhantes esplêndidos”.<sup>72</sup>

Novamente, percebe-se o conflito que delimita a trajetória da viúva: mulher burguesa, **porém** mestiça. Mesmo que aos olhos da sociedade fosse dona de uma conduta irreparável, seus pensamentos eram povoados pelos instintos da sua feminegridade.

A relação de Luciano e Sara torna-se mais estreita no transcorrer do baile. Logo na chegada da menina, ele faz uma série de elogios, enquanto “Ernestina ouviu tudo imóvel, sentindo um calafrio percorrer-lhe a espinha. Luciano não desviava a vista da cabeça loura

---

<sup>70</sup> SANTOS, Gislene Aparecida dos. Selvagens, exóticos, demoníacos. Idéias e imagens sobre uma gente de cor preta. *Estudos Afro-Asiáticos*, ano 24, n. 2, p. 275-289, 2002.

<sup>71</sup> *Ibidem*, p. 145.

<sup>72</sup> *Ibidem*, loc. cit.

da filha”.<sup>73</sup> Não restavam dúvidas! Luciano estava apaixonado pela filha! Agora a viúva se culpava por ter incentivado involuntariamente tal sentimento. Tentando reverter o irreversível “nessa noite ela não lhe pediu como costumava: dance com minha filha, sim? Ao contrário, desejava afasta-lo de Sara. Entretanto eles dançavam juntos”.<sup>74</sup>

Sempre envolta na culpa, olhava para o passado próximo e via em si própria seu maior algoz.

O seu amor por Luciano crescia como uma febre. Não pensava, não via outra coisa. Era sempre ele a povoar-lhe o espírito de sonhos! Nos bailes, como não dançava ainda, incitava-o a dançar com a filha, e no outro dia, indagava dela o que lhe tinham dito os pares, fazendo-a repetir as palavras de Luciano.<sup>75</sup>

Sara “estava feliz nessa noite; tinha ditos de espírito e havia sempre um grupo de rapazes a corteja-la muito”. A resolução do jovem Eugênio Ribas em se declarar à menina transmitiu para Ernestina um “alívio inexplicável, entretanto, Luciano num zelo de pai, começava a achar embirrativa a assiduidade do outro”.<sup>76</sup>

O “zelo de pai” teve eco no comportamento de Sara que agora “ia-o levando também, inconscientemente, atrás de si, de sala em sala, risonha e descuidada, dando-lhe sempre a preferência, distinguindo-o entre todos os outros”.<sup>77</sup> A necessidade sentida por Luciano de resguardar Sara esboça o papel social do homem enquanto protetor indispensável das mulheres. Observemos que seu espírito protetor nunca se voltou para Ernestina, pois ela jamais ocupou seus pensamentos como um ser ingênuo, uma criatura frágil e sim como uma “bacante”.

---

<sup>73</sup> Ibidem, p. 146.

<sup>74</sup> Ibidem, loc. cit.

<sup>75</sup> Ibidem, p. 106.

<sup>76</sup> Ibidem, p. 147.

<sup>77</sup> Ibidem, loc. cit.

O “zelo mais do que paterno”<sup>78</sup> de Luciano foi inclusive capaz de alterar suas impressões sobre o comendador Simões. Do odioso ex-marido de Ernestina, ele passou a ser idealizado como o pai da doce Sara:

Sara, excitada pelo excesso da dança e pelo aroma das flores, pôs-se a falar do comendador, lembrando seus carinhos, o extremoso cuidado que lhe dedicava (...) citava fatos, descrevendo a sua caridade modesta, a sua honradez sem mácula e a retidão do seu espírito. Dava ao pai uma auréola de santidade, sem esconder contudo a rigidez austera de seu caráter.<sup>79</sup>

Outro aspecto que merece destaque é a idealização que Sara faz da figura paterna. Portador de inomináveis virtudes, o comendador seria o expoente do masculino burguês: marido exemplar, pai carinhoso e homem equilibrado, pois apesar da sua bondade, o seu caráter era rígido. As palavras da jovem fazem com que Luciano nutra uma simpatia crescente pela imagem do comendador e aumente o amor e admiração que sentia agora por ela.

Compreendia agora bem o coração extremoso e leal da moça; sentia-a forte, fiel, sincera e justiceira, alma feita para esposa e para mãe, capaz de todas as lutas, digna de todas as glórias! Caía por terra o seu ciúme raivoso e ele desejaria agora ver o Simões reassumir milagrosamente o seu antigo posto ao lado de Sara e ao lado de Ernestina.<sup>80</sup>

Este amor de Luciano traz de novo à tona a centralidade da família na constituição do projeto republicano. Os papéis sociais e sexuais são mais uma vez distribuídos a partir da norma burguesa. Aos olhos de Luciano, tanto para Sara quanto para Ernestina, a ausência do comendador era uma grande perda. Seu desejo era que o Simões voltasse a ocupar “seu antigo posto de pai” e de marido para que a família – da qual ele desejava fazer parte – ficasse completa.

O desespero da viúva diante da possibilidade de perder o homem amado pela segunda vez e, pior ainda, para a filha tão amada, fez com que seu comportamento discreto

---

<sup>78</sup> *Ibidem*, p. 148.

<sup>79</sup> *Ibidem*, p. 149.

<sup>80</sup> *Ibidem*, p. 150.

sofresse mudanças. Ela decide marcar um encontro com Luciano na casa de Josefa, “uma velhota acaboclada, baixa e ossuda, de ombros largos e direitos, queixo quadrado e mãos grandes”. Josefa fornece importante descrição acerca das relações sociais da época.

Gozara a preferência entre os antigos escravos dos pais de Ernestina por ser de uma limpeza e uma fidelidade sem exemplo. Toda a sua roupa andava recendendo às raízes do capim cheiroso e ela era o braço direito da casa. Quando a senhora morreu, Ernestina tinha só dois anos. A Josefa ficou encarregada de olhar por tudo: dirigia o serviço das outras, tratava da figura com esmero, trazendo-a sempre asseada e contente. Alforriada não abandonou a casa. Era teimosa, de humor desigual, mas firme e amorável como um cão.<sup>81</sup>

A trajetória da ex-escrava possibilita a abertura de breve parêntese para refletir sobre outras estereotípias que não às da sexualização. Sua descrição física, desprovida de encanto e beleza, lhe confere papel de criada exemplar, o protótipo da escrava modelo: feia, fiel e dócil.

Após a morte da senhora (mãe de Ernestina), ela assume as funções ligadas à administração da casa e depois de alforriada não deixa seu posto. A fidelidade cega é um estereótipo recorrente atribuído – em especial – às escravas e aos escravos domésticos nos romances literários. Estas personagens aparecem menos como amigos e companheiros do que fiéis cães de guarda. Assim, é possível visualizar a animalização das populações escravas no discurso das elites.

Pode-se supor que a importância de Josefa na educação de Ernestina fora central. Sua fidelidade cega vinha de outros tempos.

Tinha reminiscências muito claras de Luciano Dias. Farejara-lhe maus sentimentos. Tinha lhe feito um mal terrível: apreendido cartas, rasgado fotografias, feito desaparecer muitos raminhos de flores por ele dirigidos à moça.<sup>82</sup>

Teria sido o “focinho aguçado” da ex-escrava o responsável pela separação do casal na juventude? As barreiras sociais impediam Ernestina de, mesmo em caráter confidencial,

---

<sup>81</sup> Ibidem, p. 122.

<sup>82</sup> Ibidem, p. 122.

relatar sua paixão por Luciano para seus pares femininos burgueses. Sendo assim, a falta de opção faz com que Josefa torne-se sua confidente. Esta por sua vez “recebeu calada as confidências [...] se por um lado a velha não a consolava, não sabendo aconselha-la, por outro dizia a tudo *amém* e favorecia-lhe assim todos os seus projetos”.<sup>83</sup>

Ernestina decide ter uma conversa derradeira com Luciano. Seria preciso agir e rápido, era tudo ou nada! A modesta casa de Josefa, localizada no subúrbio de São Cristóvão, foi o cenário escolhido.

Escute, Josefa, atalhou Ernestina, eu hoje espero uma visita aqui, em sua casa! Preciso da sala ouviu?

A casa toda é sua!... (...) Josefa correu à sala, para tirar de cima do sofá e das cadeiras, camisas engomadas, dos fregueses, que lá tinha estendido, cobertas com uma tarlatana cor de rosa. E nesse trabalho ia pensando que a Ernestina era uma tonta, mesmo uma criatura muito sem juízo e concluía:

- Por que diabo não se casará ela de uma vez?!

<sup>84</sup>

A velha mulher constatou que a viúva se aprontava para o encontro deixando para trás o último símbolo que a ligava à memória do comendador, não havia mais “nenhum vestígio de luto no seu traje”. Ao invés dos tons escuros e carregados,

Ernestina levava um vestido de seda mole, que lhe caía rente ao corpo, mostrando-lhe as formas delicadas da cinta, do seio e das pernas. Tinha nas orelhas duas safiras, a pedra da felicidade, que sorriam nas suas cintilações como dois olhos de anjo rebelde. Por toda ela escorria um aroma quente.<sup>85</sup>

A preferência pela seda por valorizar as formas esculturais do seu corpo, o uso de pedras preciosas que ressaltam suas beleza carnal e a utilização de essências responsáveis pelo seu cheiro irresistível trazem à tona mais uma vez a sexualização. A condição burguesa de Ernestina fica escamoteada por sua feminegridade, determinante de sua personalidade.

---

<sup>83</sup> Ibidem, p. 123.

<sup>84</sup> Ibidem, p. 153.

<sup>85</sup> Ibidem, p. 154.

Ernestina não se conformava em perder Luciano para Sara, a filha querida, que se tornara inimiga. A conduta materna exemplar é sobreposta pela vaidade e pela competição: “- Sara! Vamos a ver qual de nós duas vence!”<sup>86</sup> Tentando trazer Luciano para seus braços, a viúva dá sua “última cartada” e resolve aceitar estrategicamente a sugestão inicial de arranjar um pretendente para filha.

- O senhor tem tido várias vezes a bárbara franqueza de me dizer que a não pode suportar! Ela, além de todos os defeitos da má educação, tem a enorme desvantagem de ser o retrato do pai!... Ora, refletindo em tudo isso e de acordo com uma idéia sua, já mais de uma vez manifestada, resolvi uma coisa: - casa-la!<sup>87</sup>

Luciano por sua vez não se conformava com a possibilidade de pôr em prática um plano (orquestrado por si mesmo) que o impedisse de transformar Sara em sua esposa. Estava certo que a menina seria a esposa ideal e que seus sentimentos por Ernestina eram apenas um forte desejo sexual. Não queria mais ser conivente com esta trama, no entanto, “ela tinha o olhar cravado nele, procurando estudar-lhe os gestos e penetrar-lhe no pensamento. Aquele olhar cheio de fogo e de paixão perturbava-o tanto como as palavras que ia ouvindo”.<sup>88</sup>

O olhar de Ernestina esbanjava “fogo” e “paixão” e ainda “perturbava” Luciano, ao contrário do olhar doce e meigo de Sara que iluminava sua alma. A viúva continuava representando uma tentação difícil de ser controlada. A dupla perturbação que o afligia é expressa por sua beleza “de espantar maridos” e pelos seus planos maléficos de o afastar da doce e pura Sara.

Além de assumir seus sentimentos mais sinceros, a viúva o obriga sutilmente a intermediar o casamento da filha e Eugênio Dias: “muitas vezes o senhor me tem dito que pareço indiferente ao seu amor, e fria...! Entretanto, fique certo de que a minha frieza e

---

<sup>86</sup> Ibidem, p. 155.

<sup>87</sup> Ibidem, loc. cit.

<sup>88</sup> Ibidem, loc. cit.

indiferentismo têm-me custado um grande esforço, porque bem sabe que o amo com veemência, que o amo com paixão!”<sup>89</sup>

Conforme visto anteriormente, revelar o amor por um homem seria uma atitude imperdoável para mulheres honradas, mas o desespero de Ernestina era tanto que deixou sua conduta de lado, desejando ser interessante a qualquer custo. Tinha assumido a missão de competir com a filha e para tal seria capaz até de passar por cima de seus princípios de mulher higienizada.

Para Luciano, a mudança de postura repentina “revestia-a de um encanto singular”.<sup>90</sup> Sua submissão foi substituída por uma altivez de causar espanto. Todas as artimanhas e mentiras diluíam agora o seu pudor e o seu sentimento maternal. Ernestina tinha se transformado numa criminosa, “misto de macho e tiranicamente egoísta, buscava não a proteção e a sugestão, mas a satisfação de suas próprias paixões”.<sup>91</sup>

A ruptura dos padrões era apenas superficial, pois no íntimo Ernestina “falava com uma linguagem estudada, reprimindo os sentimentos, domando-os por um esforço de vontade que já não podia sustentar”.<sup>92</sup> Enfim, a natureza feminina continuava a dominando.

Após convence-lo do amor de Sara por seu suposto pretendente, a viúva consegue alcançar seu objetivo, “Luciano baixou a cabeça entristecido por aquela confidência, pensando na felicidade do outro. Ernestina compreendeu-o talvez e agarrou-lhe na mão com doçura, falando-lhe baixinho e tratando-o por tu pela primeira vez”.<sup>93</sup>

O amor pela viúva reacendia pouco a pouco. Demonstrando seu egoísmo, pensava: “Sara amava outro? Que amasse! Era tempo de acabar com aquilo; que se casassem

---

<sup>89</sup> Ibidem, p. 156.

<sup>90</sup> Ibidem, loc. cit.

<sup>91</sup> Apud SOIHET, Rachel. *Condição feminina e formas de violência...*, p. 101.

<sup>92</sup> ALMEIDA, Júlia Lopes de, op. cit, p. 157.

<sup>93</sup> Ibidem, p. 158.



depressa e lhe fugissem dos olhos”.<sup>94</sup> Entretanto, até a nova intenção de torna-la esposa permanecia orientada pelos efeitos devastadores de sua morenice: “a pouco e pouco a palidez mate, o luminoso olhar da viúva, toda aquela febre em que ela se revolvia, iam-lhe acendendo desejos de a apertar nos braços”.<sup>95</sup>

Ao contrário de Sara, que lembrava a “luz”, Ernestina era puro “fogo”. Mesmo diante da possibilidade matrimonial, sua imagem continuava o retrato da sexualização. Luciano não pensava em construir um lar harmônico, não a enxergava como companheira. Estaria disposto a casar com intuito de, finalmente, possui-la sexualmente. Refém de sua impulsividade, a viúva

falava agora, falava sempre, já sem calma, febril, desatando frases de queixa, de censura, de desespero e de amor, deslumbrando Luciano com a sua voz quente, a sua formosura miraculosamente rejuvenescida nessa hora de enlevo e de paixão ardente e concentrada. Ele já não a observava com reserva, mas com admiração.<sup>96</sup>

Observemos que os sentimentos de Luciano por Ernestina não apresentam qualquer tipo de aproximação com aqueles de amor, respeito e companheirismo. Estão todos situados no plano carnal: deslumbramento físico, desejo sexual, etc. Os efeitos da beleza da viúva seriam os responsáveis pelo seu novo “desejo” de a fazer sua esposa. Marca-se outra vez a diferença entre as idealizações femininas em torno da feminegridade e branquidade.

Confirmando a sexualização, Ernestina demonstra a perversidade em mentir sobre a filha e a astúcia de conseguir enganar Luciano. Ela não aparece mais como a viúva recatada e honesta, mas como Eva, a pecadora. Além de tudo, tinha consciência da generosidade de seus atributos físicos e passava a achar legítimo valer-se deles.

Ela percebeu isso e postou-se defronte dele, com o corpo arfando sob a seda mole do vestido e a cabeça inclinada como a pedir-lhe beijos. Luciano ergueu-se desvairado e quis beijá-la, ela furtou-se a isso nuns movimentos arredondados e lânguidos, e, baixando a cabeça muito risonha e feliz, disse-lhe quase num murmúrio: - Depois...

<sup>94</sup> Ibidem, loc. cit.

<sup>95</sup> Ibidem, loc. cit..

<sup>96</sup> Ibidem, loc. cit..

Foi então Luciano quem prometeu ir falar com ao Eugênio e combinou a maneira de o ir fazer sem indiscrição. A viúva envolvia-o num longo olhar voluptuoso e perturbante, ele ia prometendo tudo quanto ela queria e mandava.<sup>97</sup>

Ernestina ocupa definitivamente o lugar-comum das mestiças: bonita, esperta, impulsiva, perversa, sedutora e voluptuosa. Sua imagem demonstra a persistência da sexualização. Entretanto, ao contrário da totalidade das personagens literárias negras, mestiças ou morenas, ela é uma mulher rica, seguidora do código moral burguês, mas, apesar disso, seu comportamento não sai vitorioso frente às apropriações de sua feminegridade.

Certa de que seu plano obteve sucesso, voltou para casa e

ao tirar no seu quarto o lindo vestido de seda, parou em frente ao espelho, olhando para o braço e o colo nus, de um moreno delicado que a luz tingia de um reflexo dourado. Contemplou-se por muito tempo e concluiu triunfante:  
- Sara é moça, mas eu sou mais bonita!<sup>98</sup>

Luciano por sua vez foi atingido pelo veneno mestiço da viúva e “saíra tonto! As palavras de Ernestina, o seu corpo esbelto, as atitudes provocantes, o aroma forte que a envolvia, e aquela cena de paixão e de enleio, tinha-no alvoroçado”.<sup>99</sup> Todavia, aos poucos as palavras dela saíam da sua mente, seu vulto “ia-se esfumando no seu espírito, e numa irradiação de luz ele via Sara, dizendo-lhe na sua grande franqueza: - Arno-a!”.<sup>100</sup>

A dicotomia esposa x amante simbolizada pelas figuras de Sara e Ernestina voltam a atordoá-lo. Sara significava para ele a manifestação do amor puro.

Era toda essa graça, lealdade e candura, toda essa mocidade e alegria que ela ia oferecer a outro, a um estranho, que a não compreenderia nunca, talvez! Esposa... Ele também a preferiria para esposa, queria ser ele a conduzi-la ao altar, a chama-la – minha! Em toda a sua vida era a primeira vez que essa palavra simples assumia no seu pensamento proporções tão belas! E Sara haveria de sagrar essas três sílabas divinas com as suas qualidades perfeitas, seria esposa amável e honesta a quem a mentira repugnasse e o sacrifício aprovesse!<sup>101</sup>

<sup>97</sup> Ibidem, p. 159.

<sup>98</sup> Ibidem, loc. cit.

<sup>99</sup> Ibidem, loc. cit..

<sup>100</sup> Ibidem, p. 160 et. seq.

<sup>101</sup> Ibidem, loc. cit.

Num ato de covardia, Luciano se ausenta por uns dias tentando adiar o combinado com a viúva: oferecer a mão de Sara a Eugênio. Ernestina “compreendia finalmente que não soubera inspirar a Luciano mais do que uma paixão carnal. O coração e o espírito tinham vivido alheios. Ele quisera um galanteio e ela dera-lhe todo o seu amor”.<sup>102</sup>

A partir deste momento, a viúva começa a ser atormentada pela dualidade de sua imagem: mulher honesta desejada como amante. Havia sido capaz de despertar em Luciano somente uma paixão carnal. Passados quase vinte anos, ela percebia que desde os tempos juvenis, ele não a amava, apenas desejava possuí-la. Mas nem isso a dissuadia da idéia do casamento.

Enraivecia-se contra Luciano! Imaginava os mais estranhos e esquisitos meios de prende-lo a si. Já não importava tanto que ele amasse a outra, contanto que se casasse com ela!... Ser abandonada sendo formosa e livre, era uma monstruosidade! Depois, Ernestina já se humilhava a que o Luciano se deixasse amar, unicamente desde que pudesse dizer alto à vista de toda a gente, a verdade que sepultava na alma havia tanto tempo! Ser feliz com ele, por ele, dedicar-se-lhe completa, absolutamente, era o seu sonho. Tinha fé que todo o seu carinho, todo o seu amor e cuidado cativariam o marido mais do que haviam cativado o amante!<sup>103</sup>

A feminegridade de Ernestina é constituída por duas dimensões que se alimentam mutuamente (gênero e raça) e se expressam de maneira singular por sua pertença econômica. Todos os traços da natureza feminina (mentira, submissão, egoísmo, vaidade, infantilidade...) são intercruzados com os da sexualização (esperteza, astúcia, sedução, voluptuosidade, erotismo e sensualidade). Ora preponderante, ora escamoteado, o gênero aparece em barganha contínua com a raça e vice-versa. Assim, Ernestina só pode ser entendida através dos efeitos causados pela junção destes dois textos corporais como evidencia a fala de Luciano.

Não que o seu rosto fosse de linhas puras, nem que as suas palavras denunciasses a volúpia; aquele ardor, aquele domínio, vinham da sua pele, do seu olhar, do seu porte e do seu sorriso. Decorreram anos depois de tudo isso; agora ele sabia-a boa e honesta; a sua vida de casada fora

---

<sup>102</sup> Ibidem, p. 163.

<sup>103</sup> Ibidem, p. 165.

doce, invejável, simples, reta! Inda assim, era sempre a mesma impressão esquisita, meramente sensual, que essa mulher produzia nele!<sup>104</sup>

Quando resolve declarar à mãe seus sentimentos por Luciano, Sara é surpreendida pela confissão desesperada sobre a verdade. Num ato de absoluto descontrole, ela começa a narrar tudo para a filha com a esperança de que a menina desistisse de Luciano e lhe deixasse o caminho livre. Contudo, a jovem que até então não tinha motivos para questionar a mãe, a criatura mais venerável do mundo, começava a encontrar sentido para fatos até então sem nexos.

A pouco e pouco via esclarecidas muitas passagens de outrora: frases irônicas e secas de Luciano, atitudes constrangidas da mãe e mesmo certos ditos levemente maliciosos de Georgina, que tinha sido, como sempre, muito mais perspicaz do que ela. Isso tudo vinha-lhe à memória demoradamente, como se umas coisas arrastassem outras.<sup>105</sup>

Esta descoberta compromete para sempre o relacionamento de ambas e põe um ponto final na pretensão de Ernestina em se casar com Luciano. Para Sara,

o que tangia com mais dor no seu coração, eram aquelas pungentíssimas palavras da mãe, referindo-se à antigüidade de seu afeto: *“Quando eu te gerei, quando te sentia nas minhas entranhas ou que te suspendia no meu seio, ele já palpitava em mim com o mesmo fogo, com a mesma violência!”*<sup>106</sup>

O sentimento de amor que antes nutria por ele se transformou em ódio, porque agora Luciano representava ao lado da mãe, o descaso e o desrespeito com o seu querido pai.

Execrava Luciano, não compreendia mesmo como o tivesse amado! E amara-o talvez por tanto ouvir falar dele; à força de vê-lo na intimidade da casa, de respirar aquela atmosfera em que o nome dele, o gosto dele, a vida dele pareciam impregnar-se; fora talvez por ter sido tratada por ele com pouca atenção... Nascera esse amor do ressentimento, morria na raiva!<sup>107</sup>

A menina jamais perdoaria a mãe. Não entendia porque ela não tinha casado com Luciano quando ainda eram jovens, mas também não tinha a intenção de procurar saber. Pensava religiosamente no comendador e

---

<sup>104</sup> Ibidem, p. 180.

<sup>105</sup> Ibidem, p. 169.

<sup>106</sup> Ibidem, loc. cit.

<sup>107</sup> Ibidem, p. 170.

queria vingar-se e vinga-lo, remir os beijos que a mãe lhe dera, pensando no outro; faze-los amargar aquele crime; aniquila-los entre as suas mãos frágeis... A vergonha de ter amado Luciano, de lhe ter mostrado o seu amor nascente, punha-a vermelha, trêmula, excitada. Como podia isso ter sido, santo Deus? Agora chamava-lhe miserável, cão, cão!<sup>108</sup>

A enxurrada de decepções faz com que a jovem caia de cama, vítima de uma doença cerebral grave para desespero de Ernestina que passa a se sentir responsável pelo infortúnio da filha.

Havia já muitos dias que aquilo era assim; dias e noites passadas naquele canto, com as mãos nos joelhos e os olhos na filha. De vez em quando levantava-se; Sara gemia, ela ia arranjar-lhe a roupa, beija-la, pedir-lhe perdão, baixinho, com toda a humildade e ternura; sem obter nenhum olhar em resposta, voltava para o seu canto, lugubrememente. Rezava então de um modo desordenado e aflito, encolhendo-se na cadeira, com verdadeiro pavor do retrato do marido que continuava suspenso sobre a cabeceira da cama, e que parecia estar ali para proteger a filha e arguir terrivelmente a esposa. A viúva via incessantemente esta pergunta atroz nos olhos dele:  
- Que fizeste de nossa filha?!<sup>109</sup>

A culpa de Ernestina, a mágoa de Sara e a desilusão de Luciano marcam o final trágico do romance que merece ser observado cuidadosamente. O comportamento desviante da viúva recebia um castigo à altura. O fato de ter que conviver com a degeneração física de Sara para o resto de seus dias fazia-a se sentir imensamente culpada. Ousou reviver um grande amor do passado e foi punida por ferir a moralidade católico-burguesa que não deixava espaço para realização de enlances amorosos fora do espaço sagrado do matrimônio. Ainda mais no caso de uma viúva, que deveria se “afastar do ridículo de uma nova paixão”.<sup>110</sup>

Luciano também fora castigado pelo excesso de vaidade e pela personalidade egoísta. Sara, a única mulher que amou de verdade, estaria fadada à prisão numa cadeira de rodas. Ernestina, a mulher sensualmente irresistível que povoava seus pensamentos, era agora o retrato da velhice, da dor e do sofrimento. Ele acompanhava todos os movimentos

<sup>108</sup> Ibidem, p. 172.

<sup>109</sup> Ibidem, p. 175.

<sup>110</sup> ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Eles e elas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 19922, p. 176.

da casa, mas sentia que “a sua consciência não o deixava à vontade entre aquelas duas mulheres enfermas”.<sup>111</sup>

O sentimento por Ernestina assumira novas feições. Passou a sentir por ela um enorme respeito, “o amor daquela mãe, para quem a filha era o símbolo da perfeição na terra”<sup>112</sup> lhe provocava uma dor profunda porque imaginava que no fundo havia sido causador de todos os males.

Além disso, a paixão carnal pela viúva tinha se transformado em piedade, “um filho não teria carinho mais doce nem mais respeitoso para sua mãe!”<sup>113</sup> A idéia fixa de possuí-la sexualmente não o atormentava mais, fora substituída pelo intenso arrependimento de ver as duas sofrerem, “vítimas do seu capricho de homem gasto pelos prazeres e pelas dores da vida”.<sup>114</sup>

O final de Sara também precisa ser pensado no interior do discurso burguês. Dentro dos pressupostos da época, tinha um comportamento honrado. Jamais prejudicou alguém, tinha enorme amor pela mãe e imenso carinho e respeito pela memória do pai. Seu destino trágico lembra a trajetória de percalços e sofrimentos das santas católicas. Em suma, Ernestina representa a pecadora; Luciano, o egoísta arrependido e Sara, a santa canonizada pelo discurso burguês.

### **3.4 Racializando Ernestina**

A trajetória de Ernestina não pode ser pensada fora da racialização do gênero. Lembremos que *A viúva Simões* data do final do século XIX, período em que a identidade nacional se consolida como projeto do Estado. Este processo teve como agente vital o

---

<sup>111</sup> ALMEIDA, Júlia Lopes de. *A viúva Simões...*, p. 194.

<sup>112</sup> *Ibidem*, p. 181.

<sup>113</sup> *Ibidem*, p. 185.

<sup>114</sup> *Ibidem*, p. 200.

desenvolvimento de um sistema de taxionomias raciais pautado em diferenças fenotípicas como suporte para a difusão de desigualdades que se tornavam cada vez mais latentes e cristalizadas.

É dentro do contexto de “intensa polissemia da mestiçagem”<sup>115</sup> que a construção imagética de Ernestina merece ser (re) pensada. Sua mestiçagem emerge como texto racial permeado pela “negociação e pelo conflito”<sup>116</sup> com a pertença burguesa. Na condição de esposa, a conduta honrada é inquestionável. Além disso, antes da chegada de Luciano, a mestiçagem não ocupava papel central na sua descrição comportamental, apesar do “seu tipo moreno, de brasileira” ser enfatizado logo no início da trama.

A morte do comendador Simões somada ao regresso da Europa de Luciano Dias tira a sua feminegridade “das margens”<sup>117</sup> do romance. De esposa ideal e mãe exemplar, ela passa a ser observada a partir de estruturas mentais devassas e levianas e, além disso, seu comportamento torna-se cada vez mais impulsivo e erotizado.

O enlace amoroso não se concretiza, contudo as entrelinhas do relacionamento põem em evidência aspectos anteriormente ausentes em Ernestina: egoísmo, mentira, sedução e sensualidade exacerbadas. Desde a juventude, transmitia insegurança a Luciano, pois ele acreditava que devido a sua tentadora beleza morena não conseguiria se manter intacta a tantas investidas masculinas.

O questionamento da honra aparece reforçado menos pela sua viuvez do que pela feminegridade. Será que se fosse branca teria a reputação posta em dúvida? Mais ainda, nessa condição manteria vivo por quase duas décadas o interesse de Luciano?

---

<sup>115</sup> LIMA, Ivana Stolze, op. cit, p. 17.

<sup>116</sup> REIS, João José & SILVA, Eduardo. *Negociação e conflito. A resistência escrava no Brasil*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1988.

<sup>117</sup> DAVIS, Natalie Zemon. *Nas margens: a história de três mulheres do século XVIII*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1997.

Estas questões não devem ser desconsideradas. A sutileza com que a mestiçagem feminina é trabalhada por Almeida - dentro de um contexto mais amplo de honra, pudor, casamento, fidelidade, gênero, transformações sociais, etc. – acaba secundarizando os sentidos assumidos por sua pele numa leitura mais rápida.

Existe uma quantidade considerável de trabalhos sobre Júlia Lopes de Almeida e sua vasta obra, contudo o papel central da mestiçagem de Ernestina na construção de sua personalidade é tema ausente. As críticas da época e as contemporâneas sobre *A viúva Simões* preocupam-se basicamente em descortinar a situação da mulher dentro do processo de higienização da família e do casamento. Assim, a viúva morena é observada como uma mulher branca burguesa. Em 1897, Leopoldo Freitas destacava que “o romance *Viúva Simões* resume-se na análise dos estados d’alma de uma mulher tocada pela afecção nervosa”.<sup>118</sup>

No romance, o dilema que vivencia (entregar-se ou não ao grande amor?) se justifica somente pelo seu comportamento burguês. Entretanto, esta leitura não encerra a questão. Ela requer cuidado porque é a “coisa de pele” que determina seu “temperamento aparentemente frio, muito em contradição com seu tipo moreno, de brasileira”.

Júlia Lopes foi uma defensora árdua do protagonismo das mulheres na consolidação do projeto republicano. Nesse caso, o comportamento de Ernestina ao se tornar destoante daquele da “mãe republicana” precisava ser punido. O final trágico do romance é ilustrativo de tal castigo, pois além de não ter concretizado a relação com Luciano, a conduta desonrada acaba comprometendo diretamente a integridade física de Sara.

Pouco a pouco a viúva foi percebendo a verdade; a filha não morreria... mas estava idiota! Ao redor dela, todos calados esperavam uma cena em que a dor explodisse em gritos, ou a abatesse

---

<sup>118</sup> FREITAS, Leopoldo de. *Viúva Simões. A mensageira*, n. 1. Ed. Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, Secretaria de Estado da Cultura, 1987, p. 85-6.



num desmaio. Nada! A viúva achava apesar de tudo uma consolação – a filha vivia e, idiota embora, respirava, deixava-se beijar! Estava nisso o seu resto de ventura materna!<sup>119</sup>

O castigo reservado à Ernestina por Júlia deve ser pensado dentro dos cenários de racialização das relações sociais e adequação dos comportamentos femininos à nova ordem republicana. Afinal de contas, o conformismo e a resignação da viúva com a realidade trágica da filha dão indícios de que a “punição republicana” acabou higienizando o seu comportamento leviano.

### 3.5 Outras feminegridades

Embora já tenha ressaltado que não empreendi classificações raciais restritas, convém destacar que a imagem das mulheres negras apresenta uma série de janelas que merecem um estudo específico.

Não é minha intenção fazê-lo aqui, mas apenas abrir algumas janelas. Do ponto de vista da literatura da época, a mestiçagem quando observada nas mulheres trouxe dois resultados básicos: a mulata bonita, sensual e cheirosa e a negra feia, suja e fedorenta. Nesse sentido, as mulatas seriam amantes desejáveis e as negras trabalhadoras braçais ou prostitutas. Assim, podemos pensar numa hierarquia interna do gênero racializado onde as mulatas (morenas, mestiças) ocupariam o topo e as negras a base.

Estas imagens femininas são bastante retratadas nas obras literárias.<sup>120</sup> Donas de um encanto singular, elas aparecem descritas como as responsáveis pela desestabilização de lares conjugais devido ao irresistível feitiço que seus atributos físicos despertavam nos homens desde os tempos coloniais.

---

<sup>119</sup> Ibidem, p. 205.

<sup>120</sup> Um estudo clássico que faz um apanhado geral da mulata na literatura brasileira é encontrado em JÚNIOR, Teófilo de Queiroz. *Preconceito de cor e a mulata na literatura brasileira*. São Paulo: Ática, 1975.

Um caminho ainda não percorrido sistematicamente pela historiografia está na problematização das imagens de homens mulatos que conseguiram transpor barreiras raciais ascendendo economicamente, alterando suas posições sociais. Não é suficiente concluir apenas os conflitos da inserção desses sujeitos no mundo branco. Outras perguntas podem ser feitas em termos historiográficos.<sup>121</sup>

Quando se pensa na ascensão social do mulato bacharel também são captadas hierarquias de gênero manifestas no interior das populações negras se levarmos em conta que, no caso feminino, a quase totalidade – senão todas – as mulatas que ascendem economicamente são retratadas como puro corpo, autênticas máquinas de prazer enquanto seus pares masculinos atuam como agentes políticos, verdadeiros bacharéis. De acordo com Mariza Corrêa,

No universo textual, ambos, o mulato e a mulata, saíram do âmbito das classificações de sexo para o das classificações de gênero, mas seguindo caminhos diferentes: um transformou-se em agente social, elemento importante para a definição ou constituição da sociedade nacional, outra transformou-se em objeto social, símbolo de uma sociedade (que se quer) mestiça.<sup>122</sup>

Temos aqui o corpo (vinculado ao gênero) como texto que marca socialmente a hierarquização das mulatas como mero corpo e os homens como sujeitos intelectualizados, verdadeiros bacharéis. Para bell hooks, “as negras têm sido vistas historicamente como encarnação de uma “perigosa” natureza feminina que deve ser governada. Mais que qualquer grupo de mulheres nesta sociedade, as negras têm sido consideradas só corpo, sem mente”.<sup>123</sup>

---

<sup>121</sup> Para romances que tratam dos conflitos vividos por homens mulatos no universo das elites brancas ver AZEVEDO, Aluisio de. *O mulato*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1969; MORAES, Nascimento. *Vencidos e degenerados*. São Luis: Centro Cultural Nascimento de Moraes, 2000.

<sup>122</sup> CORRÊA, Mariza. Sobre a invenção da mulata. In: Cadernos Pagu. Núcleo de Estudos de Gênero PAGU. Campinas, São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, n. 6-7, p. 33-50, 1996, p. 48.

<sup>123</sup> hooks, bell. Intelectuais negras. In: Revista de Estudos Feministas/ Dossiê Mulheres Negras. Rio de Janeiro: IFCS/ UFRJ, v. 3, n. 2, p. 464-478, 1995, p. 469.

Três recentes novelas televisivas ajudam a observar a recriação do erotismo exacerbado das mulheres negras. O exemplo mais emblemático é a novela *Da cor do pecado*, exibida em 2004. A protagonista que atende pelo sugestivo nome de “Preta” é uma bela mulata que devido aos seus encantos (beleza, charme, simpatia, swing, sensualidade, etc.) conquistou o amor de Paco, um jovem branco, filho de um rico empresário despertando a ira de seu pai, um rico empresário.

No mesmo ano, a novela *Cabocla* (uma outra manifestação da estereotipia feminina racializada), inspirada no romance homônimo de Ribeiro Couto (1931) trazia a personagem Ritinha. “Cria da casa”, Ritinha era uma mulatinha de mais ou menos dezoito anos, bonita e faceira e confidente sentimental de Belinha, a filha do coronel Boanerges. A mulata vivia inventando mentiras para acoitar o namoro da amiga e por ser muito faceira, bonita e alegre desperta a paixão em três personagens.

Para encerrar, a novela *Senhora do Destino*, veiculada no horário nobre, apresenta a personagem Rita, uma mulata “arrasa quarteirão” que com sua beleza atormenta o taxista português, Constantino, assim como em *O Cortiço*, onde a homônima Rita encanta Jerônimo, um trabalhador também português, que acaba abandonando a família para viver ao lado de sua paixão. Na grande mídia e na literatura, a sua imagem é imutável. Como sugere a marcha carnavalesca de 1948, escrita por João de Barro e Antônio de Almeida: “branca é branca, preta é preta, mas a mulata é a tal”.

Em *O cortiço*, percebe-se que seu texto é fundamentalmente marcado pelo tema do preconceito racial. Sua produção literária não se caracteriza apenas como relato acerca da escravidão, dotado de um viés psicologizante, típico dos romances realistas naturalistas, mais que isso ela nos insere nas lógicas produzidas numa sociedade essencialmente marcada pela escravidão.

Apesar do romance ter sido publicado em 1890, com a escravidão já findada, não se deve ignorar que o planejamento e a escrita deram-se durante o período escravista. É possível depreender das suas entrelinhas aspectos que revelam a condenação da escravidão associada a uma visão otimista acerca do futuro das relações raciais no Brasil. O que se percebe em Azevedo é a gestação da idéia de "democracia racial", que décadas mais tarde ganharia argumentos sofisticados de Gilberto Freyre para explicar a formação da sociedade brasileira.<sup>124</sup>

Ao tentar reconstituir as experiências de vida dos habitantes de um cortiço em Botafogo, no final do século XIX, o autor apresenta uma narrativa otimista acerca da convivência entre brancos e negros onde a "economia moral"<sup>125</sup> produzida nas experiências cotidianas funciona como elemento harmonizador das relações interracialias.

A grande contribuição do texto é fornecer uma análise das personagens enquanto indivíduos constituintes de uma endogamia econômica. Nesse sentido, a obra recorre à construção de um "eu" coletivo – possível de ser entendido como a "nação" e seus múltiplos sujeitos e cores – metaforizado na figura do cortiço. A preocupação com a estrutura sócio-econômica marca profundamente o romance. Ao invés de apenas diferenciar geneticamente portugueses de negros e mestiços ou de italianos, Aluísio os enquadra na mesma estrutura: a do proletariado brasileiro com todos os seus dramas, estratégias, conflitos, disputas e alegrias.

A reconstituição do espaço urbano do Rio de Janeiro imperial está presente na obra. Personagens como Jerônimo, o imigrante português que vem para o Brasil com a esposa Piedade para melhorar de vida e se encanta por Rita Baiana, a mestiça bonita e faceira, e

---

<sup>124</sup> FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala*. São Paulo: Global, 2003.

<sup>125</sup> THOMPSON, E. P. A economia moral da multidão inglesa no século XVIII. In: *Costumes em comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1998, pp. 150-202.

João Romão, o taberneiro português aqui já estabelecido que aos poucos vai se aristocratizando as custas de Bertoleza, escrava ao ganho que o ajuda a enriquecer e depois é escorraçada, são leituras dos dilemas vivenciados por uma nação com futuro imprevisível.

A valorização do trabalho como forma de engrandecimento humano sintetiza as preocupações do processo de transição da escravidão para o trabalho livre.

Proprietário e estabelecido por sua conta, o rapaz [João Romão] atirou-se à labutação ainda com maior ardor, possuindo-se de tal delírio de enriquecer, que afrontava resignado as mais duras privações. Dormia sobre o balcão da própria venda, em cima de uma esteira, fazendo travesseiro de um saco de estopa cheio de palha. A comida arranjava-lhe, mediante quatrocentos réis por dia, uma quitandeira sua vizinha, a Bertoleza, crioula trintona, escrava de um velho cego residente em Juiz de Fora e amigada com um português que tinha uma carroça de mão e fazia fretes na cidade.<sup>126</sup>

A construção de papéis sociais femininos - intensificada no final do século XIX - também se configura como aspecto central. É nesse contexto, que as imagens de Bertoleza e Rita Baiana operam como importantes ferramentas para o mergulho histórico nos universos femininos do Rio de Janeiro.

No romance, Bertoleza é uma escrava ao ganho amásia de um carroceiro português que “puxando uma carga superior as suas forças, caiu morto na rua, ao lado da carroça, estrompado como uma besta”.<sup>127</sup> Sem o companheiro, a escrava procura ajuda de outro português, João Romão. Numa atitude da mais completa inocência, a cozinheira e quitandeira pede ao vendeiro para que ele guarde as economias arrecadadas para obtenção da liberdade.

Daí em diante, João Romão tornou-se o caixa, o procurador e o conselheiro da crioula. No fim de pouco tempo era ele quem tomava conta de tudo que ela produzia, e era também quem punha e dispunha dos seus pecúlios, e quem se encarregava de remeter ao senhor os vinte mil réis mensais.<sup>128</sup>

---

<sup>126</sup> AZEVEDO, Aluísio de, op. cit.

<sup>127</sup> Ibidem, p. 13.

<sup>128</sup> Ibidem, loc. cit.

João Romão lhe entrega um papel (escrito por ele mesmo) garantindo ser sua carta de alforria deixando Bertoleza radiante, pois além de ter sido libertada graças ao comerciante, “ele propôs-lhe morarem juntos, e ela concordou de braços abertos, feliz em meter-se de novo com um português, porque, como toda a cafuza, Bertoleza não queria sujeitar-se a negros e procurava instintivamente o homem numa raça superior a sua”.<sup>129</sup>

Esta euforia da liberta descortina a associação entre branqueamento, superioridade e progresso, característica do pensamento intelectual da virada do século. Para Bertoleza, uma ex-escrava, a chance de se juntar a um homem branco e formar uma família representava a possibilidade real e concreta de superar a condição de inferioridade imposta pela escravidão. A combinação entre “parvoíce”, submissão e fenótipo articula a feminegridade da “preta fedorenta”.<sup>130</sup>

Ela representava agora ao lado de João Romão o papel tríplice de caixeiro, criada e amante<sup>131</sup> (...) Bertoleza estendida na cama, roncava de papo para o ar, com a boca aberta, a camisa soerguida sobre o ventre, deixando ver o negrume das pernas gordas e lustrosas.<sup>132</sup>

Bertoleza é retratada como trabalhadora braçal nata devido ao seu comportamento resignado e subserviente atrelado a sua feiúra e ao seu mau cheiro: “não obstante, ao lado dele a crioula roncava, de papo para o ar, gorda, estrompada de serviço, tresandando a uma mistura de suor com cebola crua e gordura podre”.<sup>133</sup>

Em 1930, Jaime de Souza, trabalhador branco da construção civil é acusado de deflorar uma mulher negra. Durante a defesa, ele alega não ter namorado a vítima pois se tratava de uma “preta feia”.<sup>134</sup> Sua fala corresponde a uma feminegridade reservada às

<sup>129</sup> Ibidem, p. 14.

<sup>130</sup> Ibidem, p. 119.

<sup>131</sup> Ibidem, p. 15.

<sup>132</sup> Ibidem, p. 119.

<sup>133</sup> Ibidem, p.91.

<sup>134</sup> CAUFIELD, Sueann. *Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*. São Paulo: Editora da UNICAMP/ Centro de Pesquisa em História Social da Cultura, 2000, p. 298.

negras retintas como Bertoleza. Com um olhar mais atento percebe-se que o próprio nome da cozinheira muito informa a seu respeito. De acordo com o Aurélio, o substantivo Bertoleza significa “asneira, calinada, bernardice, besteira, parvoíce”.<sup>135</sup>

Bertoleza é que continuava na cepa torta, sempre a mesma crioula suja, sempre atrapalhada de serviço, sem domingo nem dia santo; essa, em nada, em nada absolutamente, participava das novas regalias do amigo; pelo contrário, à medida que ele galgava posição social, a desgraçada fazia-se mais e mais escrava e rasteira. João Romão subia e ela ficava cá embaixo, abandonada como uma cavaladura de que já não precisamos para continuar a viagem.<sup>136</sup>

Mesmo considerando o seu comportamento “bertoldo”, a leitura de Bertoleza apenas como uma mulher submissa e resignada é por demais limitada, pois não dá conta das diversas formas de luta e sobrevivência no rico universo das classes subalternas. Conforme já mencionado, não pretendo tratar especificamente das mulheres negras, mas considero importante enfatizar outras possíveis leituras sobre a conduta da personagem. Sua fala quando descobre que João Romão pretende se casar com a jovem Zulmira pode fornecer outras interpretações para seus atos.

Você está muito enganado, Seu João, se cuida que se casa e me atira à toa! Exclamou ela. Sou negra sim, mas tenho sentimentos! Quem me comeu a carne tem de roer-me os ossos! Então há de ver uma criatura entrar e sair ano, a puxar pelo corpo todo o santo dia que Deus manda ao mundo, desde pela manhãzinha até pelas tantas da noite, para ao depois ser jogada no meio da rua, como galinha podre?! Não! Não há de ser assim, Seu João.<sup>137</sup>

Enfatizo aqui um importante aspecto: o auto-reconhecimento de seu papel de trabalhadora livre e não mais de escrava. Nessa lógica, a vida a dois com o comerciante teria que lhe proporcionar benefícios. Ela demonstra consciência de sua condição humana, ressaltando seus sentimentos e atuando como agente; contrapondo-se a um contexto onde negro e mercadoria são naturalizados como sinônimos.

<sup>135</sup> HOLANDA, Aurélio Buarque de. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 251.

<sup>136</sup> *Ibidem*, p. 116.

<sup>137</sup> *Ibidem*, p. 166.

Bertoleza é, sem dúvidas, uma personagem multifacetada. Nem rebelde, nem submissa, mas consciente de seu papel social e daquilo que entendia como seus direitos. Considerava que a vida inteira “na lida” asseguraria uma velhice tranqüila. Não trabalhava única e exclusivamente para satisfazer o companheiro, mas também pensando no seu “dia de amanhã”.

Não hei de ser quitandeira até morrer! Preciso de um descanso! Para isso mourejei junto de você enquanto Deus Nosso Senhor me deu força e saúde! [...] Ora essa! Quero ficar a seu lado! Quero desfrutar o que nós dois ganhamos juntos! Quero a minha parte no que fizemos com o nosso trabalho! Quero o meu regalo, como você quer o seu!<sup>138</sup>

A consciência de que a “metade do bolo” tinha que ser sua, pois ambos possuíam os mesmos direitos focaliza elementos que abrem caminhos para interrogar a leitura clássica da resignação plena de Bertoleza. É interessante notar as expressões “minha parte” e “nosso trabalho” como representativas de códigos sociais das classes subalternas, onde os papéis sociais femininos não se restringiam apenas ao matrimônio e à maternidade, mas também ao trabalho e ao provento do lar.<sup>139</sup>

Ainda nessa lógica, outra fala de Bertoleza cria brechas para interpretações que extrapolam a da negra “suja”, “fedorenta” e “burra”. Em todos os trechos destacados, ela reforça sua condição humana e os direitos que lhes são legítimos. Ao contrário de uma visão estreita da produção literária naturalista clássica – onde as populações pobres são animalizadas – ela dá voz as suas vontades através da racionalização de duplo papel de companheira e trabalhadora.

[...] Agora eu não presto para nada! Porém, quando você precisou de mim não lhe ficava mal servir-se de meu corpo e agüentar a sua casa com o meu trabalho! Então a negra servia para um tudo; agora não presta para mais nada, e atira-se com ela no monturo do cisco! Não! Assim também Deus não manda! Pois se os cães velhos não se enxotam, por que me hão de pôr fora

<sup>138</sup> Ibidem, loc. cit.

<sup>139</sup> A respeito dos códigos sociais das classes subalternas ver CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2001.



desta casa, em que meti muito suor do meu rosto?... Quer casar, espere então que eu feche primeiro os olhos não seja ingrato.<sup>140</sup>

O final de Bertoleza também merece ser problematizado.

Num relance de grande perigo compreendeu a situação; compreendeu tudo com a lucidez de quem se vê perdido para sempre: adivinhou que tinha sido enganada; que a sua carta de alforria era uma mentira, e que o seu amante, não tendo coragem para mata-la, restituía-a ao cativo.<sup>141</sup>

O suicídio, quando pensado em conjunto com as atitudes comportamentais apresentadas torna possível uma outra leitura que não a da escrava resignada e submissa. Sem maiores aprofundamentos em torno dos debates sobre resistência individual e coletiva, o que fica marcado é a escolha consciente da recusa ao cativo, além da repulsa à traição.

No pólo oposto ao de Bertoleza encontra-se a mestiça Rita.

E viu a Rita Baiana, que fora trocar o vestido por uma saia, surgiu de ombros e braços nus, para dançar. A lua destoldara-se nesse momento, envolvendo-a na sua goma de prata, a cujo refulgir os meneios da mestiça melhor se acentuavam, cheios de uma graça irresistível, simples, primitiva, feita toda de pecado, toda de paraíso, com muito de serpente e muito de mulher.<sup>142</sup>

Rita Baiana simboliza a sensualidade, a vitalidade e a alegria. Sua descrição física é feita através do uso da sinestesia, figura de linguagem que mistura gostos e sensações. Ao descrevê-la, expressões como "peito cor de canela", "cheiro de manjerona" e "movimentos de cobra amaldiçoada" definem sua femineidade sexualizada.

Em Gregório de Mattos, poeta português do século XVII, as negras já aparecem como mulheres preferenciais no fornecimento dos prazeres carnais. Passados dois séculos, é a figura da mestiça que sintetiza os mitos de sexualidade - edificados desde o início do processo de colonização - acerca da beleza e da vitalidade sexual femininas como sugere a descrição dos encantos de Rita Baiana.

E lhe transtornou: o sangue [de Jerônimo] o cheiro animal da primeira mulher, da primeira mestiça, que junto dele sacudiu as saias e os cabelos. Naquela mulata estava o grande mistério, a síntese das impressões que ele recebeu chegando aqui: ela era a luz ardente do meio-dia; ela era

<sup>140</sup> AZEVEDO, Aluísio de, op. cit, p. 167.

<sup>141</sup> Ibidem, p. 175.

<sup>142</sup> Ibidem, p. 62.

o calor vermelho das sestras da fazenda; era o aroma quente dos trevos e das baunilhas, que o atordoara nas matas brasileiras; era a palmeira virginal e esquiva que se não torce a nenhuma outra planta; era o veneno e era o açúcar gostoso; era o sapoti mais doce que o mel e era a castanha do caju, que abre feridas como o seu azeite de fogo; ela era a cobra verde e traiçoeira, a lagarta viscosa, a muriçoca doida, que esvoaçava havia muito tempo em torno do corpo dele, assanhando-lhe os desejos, acordando-lhe as fibras embambedidas pela saudade da terra, picando-lhe as artérias, para lhe cuspir dentro do sangue uma centelha daquele amor setentrional, uma nota daquela música feita de gemidos de prazer, uma larva daquela nuvem de cantáridas que zumbiam em torno da Rita Baiana e espalhavam-se pelo ar numa fosforescência afrodisíaca<sup>143</sup>.

Quando se pensa em Rita Baiana, cânone literário da mulata sensual, não se deve desconsiderar a trajetória de seu criador, Aluísio de Azevedo, homem branco e burguês que além de literato seguiu a carreira diplomática. Em 1891, ano posterior à publicação de *O cortiço*, Azevedo foi nomeado Oficial-Maior de Negócios do Estado do Rio de Janeiro e em 1897 tornou-se membro da Academia Brasileira de Letras. Diante deste contexto, é preciso enfatizar que os códigos sociais que informam sua produção estão pautados no modelo feminino burguês.

Em artigo recente, Martha Abreu analisa a imagem das mulheres mulatas e morenas nas canções brasileiras entre 1890 e 1920 e ressalta que

um problema dos estudos que se dedicam ao tema, é a presença de uma certa convicção, através de uma análise pouco sistemática de músicas carnavalescas e provérbios populares, de que os estereótipos sobre a mulata presentes na literatura crúda estariam presentes da mesma forma entre os setores populares e a população negra em geral.<sup>144</sup>

Essa ressalva – aqui compartilhada – contribui para que as particularidades informadas por gênero, raça, classe, religião, etc. dos atores sociais – no nosso caso literatos (as) - ganhe relevância na reconstituição de experiências diferenciadas dentro de um dado contexto histórico.

Ao considerar essas especificidades, depreende-se que o padrão feminino burguês que se queria universal não informava isoladamente o cotidiano das populações negras e

<sup>143</sup> Ibidem, p. 62 et. seq.

<sup>144</sup> ABREU, Martha Campos. Sobre mulatas orgulhosas e crioulos atrevidos: conflitos raciais, gênero e nação nas canções populares (sudeste do Brasil, 1890-1920). Tempo, Rio de Janeiro, v. 16, p. 143-174, 2004.

pobres que tinham seus próprios códigos comportamentais para lazer, conduta, relações amorosas, etc como bem demonstrou Chalhoub.<sup>145</sup>

Contudo, não há como fugir do fato que os romances em especial os naturalistas, reforçam a imagem da mulata sensual, da negra prostituta, do mulato que ascende socialmente, mas está fadado ao fracasso, pois desperta o incômodo e o preconceito da sociedade branca, etc., pois “esta é a época em que a ciência serve de rótulo ao literato”.<sup>146</sup> Os fortes sinais de fragilidade da escravidão no final do XIX e o caráter do processo emancipatório reiteram o compromisso da literatura com a ideologia senhorial.

As populações descendentes de escravas continuam sendo descritas como devassas, promíscuas e amorais. Elas são recriadas no discurso burguês sob o rótulo de “classes perigosas” ao lado da população branca pobre.<sup>147</sup> Dentro da construção de uma identidade nacional racializada, homens e mulheres – negros, mulatos e mestiços foram interpretados como perigosa ameaça à honra nacional, à família e ao progresso devido ao seu comportamento repleto de vícios.

Sendo assim, as personagens mulatas e mestiças, são aqui entendidas a partir da racialização do gênero. Nas obras literárias, ao contrário do observado nas entrelinhas das canções **produzidas no interior das classes subalternas** o seu lugar cativo foi aquele da amoralidade e da promiscuidade herdada das senzalas. Seria a inevitabilidade do meio e a biologia determinando os comportamentos da raça negra e impedindo uma releitura destas fontes distanciada das hierarquias de gênero e de raça como produtoras de associações diretas entre cor escura e sexualização.

---

<sup>145</sup> CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2001.

<sup>146</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil. (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 31.

<sup>147</sup> Sobre a idéia de “classes perigosas” ver CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Este processo de racialização do gênero feminino sacramenta no pós-emancipação a alocação destas agentes fora do espaço higienizado do casamento. Eram mulheres bonitas, mas não higienizadas devido ao seu fenótipo, marcador físico da herança genética indesejável.

### **3.6 Coisa de pele**

A idéia original deste trabalho era observar como o cruzamento entre gênero e raça produzia estereótipos sempre ligados à lassidão moral e aos desvios de caráter no caso das personagens mulatas da literatura brasileira. Por mais que não houvesse grandes novidades nessa constatação, sentia a necessidade de continuar debruçada nessa questão.

Estava tudo muito bem delimitado: as mulheres mulatas vêm sendo historicamente tratadas e retratadas como mercadorias, objetos sexuais que representam apenas uma estrutura corpórea animalesca apresentada como “sexualidade exacerbada”. Durante os primeiros meses de investigação, não enxergava outro possível caminho reflexivo.

Via em personagens como Rita Baiana, Clara dos Anjos, Gabriela, Vidinha e tantas outras a confirmação de uma verdade “verdadeiramente absoluta”. O lugar ocupado por elas no imaginário de nossa contemporaneidade e a leitura dos romances e folhetins dos séculos XIX e XX falavam por si só. Além disso, minhas próprias experiências de mulher negra numa sociedade marcada pelos fortes ecos da raça e do gênero reforçavam esse pressuposto.

No entanto, tive vontade de conhecer outros romances literários da época para ampliar o meu elenco de “mulatas sensuais”. Em um dos encontros de orientação, fui então apresentada aos escritos de Júlia Lopes de Almeida que, por conta do cânone literário masculino desconhecia. Fiquei intrigada: o que será que essa Júlia escreveu? Como nunca

ouvi falar dela? Será que seus textos podem me ajudar? Essas e outras perguntas não saíam do meu pensamento.

No mesmo dia, fui à Biblioteca Nacional e diante das dezenas de obras que apareciam no nome da escritora, escolhi ler *A viúva Simões* que fora rapidamente mencionado no encontro. Já nos momentos iniciais da leitura, surgiu Ernestina, a viúva Simões, protagonista da estória. Tratava-se de uma personagem burguesa que atendia ao padrão feminino da mulher higienizada: bonita, educada, rica, saudável e, sobretudo, mãe zelosa e viúva exemplar.

Ainda nas primeiras páginas, uma mulatinha apareceu para cimentar minhas certezas. Simplícia era mentirosa, intrigueira, sedutora, oportunista, devassa, etc. De imediato pensei, pronto encontrei o que faltava, o triângulo estava pronto: Rita Baiana, Clara dos Anjos e agora Simplícia.

Contudo, no decorrer da leitura, a trajetória de Ernestina foi tornando-se cada vez mais racializada. Viúva, dedicava-se exclusivamente à filha, até que seu amor de juventude retorna da Europa e reacende seus antigos sentimentos e desejos inaceitáveis para uma mulher honrada.

Porém, meus holofotes não estavam no drama pessoal de Ernestina – tão típico das personagens folhetinescas da época. O que falava mais alto era sua taxionomia racial morena que “passava despercebida” como mero fenótipo no meio das não poucas questões tratadas por Júlia.

O que se colocava apenas como atributo fenotípico da viúva – a cor da sua pele – foi se constituindo no transcorrer da trama em elemento central para a construção de sua personalidade. Cada passagem e detalhe do texto evidenciavam como a morenice desempenhava papel chave nas justificativas para condutas desonradas e pecaminosas,

completamente distanciadas do comportamento higienizado. A imagem da viúva recatada perdia cada vez mais terreno para a da morena sensual, exuberante e irresistível, capaz de tudo para ficar ao lado do homem amado.

Quando percebi isso duas coisas me intrigaram. Em primeiro lugar, o fato de Ernestina ser uma representante nata da classe burguesa a colocava no extremo oposto de personagens como Rita Baiana e diversas outras mulatas pobres, canonizadas pela literatura como amantes e pecadoras. Segundo, a viúva não era mulata, mas sim morena. Definitivamente, Ernestina havia “bagunçado o coreto”. Rica e morena, por essa eu não esperava...

Depois do contato inicial, reli o romance pelo menos mais cinco vezes e, ancorada nas reflexões históricas e leituras historiográficas fui percebendo que o contato com Ernestina colocava-me à frente das múltiplas dimensões, significados e nuances embutidos no cruzamento de gênero e raça.

A opção restrita pelo estudo das mulatas precisou ser repensada. Afinal de contas, a viúva era morena. Assim, sua incorporação ao trabalho viabilizou a reflexão sobre a fluidez das categorias raciais, pois ao mesmo tempo em que apresentava todos as marcas associadas às mulatas pobres, tratava-se de uma mulher rica, porém morena.

Durante a pesquisa – especialmente após o exame de qualificação – as questões suscitadas pela viúva morena adquiriram protagonismo no trabalho. Para além de denunciar e reconstituir preconceitos e discriminações contra negras, mulatas, mestiças ou morenas percebi que era necessário demonstrar a construção e imposição de um “fenótipo comportamental” circunscrito a estas mulheres.

Do ponto de vista das classes hegemônicas, a mestiçagem feminina – morena, mulata ou mestiça – representou acima de tudo um comportamento social e não somente

um biótipo exótico e irresistível. Daí então a feminegridade e a sexualização como noções centrais para o descortinamento dos sentidos sociais das múltiplas peles escuras.

Através de *A viúva Simões* tornou-se possível reconstituir a produção de um modelo comportamental que encontrou no fenótipo seu principal argumento. Assim, para além das fronteiras poéticas, a “coisa de pele” se constituiu como ferramenta analítica imprescindível porque diz respeito à pele como texto mediador das relações sociais.

Sua utilização não se encerra nos matizes da pele, mas nas vastas leituras que essas tonalidades adquirem nos discursos intelectuais. Assim, essa “coisa de pele” foi se tornando eficaz para destrinchar os intensos sentidos da mestiçagem feminina, sentidos estes vinculados ao lugar social e aos códigos culturais de uma sociedade comprometida com a racialização da nação.

É possível captar sentidos da cor e da raça em outros escritos de Júlia como por exemplo suas crônicas no jornal *O Paiz* que, de forma geral, tratam de questões ligadas à modernização e ao crescimento da cidade do Rio de Janeiro. *Memórias de Martha*, folhetim publicado no jornal *Correio da Manhã*, traz a personagem Eulália, que ao contrário de Rita para quem “todos os dias são santos”<sup>148</sup>, era uma mulata muito trabalhadora, mas que se entrega facilmente a duas perdições: a paixão pelo samba e o vício pela cachaça.<sup>149</sup>

Nesses termos, Ernestina e Eulália não se constituem apenas como personagens ficcionais. Seus códigos comportamentais – trabalhados intensamente pela autora – informam sobre problemáticas ligadas à identidade nacional, à institucionalização dos papéis de gênero por políticas públicas perpetradas pelo Estado e fundamentalmente sobre

---

<sup>148</sup> AZEVEDO, Aluísio de, op. cit, p. 36.

<sup>149</sup> ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Memórias de Martha*. *A Tribuna Liberal*, 14 de dezembro de 1888, anno 1, n. 14.

o lugar social destinado às “mulheres de cor” no projeto de identidade nacional apresentado pela narrativa literária.

Dentro do contexto do gênero e da mestiçagem, o fato dos textos terem sido produzidos por uma mulher da classe burguesa como o foi Júlia Lopes também foi central. Sua trajetória mostra o engajamento com um modelo de nação capaz de garantir o sucesso da República a partir da organização familiar.

Por isso, consideramos também a imagem de Júlia assim como alguns aspectos de sua trajetória. Como vimos, o seu auto-retrato por si só é bastante polêmico. Apesar de ser mulher – sinônimo estrito de mãe e esposa na narrativa burguesa - ela tem livre acesso ao mundo público sem ser considerada o antipadrão da mulher higienizada.

Assim, a complexidade da mestiçagem feminina engloba questões ligadas à moral, à honra, à sexualização, à branquidade e a feminegridade dentro dos cenários de pós-emancipação e da edificação do nacional.

O mito das mestiças como agentes eróticas é recriado nos novos códigos culturais do pós-emancipação. Nos discursos intelectuais, elas são apresentadas como pecadoras natas devido à herança africana conjugada com os vícios herdados da escravidão; contudo, esta visão presente nas narrativas das elites não é universal.

A construção deste mito – melhor seria falar de **construções e mitos** pluralizando discursos e possibilidades de explicações históricas - não é assim tão linear e caricaturada, pois as estratégias tecidas por estas mulheres demonstram seus instrumentos de luta produzidos através de experiências e percepções destoantes do modelo feminino burguês.<sup>150</sup> Conforme constatado ao longo da pesquisa, é possível rastrear a gestação de vários

---

<sup>150</sup> CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2001.



cenários, experiências, imagens e representações – misturados entre si - como indicou a trajetória de Ernestina.

A articulação entre as relações raciais e de gênero é aqui encarada como palco privilegiado para a percepção dos conflitos sociais dentro do movimento da história. Não se trata apenas de denunciar ou desconstruir discursos – médicos, literários ou jurídicos – mas de conferir espaço e voz para visões conflitantes em torno da honra e da sexualidade das Ritas e Ernestinas aprisionadas nos discursos intelectuais.

Trata-se de (re) pensar seus sentidos políticos, sociais e culturais através de práticas, costumes e linguagens captados nas entrelinhas destes discursos. Dentro desta lógica, a idéia de uma “coisa de pele” extrapola as fronteiras do poético e ajuda a descortinar códigos culturais e processos sociais pautados na racialização das práticas e discursos sobre o feminino negro.

## Referências bibliográficas

### 1. Romances e crônicas

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *A viúva Simões*. Florianópolis: Edunisc, 1999.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Crônica publicada em *A mensageira*, 15 de novembro de 1897.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *Eles e elas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1910. (Coletânea de crônicas publicadas em O País nas colunas “Reflexões de um marido”, Reflexões de uma esposa” e “Reflexões de uma viúva”, de 1907 a 1909).

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *Memórias de Martha*. *A Tribuna Liberal*, 14 de dezembro de 1888, anno 1, n. 14.

\_\_\_\_\_. Manuel Antônio de. *Memórias de um Sargento de Milícias*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1969.

AMADO, Jorge. *Gabriela cravo e canela*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Iaiá Garcia*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1969.

AZEVEDO, Aluísio de. *O cortiço*. Rio de Janeiro: Click, 1998.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *O mulato*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1969.

BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. Rio de Janeiro: Klick Editora, 1998.

DOLORES, Carmem. *Ao esvoaçar da idéia*. Porto: Livraria Chardon, 1910.

FREITAS, Leopoldo de. Viúva Simões. *A mensageira*, n. 1. Ed. Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, Secretaria de Estado da Cultura, 1987, p. 85-6.

GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1969.

MORAES, Nascimento. *Vencidos e degenerados*. São Luis: Centro Cultural Nascimento de Moraes, 2000.

### 2. Textos de Lélia Gonzalez

GONZALEZ, Lélia. A importância da mulher negra no processo de transformação social. *Raça e Classe*, Brasília, v.2, n.5, nov./dez. 1988.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: SILVA, Luiz Antônio et alii. *Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos*. Brasília: ANPOCS, 1983, p. 223-244.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. O papel da mulher negra na sociedade brasileira: uma abordagem político econômica. In: SPRING SYMPOSIUM THE POLITICAL ECONOMY OF THE BLACK WORLD, 1979, Los Angeles, mimeo.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Cultura, etnicidade e trabalho: efeitos políticos e lingüísticos da exploração da mulher. In: ENCONTRO NACIONAL DA LATIN AMERICAN STUDIES ASSOCIATION, 1979, Pittsburgh, USA, mimeo.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Entrevista. *Jornal do Movimento Negro Unificado*, n.19, maio a julho, 1991.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: SILVA, Luiz Antônio Machado et alii. *Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos*. Brasília: ANPOCS, 1983, p. 223-244.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Alocução. *Afro-Asiático*, Rio de Janeiro: UCAM, n. 6-7, 1982.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. A categoria político-cultural da amefricanidade. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro: Editora Global, n. 9, p. 69-82, jan/jun de 1988.

### 3. Livros, periódicos, teses e dissertações

ABREU, Martha Campos. *Meninas perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Sobre mulatas orgulhosas e crioulos atrevidos: conflitos raciais, gênero e nação nas canções populares (sudeste do Brasil, 1890-1920). *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 16, p. 143-174, 2004.

AGUIAR, Neuma (Org.). *Gênero e Ciências Humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1997.

ARAÚJO, Joel Zito. *A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira*. São Paulo: Senac, 2000.

BARRETO, Raquel Andrade. *Enegrecendo o Feminismo ou Feminizando a Raça: narrativas de Libertação em Angela Davis e Lélia Gonzalez*. Rio de Janeiro, 2005. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

BARROS, Maria Lúcia Mott. *Submissão e resistência: a mulher na luta contra a escravidão*. São Paulo: Contexto, 1988.

CARNEIRO, Sueli. *Mulher negra: política governamental e a mulher*. São Paulo: Nobel/ Conselho Estadual da Condição Feminina, 1985.

BERNARDO, Teresinha. *Negras, mulheres e mães: lembranças de Olga de Alaketu*. São Paulo: EDUC; Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história*. São Paulo: UNESP, 1992.

CANDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Nacional, 1975.

CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (Org.). *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquidade e branqueamento no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2002.

CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados. O Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CARVALHO, Mariza Soares de. *Devotos da cor. Identidade étnica, religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CAUFIELD, Sueann. *Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*. São Paulo: Editora da UNICAMP/ Centro de Pesquisa em História Social da Cultura, 2000.

CAVALCANTI, Ionaldo A. *O mundo dos quadrinhos*. São Paulo: Edições Símbolo, 1977.

CAVENDISH, Márcia Wanderlei. *A voz embargada: imagem da mulher em romances ingleses e brasileiros do século XIX*. São Paulo: Edusp, 1996.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1996.

- CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2001.
- \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. e PEREIRA, Leonardo Afonso de M. (Orgs.). *A História contada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *Machado de Assis, Historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- CHAUÍ, Marilena. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Perseu Abramo, 2000.
- CHIAPPINI, Ligia (Org.). *Literatura e história na América Latina*. São Paulo: Edusp, Centro Angel Rama, 2001.
- COLLINS, Patricia Hill. *Black feminist thought. Knowledge, consciousness, and the politics of empowerment*. Nova York: Routledge, 1991.
- COSTA, Emília Viotti da. *Da senzala à colônia*. São Paulo: Livraria Ciências Humanas, 1982.
- \_\_\_\_\_. Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- DAVIS, Ângela. *Women, race and class*. New York: Random House, 1989.
- \_\_\_\_\_. Natalie Zemon. *Nas margens: a história de três mulheres do século XVIII*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1997.
- DEL PRIORE, Mary. *A mulher na História do Brasil*. São Paulo, Contexto, 1988
- \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *Ao Sul do Corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia*. Brasília: Rio de Janeiro: Edunb, J. Olympio, 1993.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- DUBY, Georges; PERROT, Michelle. (Org.). *História das mulheres no ocidente. O século XX*. Porto: Afrontamento; São Paulo: EBRADIL, 1994.
- ENGEL, Magali. *Meretrizes e doutores: o saber médico e a prostituição na cidade do Rio de Janeiro, 1845-1890*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- FIGUEREDO, Luciano. *O avesso da memória: cotidiano e trabalho da mulher nas Minas Gerais no século XVIII*. Rio de Janeiro: J. Olympio/EDUNB, 1993.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande e Senzal: formação da família brasileira sobre o regime da economia patriarcal*. Rio de Janeiro: Global, 2003.
- \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1985.
- GIACOMINI, Sonia Maria. *Mulher e escrava: uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1988.
- GILROY, Paul. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

- GINZBURG, Carlo. *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. (Org.). *A micro-história e outros ensaios*. São Paulo: Bertrand Brasil, 1991.
- GRAHAM, Sandra. *Proteção e obediência: criadas e seus patrões no Rio de Janeiro (1860-1910)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- HALL, Stuart. *Da diáspora. Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- HANCHARD, Michael George. *Orfeu e o poder: o movimento negro no Rio de Janeiro e São Paulo (1945-1988)*. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.
- HIRSCH, Marianne & KELLER, Evelyn Fox (Eds.). *Conflicts in feminism*. Nova York: Routledge, 1990.
- HOBSBAWN, E. J. *Sobre história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- HOLANDA, Aurélio Buarque de. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- KARASCH, Mary C. *A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808 – 1850)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1996.
- LEITE, Miriam L. Moreira (et alii). *A mulher no Rio de Janeiro no século XIX: um índice de referências em livros de viajantes estrangeiros*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1982.
- LE MOS, Rosália de Oliveira. *Feminismo negro em construção: a organização do movimento de mulheres negras no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 1997. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- LIMA, Ivana Stolze. *Cores, marcas e falas: sentidos da mestiçagem no Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003.
- MALIK, Kenan. *The meaning of race*. Londres: Mac Millan, 1996.
- MATTOS, Hebe Maria. *Das cores do silêncio: os significados de liberdade no sudeste escravista*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- MINTZ, S. & PRICE, R. *O nascimento da cultura afro-americana*. Rio de Janeiro: Pallas; Universidade Cândido Mendes, 2003.
- MOREIRA, Nadilza M. B. *A condição feminina em Júlia Lopes de Almeida e Kate Chopin*. São José do Rio Preto. Tese (Doutorado em Letras) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, 1998.
- NASCIMENTO, Elisa Larkin. *O sortilégio da cor: identidade, raça e gênero no Brasil*. São Paulo: Summus, 2003.
- NEGRO, A. L. & SILVA, Sérgio (Org.). *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 2001.
- ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

- PARKER, Richard. *Corpos, prazeres e paixões. A cultura sexual no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Best Seller, 1991.
- PEDRO, Joana Maria. *Mulheres honestas, mulheres faladas: uma questão de classe*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1994.
- QUEIROZ JÚNIOR, Teófilo. *Preconceito de cor e a mulata na literatura brasileira*. São Paulo: Ática, 1975.
- RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar, Brasil, 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- REIS, Adriana Dantas. *Cora: lições de comportamento feminino na Bahia do século XIX*. Salvador: FCJA; Centro de Estudos Baianos da UFBA, 2000.
- REIS, João José & SILVA, Eduardo. *Negociação e conflito. A resistência escrava no Brasil*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1988.
- ROEDIGER, David R. *The Wages of Whiteness: Race and the Making of the American Working Class*. Nova Iorque: Verso, 1991.
- SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SAMARA, Eni de Mesquita. *As Mulheres, o poder e a família no século XIX*. São Paulo: Marco Zero, 1989.
- SANTOS, Gislene Aparecida dos. *Mulher negra, homem branco: um breve estudo do feminino negro*. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.
- \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Selvagens, exóticos, demoníacos. Idéias e imagens sobre uma gente de cor preta. *Estudos Afro-Asiáticos*, ano 24, n. 2, p. 275-289, 2002.
- SAYERS, Raymond. *Onze estudos sobre literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1983.
- \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *O negro na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1958.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil. (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SEBE, José Carlos & MEIHY, Bom. *Antologia Pessoal Carolina Maria de Jesus*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1996.
- SLENES, Robert W. *Na senzala uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava, Brasil, século XIX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- SOIHET, Rachel. *Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana, 1890-1920*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1985.
- \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. & ABREU, Martha Campos. (Orgs.). *Ensino de história: conceitos, temáticas, metodologia*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.
- SOUZA, Marina de Mello e. *Reis negros no Brasil escravista*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro*. Rio de Janeiro: Graal, 1990.
- STEIN, Ingrid. *As figuras femininas nos romances de Machado de Assis*. Bonn, 1983. Tese (Doutorado).
- STOLCKE, Verena. *Racismo Y Sexualidad en La Cuba Colonial*. Madrid: Alianza America, 1992.

SUZANNET, Conde de. *O Brasil em 1845: semelhanças e diferenças após um século*. Rio de Janeiro : Casa do Estudante do Brasil, 1954.

TELLES, Edward. *Racismo à brasileira. Uma nova perspectiva sociológica*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Fundação Ford, 2003.

\_\_\_\_\_. Norma. *Encantações: escritoras e imaginação literária no Brasil, século XIX*. São Paulo, 1987. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *Miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

WRARE, Vron. (Org.). *Branquidade: identidade branca e multiculturalismo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

#### 4. Artigos em livros

BAIROS, Luiza. Lembrando Léia Gonzalez. In: WERNECK, Jurema et alii. *O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe*. Rio de Janeiro, Criola/Pallas, 2000, p. 42-61.

BENTO, Maria Aparecida. Institucionalização da luta anti-racismo e branquidade. In: HERINGER, Rosana. *A cor da desigualdade: desigualdades raciais no mercado de trabalho e ações afirmativas no Brasil*. Rio de Janeiro: Ierê/IFCS-UFRJ, 1999.

CARNEIRO, Sueli. A mulher negra na sociedade brasileira: o papel do movimento feminista na luta anti-racista. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). *História do negro no Brasil*. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2004, mimeo.

CHILDERS, Mary & hooks, bell. A conversation about race and class. In: HIRSCH, Marianne & KELLER, Evelyn Fox (Ed.). *Conflicts in feminism*. Nova York: Routledge, 1990.

DAMASCENO, Caetana Maria. Em casa de enforcado não se fala em corda: notas sobre a construção social da "boa" aparência no Brasil. In: GUIMARÃES, Antônio Sérgio & HUNTLEY, Lynn (Org.). *Tirando a máscara: ensaios sobre o racismo no Brasil*. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p. 165-199.

DUARTE, Constância Lima. O cânone literário e a autoria feminina. In: AGUIAR, Neuma (Org.). *Gênero e Ciências Humanas: desafio às Ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997, p. 85-94.

FONTES, Virginia. A questão nacional: alguns desafios para a reflexão histórica. In: MENDONÇA, Sônia & MOTTA, Márcia (Org.). *Nação e poder: as dimensões da história*. Rio de Janeiro, Niterói: EDUFF, 1998.

FRANKENBERG, Ruth. A miragem de uma branquidade não-marcada. In: WARE, Vron. (Org.). *Branquidade: identidade branca e multiculturalismo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004, p. 307-338.

GILLIAM, Angela. A black feminist perspective on the sexual commodification of women in the new global culture. In: MCCLAURIN, I. (Org.). *Black feminist anthropology. Theory, praxis, politics and poetics*. New Brunswick: Rutgers University Press, 2001.

- GINZBURG, Carlo. Provas e possibilidades à margem de “Il ritorno de Martin Guerre” de Natalie Zamon Davis. In: GINZBURG, Carlo. (Org.) *A micro-história e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.
- FIGUEREDO, Luciano. Mulheres nas Minas Gerais. In: PRIORE, Mary Del (Org.) *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto/UNESP, 1997, p. 141-188.
- FURTADO, Júnia Ferreira. “Pérolas Negras. Mulheres livres de cor no Distrito Diamantino”. In: FURTADO, Júnia Ferreira. *Diálogos Oceânicos: Minas Gerais e as novas abordagens para uma história do Império Ultramarino Português*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2001, p. 81-126.
- GOMES, Flávio dos Santos. “Amostras humanas”: índios, negros e relações interétnicas no Brasil colonial. In: REZENDE, Claudia Barcellos & MAGGIE, Yvonne (Orgs.). *Raça como retórica: a construção da diferença*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 27-72.
- HOBSBAWN, E. J. Etnia e nacionalismo na Europa de hoje. In: BALIKRISHNAN, Gopel (Org.). *Um mapa da questão nacional*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000, p. 271-282.
- HOCHMANN, Gilberto & LIMA, Nísia Trindade. Condenado pela raça, absolvido pela medicina: O Brasil descoberto pelo movimento sanitarista da Primeira República. In: MAIO, Marcos Chor & SANTOS, Ricardo Ventura. *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/CCBB, 1996, p. 23-40.
- KRAMER, Lloyd S. Literatura, crítica e imaginação histórica: o desafio literário de Hayden White e Dominick La Capra. In: HUNT, Lynn (Org.). *A nova história Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- MALIK, Kenan. O espelho da raça: o pós-modernismo e a louvação da diferença. In: WOOD, Ellen (et alii). *Em defesa da história: pós-modernidade e marxismo*. São Paulo: Boitempo, 2002.
- NASCIMENTO, Abdias; NASCIMENTO, Elisa Larkin. Reflexões sobre o Movimento Negro no Brasil, 1938-1997. In: GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo & HUNTLEY, Lynn. (Org.). *Tirando a Máscara: ensaios sobre o racismo no Brasil*. São Paulo: Paz e Terra/SEF, 2000, p. 203-236.
- RIBEIRO, Matilde. Antigas personagens, novas cenas: mulheres negras e participação política. In: BORBA, Ângela; FARIA, Nalu; GODINHO, Tatau (Org.). *Mulher e política: gênero e feminismo no Partido dos Trabalhadores*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998.
- RIO, João do. (Paulo Barreto). Um lar de artistas. In: *Momento literário*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1994.
- SCHWARTZ, Stuart B. A Historiografia recente da escravidão brasileira. In: SCHWARTZ, Stuart B. *Escravos, Roceiros e Rebeldes*. São Paulo: EDUSC, 2001, p. 21-82.
- SCOTT, Joan. A história das mulheres. In: BURKE, Peter. *A escrita da história*. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.
- SHARPE, Peggy. O caminho crítico d’a Viúva Simões. In: ALMEIDA, Júlia Lopes de. *A viúva Simões*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1999, p. 9-32.
- SLEENES, Robert. Senhores e subalternos no oeste paulista. In: ALENCASTRO, Luiz Felipe de; NOVAES, Fernando. *História da vida privada no Brasil. Império: a corte e a modernidade nacional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 233-290. Rachel, verifiquei que é apenas um “e” mesmo.
- SOIHET, Rachel. *Em avanços sutis as rupturas*. In: RIAL, Carmen Sílvia Moraes, TONELI, Maria Juracy Filgueiras. (Org.) *Genealogias do silêncio: feminismo e gênero*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2004, p. 159-169.



SOVIK, Liv. Aqui ninguém é branco: hegemonia branca e *media* no Brasil, In: WARE, Vron. (Org.). *Branquidade: identidade branca e multiculturalismo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004, p. 363-386.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, UNESP, 1997, p. 401-442.

THOMPSON, E. P. Lucha de classes sin classes, mimeo, p. 39-60.

VERDERY, Katherine. Para onde vão a nação e o nacionalismo. IN: BALAKRISHNAN, Gopel. *Um mapa da questão nacional*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000, p. 239-247.

## 5. Artigos em jornais, revistas e periódicos

ABREU, M. C. . Sobre mulatas orgulhosas e crioulos atrevidos: conflitos raciais, gênero e nação nas cañções populares (sudeste do Brasil, 1890-1920). *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 16, p. 143-174, 2004.

BAIRROS, Luiza. Orfeu e poder: uma perspectiva afro-americana sobre a política racial no Brasil. *Afro-Ásia*, Salvador: EDUFBA, n. 17, p. 173-186, 1996.

CARVALHO, Kátia de. A imprensa no Rio de Janeiro, anos 20: um sistema de informação cultural. *Ciência da Informação*, v. 24, n. 1, mimeo, 1995.

DECCA, Edgard Salvadori de. O que é romance histórico? Ou, devolvo a bola pra você, Hayden White. Campinas, Departamento de História – IFCH, mimeo, s/d.

FARGE, Arlette; LAGRAVE, Rose-Marie; PERROT, Michelle et alii. A história das mulheres. Cultura e poder das mulheres: ensaio de historiografia. Tradução de Rachel Soihet, Rosana Soares e Suely Costa. *Gênero: Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero*, Niterói: EdUFF, v. 2, n. 1, p. 5-30, 2 sem. 2000.

FRY, Peter H. Feijoada e Soul Food. *Cadernos de Opinião*, São Paulo, v. 4, p. 13-23, 1977.

HERINGER, Rosana. Governo Lula: primeiras realizações, novas expectativas. *Tempo & Presença*, n. 330, julho/agosto de 2003.

hooks, bell. Intelectuais negras. *Estudos Feministas/ Dossiê Mulheres Negras*, Rio de Janeiro: IFCS/ UFRJ, v. 3, n. 2, p. 464-478, 1995.

HOMENAGEM à Lélia Gonzalez. Lélia fala de Lélia. *Estudos Feministas*, Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, v. 2, n. 2, p. 383-386, 1994.

LARA, Sílvia Hunold. “Blowin in the Wind: E.P. Thompson e a experiência negra no Brasil”. Projeto História, São Paulo: EDPUC, n. 12, p. 43-56, outubro 1995.

LINEBAUGH, Peter. Todas as montanhas do Atlântico estremeceram. *Revista Brasileira de História*, n. 6, p. 07-46, set. 1983.

RIBEIRO, Matilde. Mulheres negras brasileiras: de Bertioiga a Beijing. *Estudos Feministas/Dossiê Mulheres Negras*, v. 3, n. 2, p. 446-457, Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 1995.

RICH, P. The long Victorian sunset: anthropology, eugenics and race in Britain (1900-1948). *Patterns of prejudice*, v. 3, n. 18, 1984.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Usos e abusos da mestiçagem e da raça no Brasil. *Estudos Afro-Asiáticos*, n. 18, p. 77-101, 1996.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise. *Educação e Realidade: Gênero e Educação*, Porto Alegre, v.15, n. 2, p. 71-99, jul/dez. 1990.

SOIHET, Rachel. A sensualidade em festa: algumas representações dos corpos femininos nas festas populares no Rio de Janeiro – séculos XIX e XX. *Diálogos Latinoamericanos*, Dinamarca: CLAS – Centro de Estudos Latinoamericanos, Universidade de Aarhus, v. 2, p. 92-114, 2000.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. O corpo feminino como lugar de violência. Projeto História, São Paulo: EDPUC, n. 25, p. 269-289, dez. 2002.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Comparando escritos: Júlia Lopes de Almeida e Carmen Dolores. In: *Caderno Espaço Feminino. Revista do Núcleo de Estudos de Gênero e Pesquisa sobre a mulher*, v. 9, n. 10/11, Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, p. 85-107, 2001/2002.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Sutileza, ironia e zombaria. Instrumentos no descrédito das lutas das mulheres pela emancipação. *Saúde Sexo e Educação*, Rio de Janeiro, v. 25, p. 24-34, 2001.

STOLCKE, Verena. Sexo está para gênero assim como raça está para etnicidade? *Revista de Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, n. 20, p. 101-117, 1991.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Mulheres invadidas: sexo, raça e classe na formação da sociedade colonial. *Revista de Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, n. 20, 1991.

WADE, Peter. Compreendendo a “África” e a “negritude” na Colômbia: a música e a política da cultura. *Revista de Estudos Afro-Asiáticos*, n. 21, p. 145-178, 2003.

## 6. Material eletrônico

BARRETO, Raquel Andrade. Uma carta para ti Lélia Gonzáles, saudades de quem não te conheceu. Rio de Janeiro, 2004. Disponível em <http://www.afirma.org.br> Acessado em 15/9/04.

CAMINHA, Pero Vaz de. Carta a El Rei D. Manuel, Dominus: São Paulo, 1963. Disponível em: [http://www.cultvox.locaweb.com.br/livros\\_gratis/a\\_carta.pdf](http://www.cultvox.locaweb.com.br/livros_gratis/a_carta.pdf) Acesso em 20/5/04.

COELHO, Nelly Novaes. A emancipação da mulher e a imprensa feminina (século XIX-século XX). Disponível em <http://www.kplus.cosmo.br/materia.asp> Acesso em 13/3/05.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Projeto de resolução que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: Ministério da Educação, 2004. Disponível em <http://www.mec.org.br> Acesso em 17/6/04.

CORREA, Mariza. Sobre a invenção da mulata. *Gênero e raça nos trópicos – leituras a partir do Brasil*. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp, s/d. CD-ROM.

FILHO, Antônio Jonas Dias. As mulatas que não estão no mapa. *Gênero e raça nos trópicos – leituras a partir do Brasil*. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp, s/d. CD-ROM.

MENDONÇA, Maria Helena. A cronista Carmem Dolores: o “gosto pela controvérsia”. Disponível em [http://www.geocities.com/ail\\_br](http://www.geocities.com/ail_br) Acesso em 7/3/05

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Parecer nº CNE/CP 003/2004. <http://www.mec.org.br> Acesso em 3/4/05.

PINHO, Osmundo de Araújo. “O sol da liberdade”: movimento negro e a crítica das representações raciais. Disponível em: <http://www.comciencia.br/reportagens/negros/15.shtml> Acesso em 10/01/04.

## **7. Trabalhos apresentados em congressos acadêmicos**

CÔRTEZ, Giovana Xavier da Conceição. Uma incursão histórica à literatura brasileira: pensando gênero e raça. Comunicação apresentada no XI Encontro Regional de História da ANPUH. Rio de Janeiro, UERJ, 2004.

FONTES, Mirella de Abreu. Júlia Lopes de Almeida: representações de uma mulher/escritora. Comunicação apresentada no X Encontro Regional de História da ANPUH. Rio de Janeiro, UERJ, 2002.

GOMES, Nilma L. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos e/ou resignificação cultural? Trabalho apresentado na XXV Reunião da ANPED. Caxambu, Minas Gerais, 2000.